

Daniel Antonio de Sousa Alves

Conflito e tradução: uma análise sobre as realizações linguísticas dos conflitos armados entre grupos litigantes no corpus paralelo *Grande Sertão: Veredas– The Devil to Pay in the Backlands*

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.
Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alves, Daniel Antonio de Sousa

Conflito e tradução: uma análise sobre as realizações linguísticas dos conflitos armados entre grupos litigantes no corpus paralelo Grande Sertão: Veredas - The Devil to Pay in the Backlands / Daniel Antonio de Sousa Alves ; orientadora, Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos - Florianópolis, SC, 2014.

212 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Linguística Sistêmico-Funcional. 3. Linguística de Corpus. 4. Tradução e conflito. 5. Grande Sertão: Veredas - The devil to pay in the backlands. I. Vasconcellos, Maria Lúcia Barbosa de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Daniel Antonio de Sousa Alves

Conflito e tradução: uma análise sobre as realizações linguísticas dos conflitos armados entre grupos litigantes no corpus paralelo
Grande Sertão: Veredas – The Devil to Pay in the Backlands

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 1º de dezembro de 2014

Profa. Dra Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Profa. Dra Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos
Orientadora

Profa Dra Elaine E. Baldissera
Hong Kong Polytechnic
University (Videoconferência)

Prof. Dr. Lincoln Fernandes
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Marcos Morgado
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Dra. Glória Gil
Universidade Federal de Santa
Catarina

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos (da Universidade Federal de Santa Catarina), pela disponibilidade, pelas orientações – realizadas pelos mais diferentes meios de contato – e pelo companheirismo.

Às professoras Viviane M. Heberle (da Universidade Federal de Santa Catarina) e Elaine Espindola Baldissera (da Hong Kong Polytechnic University), pelas leituras cuidadosas e pelas contribuições valiosas na etapa de Qualificação deste trabalho.

Às professoras Adriana Silvina Pagano e Célia Maria Magalhães (ambas da Universidade Federal de Minas Gerais), que me atenderam com presteza e boa vontade sempre que as procurei para conversar e pedir sugestões para este trabalho.

Aos professores Paulo da Luz Moreira (da Yale University) e Lincoln Fernandes (da Universidade Federal de Santa Catarina), sem os quais eu não teria conseguido construir o corpus desta pesquisa.

Aos professores Paul Simpson e Andrea Mayr (ambos da Queen's University Belfast) por terem me recebido, indicado rumos e dado sugestões, e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por ter possibilitado o contato por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

À Universidade Federal da Paraíba e aos colegas da instituição, pelo incentivo e por terem me possibilitado condições de realizar este trabalho; à Universidade Federal de Santa Catarina, pela realização do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução e pelo apoio em todos os momentos; e à Queen's University Belfast, que me forneceu meios para trabalhar na reta final desta pesquisa.

E a todos(as) que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, mas não estão aqui nomeados(as):

Seasons of Love

(Jonathan Larson)

Five hundred twenty five thousand six hundred minutes

Five hundred twenty five thousand moments so dear

Five hundred twenty five thousand six hundred minutes

How do you measure, measure a year?

In daylights, in sunsets

In mid nights, in cups of coffee

In inches, in miles, in laughter, in strife

In five hundred twenty-five thousand six hundred minutes

How do you measure, a year in the life?

How about love?

How about love?

How about love?

Measure in love

From this distant vantage point, the Earth might not seem of any particular interest. But for us, it's different.

Consider again that dot. That's here. That's home. That's us. On it everyone you love, everyone you know, everyone you ever heard of, every human being who ever was, lived out their lives. The aggregate of our joy and suffering, thousands of confident religions, ideologies, and economic doctrines, every hunter and forager, every hero and coward, every creator and destroyer of civilization, every king and peasant, every young couple in love, every mother and father, hopeful child, inventor and explorer, every teacher of morals, every corrupt politician, every superstar, every supreme leader, every saint and sinner in the history of our species lived there – on a mote of dust suspended in a sunbeam.

The Earth is a very small stage in a vast cosmic arena. Think of the rivers of blood spilled by all those generals and emperors so that in glory and triumph they could become the momentary masters of a fraction of a dot. Think of the endless cruelties visited by the inhabitants of one corner of this pixel on the scarcely distinguishable inhabitants of some other corner. How frequent their misunderstandings, how eager they are to kill one another, how fervent their hatreds.

Our posturings, our imagined self-importance, the delusion we have some privileged position in the universe, are challenged by this point of pale light. Our planet is a lonely speck in the great enveloping cosmic dark. In our obscurity – in all this vastness – there is no hint that help will come from elsewhere to save us from ourselves.

The Earth is the only world known so far to harbor life. There is nowhere else, at least in the near future, to which our species could migrate. Visit, yes. Settle, not yet. Like it or not, for the moment the Earth is where we make our stand.

It has been said that astronomy is a humbling and character-building experience. There is perhaps no better demonstration of the folly of human conceits than this distant image of our tiny world. To me, it underscores our responsibility to deal more kindly with one another, and to preserve and cherish the pale blue dot, the only home we've ever known.”

— Carl Sagan, *Pale Blue Dot: A Vision of the Human Future in Space*. Disponível em <http://youtu.be/4PN5JJDh78I>- Último acesso em 07/07/2014.

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo de caso sobre a construção experiencial do conflito armado travado pelos grupos litigantes apresentados no corpus paraleloconstituído pelos textos *Grande Sertão: Veredas* (de Guimarães Rosa) e *The Devil to Pay in the Backlands* (por James L. Taylor e Harriet de Onís). Com esse trabalho, a tese pretende contribuir para a proposta de Halliday (1998) ao investigar o conflito, enquanto experiência humanacotidiana, e também contribuir para os Estudos da Tradução, ao oferecer, à linha de estudos proposta por Baker (2005, 2006, 2007 e 2010), um método de investigação baseado na proposta de Pagano e Figueredo (2011). Os dados – que, para este trabalho, são levantados por meio do concordanciador *AntConc 3.2.4w* – apontam para uma construção experiencial do ente inimigo e da situação de confronto direto por meio de Participantes – o que lhes confere a característica de permanência no eixo temporal e a capacidade de participação em diversos Processos – especialmente em Orações Materiais, o que condiz com a natureza dos fenômenos. No que diz respeito às vitórias e derrotas (vistas nesta tese como desdobramentos das situações de confronto), os dados apontam para uma menor relevância dessas situações na narrativa em relação às situações de confronto, além de apontar para expectativas com carga semântica negativa sendo construídas em torno das vitórias obtidas nas situações de confronto direto – o que foge do padrão de expectativa desse fenômeno.

Palavras-chave: ESTUDOS DA TRADUÇÃO; LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL; LINGUÍSTICA DE CORPUS; TRADUÇÃO E CONFLITO; *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* // *THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS*

ABSTRACT

The dissertation herein presented investigates the linguistic construal of the armed conflicts, between disputing groups, portrayed in the novels *Grande Sertão: Veredas* (by Guimarães Rosa) and *The Devil to Pay in the Backlands* (by James L. Taylor and Harriet de Onís). The research follows the Hallidayan design of construing a grammar of daily life (Halliday, 1998), while investigating conflict as an instance of the human experience, and follows the research on conflict and translation founded by Baker (2005, 2006, 2007 e 2010), contributing to it by presenting the investigation method proposed by on Pagano and Figueredo (2011) as a methodology of analysis. The data – gathered by means of the software *AntConc 3.2.4w* – points to an experiential construal of the enemy and of the processes of confrontation as Participants in Material Clauses which are, thus, construed as permanent in the temporal axis and given the possibility of taking part in different Processes. The victories and defeats that result from the processes of confrontation are given less prominence in the narratives and the data points to a negative semantic connotation around the victories – which is differs from the patterns of expectancy usually related to such events.

Key-words: TRANSLATION STUDIES; SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS; CORPUS LINGUISTICS; TRANSLATION AND CONFLICT; *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* // *THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS*

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Reproduzido de Matthiessen (2009, p.49), em que o autor apresenta possibilidades de pesquisa a partir da Linguística Sistêmico-Funcional.....	26
Diagrama 2 – Elementos experienciais que compõem as figuras (<i>quanta</i> de mudança) das Orações, inspirado em Matthiessen (2014, p.222) e Halliday e Matthiessen (2004, p.176)	33
Diagrama 3 – Os tipos de Processos em inglês, reproduzido de Matthiessen (2014, p.216).....	35
Diagrama 4 – Configuração de Processos Materiais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.179-97)	40
Diagrama 5 – Configuração de Processos Mentais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.197-210)	45
Diagrama 6 – Configurações dos tipos de Processos Relacionais no modo Atributivo, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.210-48)	51
Diagrama 7 – Configurações dos tipos de Processos Relacionais no modo Identificativo, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.210-48)	52
Diagrama 8 – Configuração de Processos Comportamentais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.248-52)	54
Diagrama 9 – Configuração de Processos Verbais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.252-6)	57
Diagrama 10 – Configuração de Processos Existenciais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.256-9)	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Opção de busca avançada de linhas de concordância no software AntConc 3.2.4w.....	118
Figura 2 – Resultado do levantamento de linhas de concordância com o software AntConc 3.2.4w, com destaque, ao centro da tela, para os nódulos das buscas.....	119
Figura 3 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Circunstâncias entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do confronto em Português)	ix
Figura 4 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Participantes entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do confronto em Inglês).....	x
Figura 5 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Participantes entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do inimigo em Português).....	xi
Figura 6 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistas as sistematizações de resultados da classificação referente à construção experiencial do Confronto).....	xii

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Justificativas para exclusão de dados em língua portuguesa	131
Gráfico 2 – Justificativas para exclusão do dados em língua inglesa	131
Gráfico 3 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial do inimigo.....	138
Gráfico 4 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial do inimigo.....	139
Gráfico 5 – Participantes na construção experiencial do inimigo em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	142
Gráfico 6 – Participantes na construção experiencial do inimigo em <i>The devil to pay in the backlands</i>	143
Gráfico 7 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do inimigo	155
Gráfico 8 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial do confronto.....	158
Gráfico 9 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial do confronto.....	159
Gráfico 10 – Participantes na construção experiencial do confronto em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	162
Gráfico 11 – Participantes na construção experiencial do confronto em <i>The devil to pay in the backlands</i>	162
Gráfico 12 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do confronto	175
Gráfico 13 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial dos desdobramentos do confronto	178
Gráfico 14 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial dos desdobramentos do confronto	180
Gráfico 15 – Participantes na construção experiencial das resoluções / desdobramentos do confronto em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	182
Gráfico 16 – Participantes na construção experiencial das resoluções / desdobramentos do confronto em <i>The devil to pay in the backlands</i>	183
Gráfico 17 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial dos desdobramentos do confronto	186

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aspectos da realidade, Processos e seus Participantes – elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (2004, p.179-259) e de Matthiessen (2014, p.224-311)	36
Quadro 2 – Tipos de Circunstâncias, elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (2004, p.259-76) e de Matthiessen (2014, p.310-28).....	38
Quadro 3 – Tipos e modos de Processos Relacionais, adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p.216), com exemplos retirados do corpus desta pesquisa.....	50
Quadro 4 – Exemplos de linhas de concordância excluídas da análise, acompanhados das justificativas para suas exclusões	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações estatísticas sobre os textos que compõem o corpus.....	109
Tabela 2 – Nódulos de pesquisa investigados em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	115
Tabela 3 – Nódulos de pesquisa investigados em <i>The devil to pay in the backlands</i>	116
Tabela 4 – Resultados da delimitação dos dados	130
Tabela 5 – Participantes na construção experiencial do inimigo.....	141
Tabela 6 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do inimigo	154
Tabela 7 – Participantes na construção experiencial do inimigo.....	161
Tabela 8 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do confronto	174

SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
2. Arcabouço Teórico	21
2.1. Localização Teórica.....	22
2.2. A construção da experiência humana por meio da linguagem.....	31
2.2.1. Os Processos e seus Participantes	39
2.2.2. Circunstâncias	61
2.3. Investigações Sistêmico-Funcionais da experiência humana.....	69
2.3.1. A experiência da guerra construída por meio da gramática.....	72
2.3.2. A experiência da dor construída em três idiomas....	76
2.4. Fatores a serem considerados na caracterização de conflitos	81
2.5. Narratividade, conflito e tradução.....	91
3. Corpus e Método de investigação.....	99
3.1. Sobre o Corpus de Pesquisa.....	99
3.2. Preparação do corpus para análise	105
3.3. Método de pesquisa	111
3.3.1. Desenho metodológico.....	111
3.4. Levantamento de dados	113
3.4.1. Seleção de nódulos de pesquisa	114
3.4.2. Decisões de Pesquisa	120
3.5. Classificação dos dados selecionados para análise	126
4. Análise dos dados e Discussão	129
4.1. Resultados da delimitação dos dados.....	129
4.2. A construção experiencial do inimigo	137
4.3. A construção experiencial do confronto	157

4.4. A construção experiencial dos desdobramentos do confronto	178
5. Considerações finais	189
5.1. Indicações de pesquisas futuras	192
Referências	i
A 1. Anexos.....	ix

1. INTRODUÇÃO

Esta tese apresenta um estudo de caso sobre a construção linguística de conflitos armados, realizados por grupos litigantes representados em textos ficcionais escritos em português brasileiro e em inglês norte-americano. Para tanto, são analisados dados levantados a partir do corpus constituído pelos textos *Grande Sertão: Veredas* (originalmente escrito em português, por Guimarães Rosa) e *The Devil to Pay in the Backlands* (tradução do texto de Guimarães Rosa para o inglês, por James L. Taylor e Harriet de Onís). Os textos que compõem o corpus desta pesquisa são tratados como estando em relação de tradução, mas considerando-se que cada um foi produzido para ser lido de forma independente do outro. Com isso, trabalha-se com o texto em inglês como sendo escrito a partir de um texto anterior (o texto em português), mas evitam-se estabelecimentos de hierarquizações entre eles.

A análise aqui proposta toma a oração como unidade básica de análise, por considerá-la, assim como Halliday e Matthiessen (2004, p.10) o fazem, a unidade central de processamento, o *locus* em que “os diferentes tipos de significados são mapeados em uma estrutura gramatical integrada”¹. Reiterando a posição dos autores, Malmkjaer (2005) compara a oração ao som de uma orquestra – em que a completude da música é formada pelo conjunto de diferentes instrumentos, sendo possível ao(a) analista se concentrar em diferentes instrumentos de cada vez – e define a oração como “o *locus* para os três sistemas linguísticos que permitem às três funções serem realizadas”². O termo **oração** aqui empregado refere-se ao construto experiencial das metafunções, em que as Orações se constituem como *quantade* mudança, ou, como definem Halliday e Matthiessen (2004, p.169), como “uma figura ou configuração de um Processo, Participantes envolvidos nele e quaisquer Circunstâncias relacionadas”³.

Para o levantamento das Orações a serem aqui analisadas, são adotados procedimentos utilizados no contexto da Linguística de Corpus – isto é: a partir de um corpus compilado, corrigido e preparado para processamento por meio do software *AntConc 3.2.4w*, levantam-se linhas de concordância, nas quais se identificam as Orações com base no componente experiencial da Metafunção Ideacional segundo as categorias trabalhadas pela Gramática Sistemico-Funcional.

¹Todas as traduções apresentadas nesta tese, a menos que explicitado de forma diferente, são minhas e seguem acompanhadas de seus textos originais, apresentados em notas de rodapé. Neste caso, trata-se de um tradução do segmento: “(...) it is in the clause that meanings of different kinds are mapped into an integrated grammatical structure.”

² Tradução de Vasconcellos, Martins e Fernandes (2014), para o segmento “is the locus for the three linguistic systems which enable three functions to be realized”.

³ Tradução de Santos (2007, p.95) para o segmento “a figure, or configuration of a Process, Participants involved in it and any attendant Circumstances”.

Com o trabalho empreendido, esta tese pretende contribuir com os Estudos da Tradução, na linha proposta por Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) de análise de conflito e tradução – apresentada na seção 2.5. Com vistas a delimitar a proposta de análise, será dada ênfase à investigação dos conflitos armados, manifestados linguisticamente no corpus selecionado para esta pesquisa – não sendo analisadas outras formas de conflito (psicológicos/internos, ideológicos/políticos, etc.). A ênfase proposta se justifica por duas premissas: i) diferentes conflitos têm diferentes construções linguísticas – um conflito que se desenvolve na realidade interna dos indivíduos, por exemplo, tende a ser mais mental do que um desenvolvido na realidade externa – e ii) a delimitação da investigação tende a facilitar a identificação de padrões linguísticos nessas construções.

Duas observações precisam ser feitas em relação às filiações acadêmicas desta tese. A primeira delas diz respeito ao fato de a tese se filiar à proposta de Baker e buscar contribuir com os estudos sobre conflito em textos em relação de tradução, mas adotar a Linguística Sistêmico-Funcional (e teorias correlatas) como referencial teórico – diferentemente de Baker, que opta por adotar a teoria da narratividade de Somers e Gibson (1994)⁴ como ferramenta teórica. Essa decisão é baseada principalmente em dois fatores, a saber:

- a) diferentemente do trabalho de Baker, que busca fazer um registro narrativo de formas de conflito, esta tese tem por objetivo fazer uma análise linguística de uma instância específica de conflito em um discurso ficcional e necessita, portanto, de uma teoria que permita a execução de tal análise;

⁴ Seguindo as normas propostas pela Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, são apresentadas na seção de referências apenas os trabalhos acessados diretamente quando da elaboração desta tese. Trabalhos citados por outros autores, mas não trabalhados nesta tese e/ou não acessados em primeira mão, têm suas referências apresentadas em nota de rodapé – como neste caso, em que a ferramenta teórica adotada por Baker diz respeito ao trabalho:

- SOMERS, Margaret R. and GIBSON, Gloria D. ‘Reclaiming the Epistemological ‘Other’: Narrative and the Social Constitution of Identity’. In: Craig Calhoun (ed.), *Social Theory and the Politics of Identity*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 37-99, 1994

- b) o aporte teórico da narratividade, em sua interface entre os Estudos da Tradução, tem sido trabalhado por Baker em âmbitos de conflitos maiores (como guerras entre estados-nação, guerras que envolvem grandes organizações político-ideológicas, etc.) e carece de desenvolvimentos metodológicos no que diz respeito à sua aplicação em análises de outras esferas de conflito (como será mais bem desenvolvido na seção 2.5), ao passo que o método de pesquisa aqui adotado replica a proposta apresentada por Pagano e Figueredo (2011) e se respalda na interface entre a Linguística Sistêmico-Funcional e os Estudos da Tradução.

A segunda observação diz respeito ao fato de que, embora o tema ‘conflito’ seja um assunto caro a diferentes disciplinas e áreas do conhecimento (como a sociologia e a psicologia⁵, por exemplo), esta tese trabalha unicamente com a perspectiva de caracterizar o conflito linguisticamente, analisando sua construção experiencial com o aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional. Com isso, esta tese busca inserção na proposta de Halliday (1998, p.307) de construir uma gramática cotidiana – ou “*Grammar of daily life*”, nos termos usados pelo autor – ao investigar um aspecto da experiência humana.

Guiam esta tese as seguintes perguntas de pesquisa:

- Como o conflito armado é realizado experiencialmente (em termos das funções Participante, Processo, ou Circunstância) no corpus desta pesquisa?
- O que a configuração experiencial do conflito diz sobre a construção da relação ‘transitoriedade’ (representada pelos Processos) versus ‘permanência’ (representada pelos Participantes) dessa experiência?
- Que perfil experiencial emerge da análise do conflito no corpus (quando se analisa o sistema de transitividade)?

⁵ O que pode ser exemplificado por trabalhos como:

- RUSSELL, Bertrand. *Power: a new social analysis*. London: Routledge, 1996 (1ª Ed. 1938).
- SIMMEL, George. *Conflict And The Web Of Group Affiliations*. New York: The Free Press, 1964 (1ª Ed. 1955).
- TROPP, Linda (Ed.). *The Oxford Handbook of Intergroup Conflict*. New York, NY: Oxford University Press, 2012.

- Que padrões linguísticos emergem da análise das instâncias investigadas?

Para responder a essas perguntas, esta tese está organizada em seis capítulos, além desta introdução, dispostos da seguinte forma:

O segundo capítulo apresenta o arcabouço teórico da tese, discutindo: i) aspectos relativos às interfaces estabelecidas entre a Linguística de Corpus e a Linguística Sistêmico-Funcional nos Estudos da Tradução; ii) questões relativas ao conceito de conflito; iii) trabalhos recentes de Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) – que adota a teoria da Narratividade para analisar o conflito em textos apresentados em relação de tradução –; iv) trabalhos sobre a construção da experiência humana por meio da linguagem, explorando a hipótese das Metafunções, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, dando ênfase à Metafunção Ideacional, em seu componente experiencial e, por fim, v) estudos sobre a construção da experiência da dor em três idiomas (Inglês, Português Brasileiro e Espanhol Argentino) – embora a dor, em si, não faça parte do escopo de investigação da tese aqui desenvolvida, os trabalhos são importantes por mostrarem a viabilidade da investigação de fenômenos cotidianos e por guiarem os métodos de pesquisa adotados nesta tese.

O terceiro capítulo apresenta o corpus investigado e o método de pesquisa. No capítulo, são apresentadas informações contextuais sobre o corpus, justificativas para a escolha dos textos que o compõem e os procedimentos adotados para preparação do corpus e análise por meio do software *AntConc 3.2.4w*. Na sequência, são apresentados o desenho metodológico da pesquisa – que se alinha à proposta delineada por Pagano e Figueredo (2011, p.296) para investigação de âmbitos da experiência humana –, as decisões de pesquisa e os critérios de classificação dos dados selecionados para análise – baseados na Linguística Sistêmico-Funcional.

O quarto capítulo apresenta a análise de dados e discussão, em que são analisadas 486 linhas de concordância (221 em língua portuguesa e 265 em língua inglesa), com vistas a investigar como são construídos experiencialmente: a) o inimigo; b) a situação de confronto direto; e c) os desdobramentos dos confrontos. No capítulo, são discutidos os trabalhos de levantamento e de delimitação dos dados a serem analisados; e também são analisadas i) a predominância de Orações Materiais na construção do conflito, ii) a construção do inimigo como Ator, do confronto como Ator e Meta e o fato de as resoluções do conflito aparentemente apresentarem menor relevância para a narrativa do que o confronto em si.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho, em que são retomadas as possíveis leituras dos dados e são feitas indicações de futuras pesquisas, apontando ideias para desenvolvimentos a partir desta pesquisa, recapitulando pontos não desenvolvidos na tese (por fugir do escopo da proposta), e sugerindo pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir do corpus e do referencial teórico aqui trabalhados.

2. ARCABOUÇO TEÓRICO

Campo Disciplinarestabelecido a partir da fala de James Holmes no 3º Congresso Internacional de Linguística Aplicada, em 1972(publicada em 1988 e resgatada em 2000, com a publicação do *Translation Studies Reader*, por Lawrence Venutti), os Estudos da Tradução vêm mostrando, desde sua gênese, caráter fortemente interdisciplinar. Logo em sua apresentação, na proposta de Holmes, os **Estudos da Tradução** são definidos “como uma designação coletiva e inclusiva para todas as atividades de pesquisa que têm os fenômenos de tradução em sua base ou como foco”⁶ (HOLMES, 2000, p.176).

⁶ “as a collective and inclusive designation for all research activities taking the phenomena of translating and translation as their basis or focus”.

Essa característica de interdisciplinaridade pode ser vista como uma das mais marcantes dos Estudos da Tradução. Toro (2007, p.9-10), por exemplo, aponta que a disciplina “estabelece relações com a linguística, os estudos culturais, a filosofia, a ciência da informação, etc.”⁷ e Vasconcellos (2009) destaca a mesma característica, mas apontando que o fenômeno tradutório se encontra na interface entre os códigos linguísticos, literários e culturais. Independentemente das formas como diferentes estudiosos(as) veem as interdisciplinaridades estabelecidas nos Estudos da Tradução, é possível apontar que o fenômeno tradutório – investigado no campo disciplinar – ancora-se fortemente na linguagem. Nesse sentido, Malmkjaer (2005) chega a argumentar que existe comunicação mútua entre os Estudos da Tradução e estudos linguísticos (em geral) e se apoia em Jakobson (1967)⁸ para postular a impossibilidade de se analisarem espécimes linguísticos sem antes traduzi-los sob a forma de signos (seja dentro de um mesmo sistema, seja para outro sistema linguístico) –, o que justifica a utilização de ferramentas de análises advindas de modelos linguísticos funcionais para analisar e descrever o fenômeno tradutório – considerando aqui a preocupação das teorias linguísticas funcionais com os usos da língua.

A próxima subseção inicia a discussão sobre um ramo específico dos Estudos da Tradução: o da interface entre a Linguística de Corpus, os Estudos da Tradução e a Linguística Sistêmico-Funcional.

2.1. LOCALIZAÇÃO TEÓRICA

Esta seção discute as interfaces entre a Linguística Sistêmico-Funcional, a Linguística de Corpus e os Estudos da Tradução – espaço em que esta tese se insere. A discussão tem início a partir da apresentação da Linguística de Corpus e aborda o reconhecimento de autores como Vasconcellos e Pagano (2005) e Matthiessen (2009) quanto às contribuições que esse ramo da linguística traz para investigações sistêmico-funcionais da linguagem.

⁷ “It is, by nature, a multilingual but also interdisciplinary field of study since establishes relationships with linguistics, cultural studies, philosophy, the information sciences, and so forth”.

⁸JAKOBSON, Roman. ‘On Linguistic Aspects of Translation’. In: REUBEN A. Brower (Ed.), *On Translation*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1967. p.232-239.

A Linguística de Corpus⁹ vem sendo desenvolvida desde a década de 1960 e tem ganhado, nas últimas décadas, espaço em pesquisas em tradução, graças à popularização da informática e ao avanço tecnológico dos recursos computacionais. De orientação empírica por trabalhar com textos autênticos, compilados seguindo critérios previamente definidos, a **Linguística de Corpus** se caracteriza pela busca de padrões de linguagem a partir de textos em formato eletrônico, com o auxílio de ferramentas computacionais. Para tanto, são utilizados softwares especializados – como *WordSmith Tools*¹⁰, *AntConc*, *ParaConc*¹¹, etc. – que permitem investigações de evidências textuais que podem servir de apoio à formulação de descrições linguísticas. Tais investigações podem ser feitas com diferentes graus de intervenção humana (resultando em modalidades de análise que podem ser descritas como de manual, passando por semiautomática ou automática) e segundo diferentes interfaces com outras teorias linguísticas.

⁹ Embora os métodos de pesquisa baseados na Linguística de Corpus sejam importantes para esta tese e embora esta seção apresente conceitos da Linguística de Corpus que são aqui empregados, não é objetivo deste trabalho promover uma discussão detalhada da área, de seus desenvolvimentos e do espaço que ela ocupa no panorama linguístico atual. Para tal discussão (sobre a Linguística de Corpus e o seu espaço no panorama linguístico atual), sugiro consulta a trabalhos como os de:

- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- MACIEL, A. M. B. ‘Novos horizontes para o ensino do léxico’. In: *Revista Língua e Literatura*. v. 6 e 7, n°10/11, 2004/2005: p.123-130,. Disponível em: <http://goo.gl/65vcw> - Último acesso em: 22/11/2012.

¹⁰ SCOTT, Mike. *WordSmith Tools 5*. Liverpool: Lexical Analysis Software - disponível em: <http://www.lexically.net/wordsmith/> - último acesso em 29/05/2014.

¹¹ *Paraconc – Athelsan* - disponível em: <http://www.athel.com/para.html> - último acesso em 29/05/2014.

Uma das vantagens em se estudar textos a partir de ferramentas da Linguística de Corpus, como apontam Silva, Vasconcellos e Fernandes (2009) está no fato de tais análises possibilitarem a identificação de padrões e características textuais não facilmente perceptíveis por meio da observação (ou da intuição) humana pura. O exemplo trabalhado pelos autores, para mostrar como ferramentas da Linguística de Corpus revelam padrões não perceptíveis a olho nu é a prosódia semântica dos itens lexicais gato/cat no corpus paralelo *The Black Cat/O Gato Preto*. A **prosódia semântica**, como apontam os autores, diz respeito às atitudes e avaliações que podem ser atribuídas a um item lexical devido a sua proximidade, ou repetição consistente, com outros itens lexicais (positivos, negativos ou neutros) em determinadas situações pragmáticas. Em sua investigação, Silva, Vasconcellos e Fernandes (2009) mostram que a carga semântica do item lexical ‘gato’ é mais neutra na tradução do que o item lexical ‘cat’ apresenta no texto original – o que gera, segundo os autores, diferentes percepções avaliativas da construção do gato nos contos em português e em inglês.

Uma importante interface estabelecida pela Linguística de Corpus se dá com a Linguística Sistêmico-Funcional: Vasconcellos e Pagano (2005), por exemplo, resgatam as contribuições da Linguística de Corpus para a interface entre a Linguística Sistêmico-Funcional e os Estudos da Tradução. Enfatizando a adequação das ferramentas de corpora (e os dados relativamente confiáveis que tais ferramentas permitem levantar) à pesquisa linguística em tradução, as autoras promovem uma criteriosa revisão de trabalhos que analisam corpora sob uma abordagem sistêmica, tanto em nível nacional quanto em nível internacional. Em nível internacional, Vasconcellos e Pagano (2005) destacam o trabalho de Munday (1998)¹² – que investiga a organização temática de um corpus paralelo –, e de Maia (1998)¹³ – que analisa o uso dos pronomes ‘eu’ e ‘I’ em um corpus paralelo e comparável em português e inglês. Em nível nacional, Vasconcellos e Pagano (2005) destacam trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto CORDIAL (Corpus Discursivo para Análises Linguísticas e Literárias), desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais e do NUT (Núcleo de Tradução) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Outro teórico que reconhece as contribuições do desenvolvimento da Linguística de Corpus para a pesquisa linguística é Matthiessen (2009). Ao discutir os rumos da Linguística Sistêmico-Funcional, especialmente no que diz respeito à análise de textos e à descrição da linguagem, Matthiessen (2009, p.48-9) afirma que existem gradações entre a análise de textos e a teoria linguística. Representando visualmente sua articulação sobre as dimensões teóricas da Linguística Sistêmico-Funcional, o autor apresenta o seguinte diagrama (em inglês):

¹² MUNDAY, J. ‘Problems of applying thematic analysis to translation between Spanish and English’. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, n.3, p.183-214, 1998.

¹³ MAIA, B. ‘Word order and the first person singular in Portuguese and English’. In: *Meta*, v.43, n.4, p.589-601, 1998.

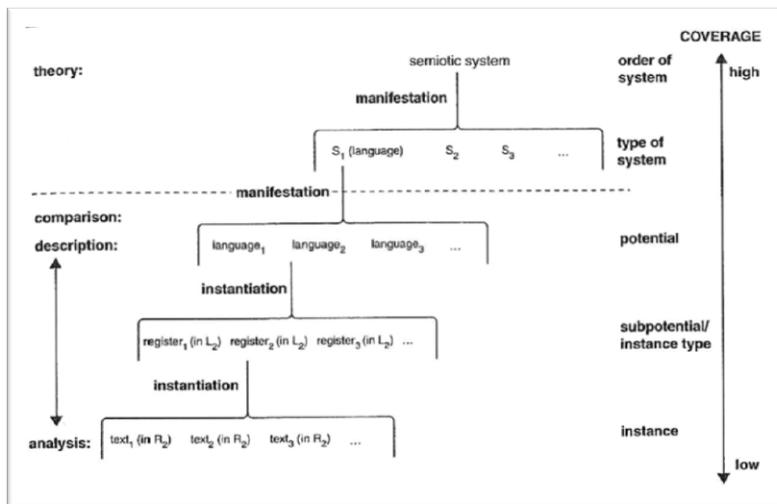


Diagrama 1 – Reproduzido de Matthiessen (2009, p.49), em que o autor apresenta possibilidades de pesquisa a partir da Linguística Sistêmico-Funcional

No diagrama, Matthiessen (2009) apresenta as diferentes possibilidades de pesquisa linguística a partir da Linguística Sistêmico-Funcional, a saber:

- a **análise de textos** (que opera em instâncias da linguagem em seu contexto);
- a **descrição linguística** (que opera no nível dos potenciais oferecidos por uma língua em diferentes contextos);
- a **análise e descrição** (como níveis complementares, focalizados em diferentes polos da curva de instanciação);
- a **comparação** (que opera no nível dos potenciais de duas ou mais línguas e seus respectivos contextos de cultura); e
- a **teoria** (que opera como um sistema semiótico da língua, diferenciando-a de outros sistemas semióticos)

A partir dessa proposição, Matthiessen (2009) reconhece as contribuições da Linguística de Corpus para a análise de textos (como fonte de substratos tanto de pequenos fragmentos textuais) e para a descrição linguística (graças aos recursos que oferece para processar grandes volumes de textos).

Para citar alguns exemplos de trabalhos desenvolvidos na interface entre a Linguística de Corpus e a Linguística Sistêmico-Funcional (e teorias que dialogam com a Linguística Sistêmico-Funcional), são apresentados a seguir os trabalhos de Feitosa (2005), Fleuri (2006), Pires (2009) e Assis (2009), selecionados nesta seção por demonstrarem a produtividade e o desenvolvimento do diálogo, bem como por apresentarem a capacidade da interface em possibilitar a detecção de padrões linguísticos.

Feitosa (2005) propõe um **Código de Rotulação Sistêmico-Funcional (CROSF)**, cujo objetivo é padronizar as anotações utilizadas em trabalhos que adotam a Linguística Sistêmico-Funcional como aporte teórico de suas investigações. Tais **anotações** se referem, como aponta o autor, ao “processo de se adicionar dados a um corpus” (FEITOSA, 2005, p.37) – dados esses que podem conter informações relacionadas a classes de palavras, funções sintáticas, categorias linguísticas e outras. Os principais objetivos do código de rotulação proposto por Feitosa são: a) acelerar o processo de anotação de corpora; b) reduzir a quantidade de erros decorrentes do processo de anotação de corpora; e c) facilitar o diálogo entre as pesquisas que investigam a organização temática, tendo a Linguística Sistêmico-Funcional como referencial teórico. Mais do que a proposta de Feitosa (2005) em si, destaco os desenvolvimentos e desdobramento de seu trabalho, como Feitosa (2006)¹⁴, Feitosa (2009)¹⁵, Fleuri (2006) e de Pires (2009), que empregam e desenvolvem o CROSF em seus desenhos metodológicos – o que indica a evolução do trabalho e o estabelecimento de um diálogo acadêmico.

¹⁴ FEITOSA, M. ‘Developing and Applying CROSF: A Numeric Code Proposed for Corpora Annotation, Based on Halliday’s Systemic Functional Grammar’. In: *Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress*. 2006 Disponível em: <http://goo.gl/GV0iM> - Último acesso em 02/12/2012.

¹⁵ FEITOSA, M. P. *Legendagem comercial e legendagem pirata: um estudo comparado*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

Fleuri (2006) investiga perfil ideacional que emerge da análise de ‘translator’ e ‘tradutor’ no corpus paralelo formado por *Translators Through History* (escrito por Jean Delisle e Judith Woodsworth e publicado em 1995) e *Os Tradutores na História* (traduzido por Sérgio Bath e publicado em 2003). Adotando, e ampliando, o Código de Rotulação Sistemico-Funcional proposto por Feitosa (2005), a autora analisa os tipos de Processos em que ‘translator’ e ‘tradutor’ estão envolvidos e os padrões de transitividade relativos a esses nódulos de pesquisa (ou palavras de busca das quais o usuário tem interesse em obter uma linha de concordância, como aponta Berber Sardinha, 2004). A investigação mostra que são semelhantes os perfis ideacionais de ‘translator’ e ‘tradutor’ nos dois textos investigados: ambos ocorrem majoritariamente em Orações Materiais (49,4% no texto em inglês e 52,6% no texto em português) e em Orações Relacionais (30,6% em inglês e 27,7% em português) – o que indica, segundo a autora, que no corpus investigado “o tradutor experiencia o mundo externo principalmente através dos Processos Materiais [e, em] segundo plano, o tradutor é frequentemente relacionado a outros elementos” (Fleuri, 2006, p.120 – grifo da autora).

Pires (2009) também realiza uma investigação de perfil ideacional de personagem ficcional, utilizando a proposta metodológica do Código de Rotulação Sistemico-Funcional para efetuar a marcação das categorias linguísticas. Trabalhando com o corpus paralelo *Flores Raras e Banalíssimas* (Oliveira, 1995) e *Rare and Commonplace Flowers* (Besner, 2002), o autor investiga os padrões em torno de ‘Bishop’ – de forma a entender como se dá a construção experiencial da personagem Elizabeth Bishop, na biografia ficcional. Em sua análise, o autor identifica semelhanças na construção da personagem nos dois textos, sendo empregadas principalmente Orações Materiais (43% dos casos, tanto em português quanto em inglês) e Orações Mentais (31% dos casos em português e 30% dos casos em inglês); apesar das semelhanças numéricas encontradas, o autor identifica que em português a personagem experiencia o mundo de forma mais ativa por meio de Processos Materiais, ao passo que em inglês a personagem é construída por meio de avaliações que são atribuídas a ela.

Por fim, Assis (2009) desenvolve, a partir da proposta de van Leeuwen (1996)¹⁶, uma comparação das representações dos atores sociais¹⁷ no corpus paralelo composto pela novela *Heart of Darkness* (de Joseph Conrad) e por duas traduções para o português brasileiro: uma, de Marcos Santarrita, publicada em 1984 e outra, de Celso M. Paciornik, publicada em 2002. Motivado, entre outros fatores, pela investigação de questões ligadas a representações raciais e de poder, Assis (2009) promove sua investigação a partir do **alinhamento** dos três textos que compõem seu corpus de pesquisa – isto é, a partir da organização dos textos de forma que cada segmento do texto original seja seguido de seu respectivo segmento no texto traduzido. Para investigar a representação de atores sociais, Assis (2009) adota um protocolo de anotação desenvolvido a partir de Van Leeuwen (1996) e analisa:

- i) como as categorias de descrição textual apresentadas em Van Leeuwen (1996) são realizadas em português;
- ii) como europeus e africanos são representados em seu corpus; e
- iii) as escolhas dos diferentes tradutores para lidar com as representações dos diferentes atores sociais.

Dentre as conclusões de Assis (2009), destacam-se as observações de que tanto europeus quanto africanos têm representações desfavoráveis nos textos que compõem o corpus da pesquisa, embora a representação de africanos seja mais desfavorável que a de europeus. Também se destaca a forma como a teoria adotada permite evidenciar a construção dos europeus como seres conscientes e a construção dos africanos como seres primitivizados – o que, na narrativa, funciona como um recurso de legitimação da subjugação dos africanos pelos europeus.

¹⁶ VAN LEEUWEN, T. ‘The representation of social actors’. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds). *Texts and Practices: readings in Critical Discourse Analysis*. London & New York: Routledge, 1996. p.32-70.

¹⁷ Os **atores sociais** – grafados com letras minúsculas neste segmento para diferenciação com os Atores (Participantes que realizam Processos Materiais) e por ser a grafia adotada por Assis (2009) – dizem respeito aos Participantes que realizam práticas sociais, em discursos contextualizados social e ideologicamente. Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, no entanto, sugiro consulta aos trabalhos de Van Leeuwen (1996) e Assis (2009).

Além dos trabalhos de Feitosa (2005), Fleuri (2006), Pires (2009) e Assis (2009), ainda pode ser citado, como indicativo da produtividade da interface entre os Estudos da Tradução, a Linguística de Corpus e a Linguística Sistêmico-Funcional, o estudo bibliométrico de Alves e Vasconcellos (no prelo). No trabalho, os autores “se propõe a mapear os Estudos da Tradução no Brasil no fim da primeira década de 2000” e identificam a Linguística de Corpus como uma das principais orientações metodológicas adotadas por pesquisadores(as) brasileiras(as). Segundo Alves e Vasconcellos (no prelo), no espaço-temporal investigado, 17,5% das teses e dissertações adotam metodologias, referenciais teóricos e princípios da Linguística de Corpus – um percentual elevado, considerando-se o elevado número de áreas (e possibilidades) de investigação dentro do campo disciplinar. Dessas pesquisas que adotam referenciais, metodologias e princípios da Linguística de Corpus, destacam-se nos dados dos autores o percentual de pesquisas que adotam a Linguística Sistêmico-Funcional como referencial teórico: 36% – o que reforça a produtividade da interface entre os Estudos da Tradução, a Linguística de Corpus e a Linguística Sistêmico-Funcional.

Na próxima seção, são apresentados aspectos da Linguística Sistêmico-Funcional¹⁸ que impactam diretamente neste trabalho, a saber: a Metafunção Ideacional, em seu componente experiencial, realizado pelo Sistema de Transitividade. Nessa apresentação, será dada ênfase às ferramentas que a Linguística Sistêmico-Funcional oferece para análises da construção da experiência humana por meio da linguagem.

¹⁸ A menos que informado de forma diferente, adotam-se aqui as traduções de termos da Linguística Sistêmico-Funcional propostas pelo grupo de discussão gsemporugues@egroups.com e divulgadas no endereço eletrônico <http://goo.gl/qGRDN> - último acesso em 22/04/2013.

2.2. A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA POR MEIO DA LINGUAGEM

Desde seus primórdios, a Linguística Sistêmico-Funcional vem se configurando como um aparato linguístico preocupado com a investigação da linguagem em contexto, enquanto um sistema semiótico capaz de representar/construir a experiência humana. Desenvolvida por Halliday, a partir das décadas de 1950-1960, e contando com o apoio de diversos(as) pesquisadores(as) – mais notadamente as recentes contribuições de Matthiessen¹⁹ –, a Linguística Sistêmico-Funcional tem forte base semântica e lida com a linguagem como um sistema semiótico social, em que são relevantes as escolhas discursivas dos(as) falantes e a forma como elas influenciam a produção de significados.

Segundo a proposta da Linguística Sistêmico-Funcional, a linguagem desempenha, simultaneamente, três Metafunções fundamentais, a saber: 1) **Metafunção Ideacional** – relacionada aos recursos gramaticais utilizados para construir e representar a forma como o(a) falante experiencia o mundo; 2) **Metafunção Interpessoal** – relacionada aos recursos gramaticais utilizados para interação entre falantes; e 3) **Metafunção Textual** – relacionada à organização e apresentação das informações nos textos.

Para esta tese, interessa, no espectro das metafunções, a Metafunção Ideacional, relacionada à construção e representação das experiências do(a) falante, em seu componente experiencial. Segundo Matthiessen (2014), dois componentes formam a Metafunção Ideacional: o **Componente Experiencial** – realizado pelo Sistema de Transitivity, que mostra, na configuração de Processos, Participantes e Circunstâncias, como as Orações se configuram como *quanta* de mudança, ou figuras –, e o **Componente Lógico** – realizado pelo Sistema de Complexos Oracionais, que mostra, nas relações de taxa (hipotaxe e parataxe), os graus de interdependência entre as Orações.

¹⁹ Refiro-me aqui à versão de 2014 da Gramática Sistêmico-Funcional (*Halliday's Introduction to Functional Grammar*), publicada por Matthiessen.

Sob a perspectiva Sistêmico-Funcional, a experiência humana consiste em um fluxo contínuo de eventos (*goings-on*), com diferentes graus de (in)dependência entre eles. A percepção humana acerca desse fluxo de eventos, no entanto, é limitada; o que nos leva, como seres humanos, a fracionar a realidade por meio de **figuras de mudança** (ou *quanta of change*, nos termos usados por Halliday e Matthiessen, 2004 e por Matthiessen, 2014). Cada uma dessas figuras constitui uma **oração**, sendo formada, segundo Matthiessen (2014, p.213), por três elementos: “um **Processo** que se desenvolve no tempo e **Participantes** diretamente envolvidos nesse Processo de alguma forma; além disso, pode haver **Circunstâncias** de tempo, espaço, causa, maneira ou de um dos outros tipos”²⁰. O autor enfatiza, no entanto, que embora as Circunstâncias não estejam diretamente envolvidas nos Processos, elas podem acompanhá-los. Metaforicamente, podem-se representar essas Orações, ou figuras de mudança, da seguinte forma²¹:

²⁰(...) figures consist of “a Process unfolding through time and of Participants being directly involved in this process in some way; and in addition there may be Circumstances of time, space, cause, manner or one of a few other types.”

²¹Todos os diagramas apresentados nesta tese, a menos que explicitado de forma diferente, são elaborações minhas, tendo sido inspirados (e traduzidos) a partir das referências indicadas em suas legendas.

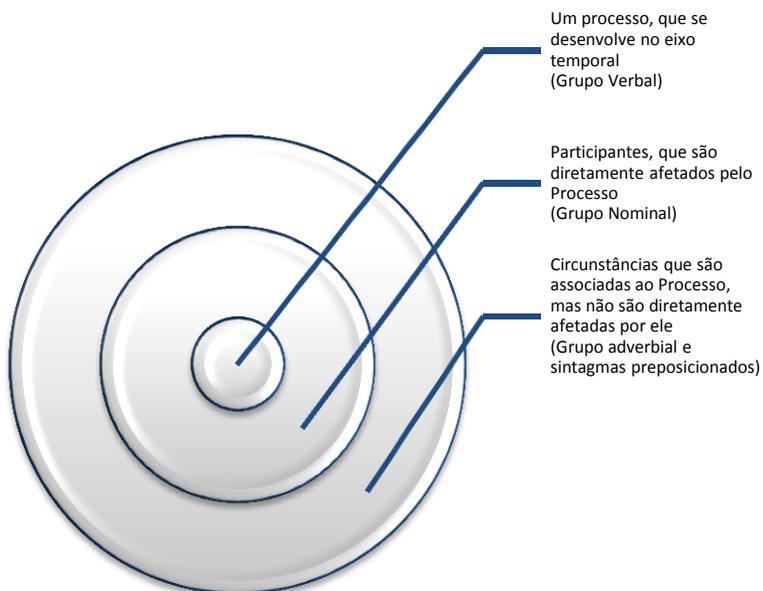


Diagrama 2 – Elementos experienciais que compõem as figuras (*quanta* de mudança) das Orações, inspirado em Matthiessen (2014, p.222) e Halliday e Matthiessen (2004, p.176)

Como mostra o Diagrama2, o Processo é o elemento central da oração (tomada figura de mudança que representa a construção da experiência humana), os Participantes são elementos próximos ao centro – por estarem diretamente envolvidos no Processo. Já as Circunstâncias são elementos opcionais que permitem adicionar informações (de espaço, de causa, de tempo, etc.) ao Processo, mas ocupando posição periférica por não serem diretamente envolvidas nele, mas acompanhando-o na forma de *attendants* (no termo, em inglês, que designa esse acompanhamento, segundo Halliday e Matthiessen, 2004).

Uma distinção importante para este trabalho diz respeito ao aspecto da **permanência/transitoriedade** que Participantes e Processos representam: em seu trabalho de 1998, Halliday (1998, p.316) associa, à Categoria Experiencial de Participante, a característica de ser uma “entidade que persiste no tempo e [pode participar] [...] de vários Processos”²². Em relação aos Processos, é possível dizer que uma característica intrínseca a tal Categoria Experiencial é a transitoriedade – considerando que a própria definição de Processo destaca o seu desenvolvimento no eixo temporal (ver Matthiessen, 2014, p.213). Pagano e Figueredo (2011, p.273) também desenvolvem seu trabalho a partir dessa diferenciação nas características de permanência/transitoriedade de Participantes e Processos, atribuindo, ao Participante, estabilidade por se tratar de “elementos permanentes [que] se repetem ao longo do texto e participam de eventos distintos” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.273) e ao Processo, em contraposição, a característica da transitoriedade por se tratar de elementos que “representam os próprios eventos na linguagem e, exatamente por esse motivo, conservam natureza transitória” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.273).

Halliday e Matthiessen (2004) propõem seis **tipos de Processos** para representar a complexidade da experiência – sendo três principais e três secundários. Os autores seguem, assim, uma linha teórica desenvolvida por Halliday ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 e reforçam que a separação entre esses tipos de Processos não se dá de forma estanque, e sim fluída. Os seis tipos de Processos – a saber: Materiais, Mentais, Relacionais, Comportamentais, Verbais e Existenciais – estão representados no Diagrama a seguir (em inglês), sendo explicados na sequência.

²²“(...) the entity that persists through time and takes part in various processes”

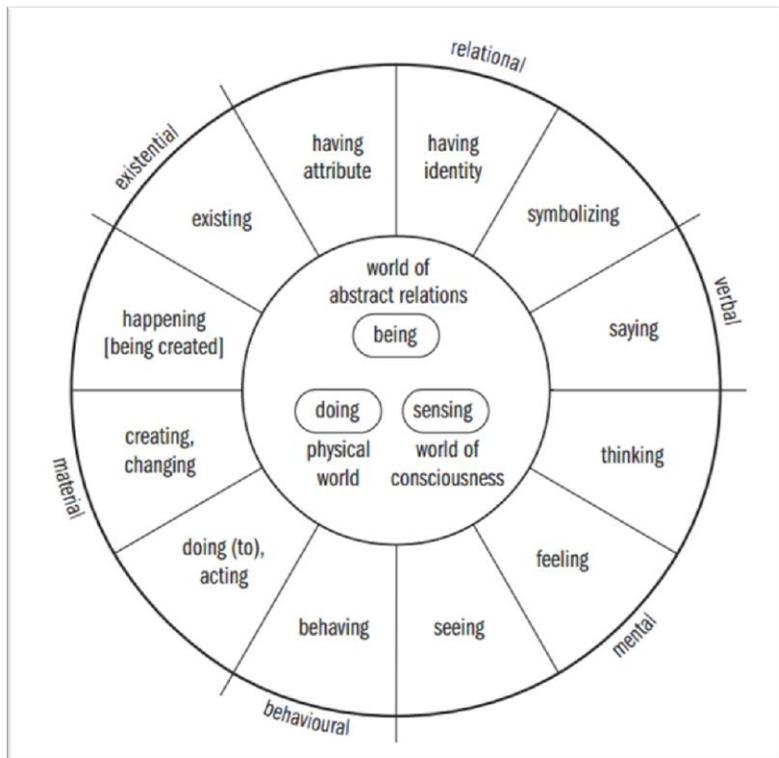


Diagrama 3 – Os tipos de Processos em inglês, reproduzido de Matthiessen (2014, p.216)

O Diagrama 3, acima, elaborado por Halliday e Matthiessen (2004) e aqui reproduzido, mostra os seis tipos de Processos que os autores empregam para representar a complexidade da experiência. Desses Processos, três são considerados principais – a saber: Material, Mental e Relacional – e três secundários – a saber: Comportamental, Verbal e Existencial. Frequentemente, esses seis tipos de Processos são representados por meio de um círculo cromático – em que a transição suave do espectro de cores indica a não divisão estanque entre os tipos de categorias – Halliday e Matthiessen (2004, p.171) advertem, no entanto, que seria mais “preciso representar o contínuo entre Processos como uma esfera; mas isso geraria uma metáfora demasiadamente complexa para se trabalhar graficamente”²³.

Devido às diferentes interpretações funcionais de cada Processo, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam diferentes esquemas (cada um com suas terminologias próprias) para os Processos. O Quadro 1, a seguir, introduz os tipos de Processos, apontando os aspectos da realidade que eles constroem, os Participantes que os realizam e os Participantes aos quais eles se estendem (ou podem se estender). Explicações mais detalhadas sobre os Processos e os Participantes estão apresentadas, nesta tese, entre as seções 2.2.1.1 e 2.2.1.6.

Quadro 1 – Aspectos da realidade, Processos e seus Participantes – elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (2004, p.179-259) e de Matthiessen (2014, p.224-311)

Aspecto da realidade construído	Tipo de Processo	Realizado pelo Participante	Estendendo-se (ou podendo se estender) aos Participantes
Eventos e ações que se desenvolvem na realidade externa dos Participantes	Processos Materiais	Ator	Meta
			Escopo
			Recebedor
			Cliente
			Atributo de Processo Material
Experiências internas de emoção, cognição	Processos Mentais	Experienciador	Fenômeno

²³ “Nevertheless, it would be more accurate to present the continuum between processes as a sphere; But that becomes too complex a metaphor to handle graphically”.

ou percepção.			
Relações entre diferentes entidades	Processos Relacionais	Portador	Atributo
		Identificado	Identificador
Comportamentos físicos e fisiológicos tipicamente humanos	Processos Comportamentais	Comportante	Comportamento
Representação de falas e passagens dialógicas	Processos Verbais	Dizente	Receptor
			Verbiagem
			Alvo
A existência e o acontecimento das coisas	Processos Existenciais		Existente

O Quadro 1, acima, apresenta os tipos de Processos, organizando-os segundo os aspectos da realidade que cada um deles constrói e apontando os Participantes envolvidos. Como anteriormente dito, explicações mais detalhadas sobre os Processos e Participantes, incluindo exemplos, estão apresentadas entre as seções 2.2.1.1 e 2.2.1.6.

Diferentemente dos Participantes – cujas terminologias dependem dos Processos nos quais eles estão envolvidos –, as Circunstâncias podem acrescentar informações aos diferentes tipos de Processos e suas terminologias não variam dependendo do Processo que elas acompanham. O Quadro 2, a seguir, introduz os tipos de Circunstâncias, suas funções e subcategorias. Explicações mais detalhadas sobre as Circunstâncias estão apresentadas, nesta tese, na seção 2.2.2.

Quadro 2 – Tipos de Circunstâncias, elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (2004, p.259-76) e de Matthiessen (2014, p.310-28)

Informações acrescentadas aos Processos	Tipos de Circunstâncias	Subcategoria(s) das Circunstâncias
Intervalos, distâncias, durações e frequências	Extensão	-
Imagens do lugar, ou do momento, em que um Processo se desenvolve.	Localização	-
Forma como o Processo é realizado	Modo	Meio
		Qualidade
		Comparação
		Grau
Razões e motivos pelos quais o Processo é realizado	Causa	Propósito
		Razão
		Benefício
Elementos dos quais o Processo depende para ser realizado.	Contingência	Condição
		Falta
		Concessão
Formas de participação conjunta de entes em Processos	Acompanhamento	Comitativo
		Aditivo
Formas de ‘ser’ e ‘se tornar’ (de forma circunstancial)	Papel	Guisa
		Produto
O que é descrito ou narrado (equivalente circunstancial do Participante Verbiagem)	Assunto	-
Fonte e ponto de	Ângulo	Fonte

vista das informações (equivalentes circunstanciais dos Participantes Dizente e Experienciador)	Ponto de vista
---	----------------

O Quadro 2, acima, apresenta brevemente os tipos de Circunstâncias e suas Subcategorias, bem como os tipos de informação que elas acrescentam Processos. Como anteriormente dito, explicações mais detalhadas sobre Circunstâncias, suas restrições, subcategorias, formas de identificá-las e exemplos de cada uma estão apresentadas na seção 2.2.2.

As próximas seções 2.2.1 (entre suas subseções 2.2.1.1 a 2.2.1.6) apresenta mais detalhes sobre os tipos de Processo, as suas formações e os Participantes neles envolvidos.

2.2.1. Os Processos e seus Participantes

2.2.1.1. Processos Materiais

Os **Processos Materiais** são aqueles que representam os eventos (*goings-on*, no termo em inglês) que se desenrolam, no eixo temporal, na forma de ações. A configuração básica dos Processos Materiais, representada graficamente no Diagrama 4, abaixo, é aquela em que um Ator (Participante obrigatório em Processos Materiais) realiza alguma coisa, cujo resultado pode se estender para outra entidade ou não.

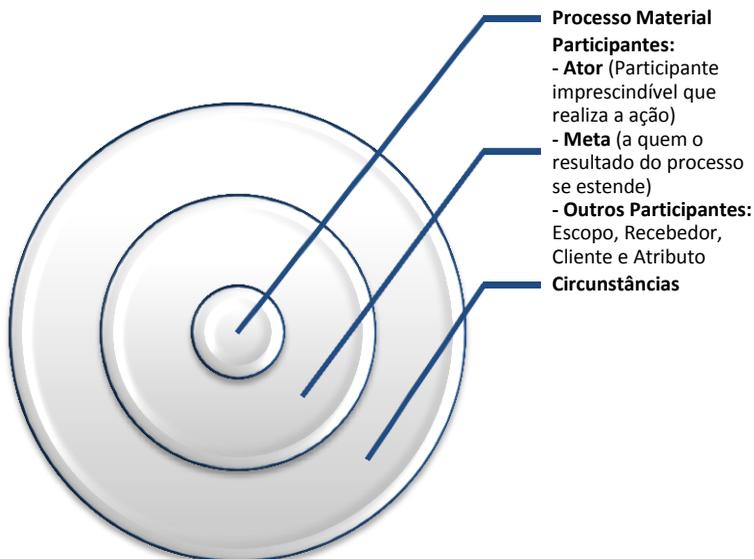


Diagrama 4 – Configuração de Processos Materiais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.179-97)

Como mostra o Diagrama 4, nas Orações Materiais, são construídas ações realizadas por um Ator em sua realidade externa. Nessas Orações, o **Ator** é o Participante que realiza a ação (ou “does the deed”, nas palavras de Halliday e Matthiessen, 2004, p.179) e, portanto, é imprescindível para a oração. O alcance desses Processos pode se restringir apenas ao próprio Ator (o que, em nomenclaturas mais tradicionais, corresponde aos verbos intransitivos) ou pode se estender a uma **Meta** (o que, em nomenclaturas tradicionais, corresponde aos verbos transitivos). O contraste mais geral entre os Processos Materiais se dá, segundo Halliday e Matthiessen (2004), entre os Processos Criativos e os Transformativos: no caso de um Processo Material Criativo, o Ator, ou a Meta, ao qual o Processo se estende é criado a partir do desenvolvimento do Processo. Já no caso de um Processo Material Transformativo, um Ator, ou Meta, já existente é transformado a partir do desenvolvimento do Processo. A seguir, são apresentados exemplos de Orações Materiais, retirados do corpus desta pesquisa (os Processos Materiais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 1. Mas brigou valente, mereceu...

- Ex. 2. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza.
- Ex. 3. [...]cercados numas duas ou três casas e um quintal, guerream noites e dias.
- Ex. 4. Embolsei a arma, sem razão. Diadorim me perseguia?

Os exemplos apresentam Orações em que os Processos (nos casos, ‘brigou’, ‘ataca’, ‘guerream’ e ‘embolsei’, todos sublinhados para facilitar a identificação) são realizados por Atores, que visam a alterar suas realidades externas. Enquanto nos três primeiros casos, os Processos não se estendem a Metas, podendo, assim, ser destacada a intransitividade dos verbos empregados, no quarto caso há uma Meta (‘a arma’), o que caracteriza a transitividade do verbo EMBOLSAR na oração.

Halliday e Matthiessen (2004) apontam que Ator e Meta são os Participantes mais frequentes em Orações Materiais, sendo o Ator único Participante obrigatório. Dependendo do tipo de Processo, pode haver outros Participantes, a saber: a) Escopo; b) Recebedor; c) Cliente; e d) Atributo.

O Ator pode ser responsável por Processos que têm resultado restrito a ele próprio (em Orações intransitivas) ou que têm impacto sobre outros Participantes (em Orações transitivas). Além disso, o Ator pode ser representado de duas formas: operativo (ativo) ou receptivo (passivo). A seguir, são apresentados exemplos de Orações Materiais, retirados do corpus desta pesquisa (os Atores estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

- Ex. 5. Diadorim guerreava, a seu prazer, sem deszelar, sem querer ser estorvado.
- Ex. 6. Titão Passos pegou trinta e tantos deles, num bom combate, no esporão da serra...

Enquanto no Ex. 5, ‘Diadorim’ é o Ator – Participanteresponsável pela ação de guerrear –, no Ex. 6, é ‘Titão Passos’ o Ator – Participanteresponsável pela execução da ação de pegar seus inimigos.

A Meta, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), ocorre em **Orações transitivas** – isto é, apenas em Orações em que o resultado da ação não se desenvolve unicamente sobre o Ator – e se refere ao Participante ao qual o Processo se direciona ou estende. A seguir, são apresentados exemplos de Orações Materiais, retirados do corpus desta pesquisa (as Metas estão sublinhadas nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 7. Embolsei a arma, sem razão. Diadorim me perseguia?

Ex. 8. Amigo meu Medeiro Vaz, a outra ocasião, travou combates, no ContaBoi, daqui a duas léguas...

Em Ex. 7, o Ator – que, embora esteja elidido, pode ser recuperado pela desinência verbal de primeira pessoa do singular (‘eu’) – realiza uma ação (de ‘embolsar’) e em Ex. 8, o Ator (‘Amigo meu Medeiro Vaz’) realiza Processo (de ‘travar’). Em ambos os casos, os Processos realizados pelos Atores se desenrolam no eixo temporal, nas realidades externas ao Atores, tendo efeitos sobre outros entes – ou, em outras palavras, estendendo-se a eles. Esses entes aos quais os Processos das Orações se estendem – que são, respectivamente, ‘a arma’ e ‘combates’ – podem ser classificados como Metas nas Orações.

O **Escopo**, segundo Halliday e Matthiessen (2004), pode construir o domínio em que o Processo se desenvolve ou construir o Processo em si, por termos gerais ou específicos. A distinção entre Escopo e Meta nem sempre é simples: um mesmo grupo nominal pode ser interpretado como Escopo ou Meta – um critério para identificar o Escopo é que ele não é afetado de qualquer forma pelo Processo, sendo um “Participante que especifica o raio de ação de um acontecimento e não sofre o impacto do Processo, pois ela (Extensão - [Escopo]) existe independente deste (do Processo)” (ASSIS, 2004, p.26). A seguir, é apresentado um exemplo de Orações Materiais, retirado do corpus desta pesquisa (o Escopo está sublinhado no exemplo para facilitar a identificação):

Ex. 9. Você era menino, eu era menino...
Atravessamos o rio na canoa...

Em Ex. 9, é apresentado um exemplo de Escopo – no caso ‘o rio’. Considerando que, no exemplo, ‘o rio’ existe independente do processo de atravessamento que os Atores realizam e segue existindo após o desenrolar do Processo, é possível considerá-lo um exemplo de Escopo.

Halliday e Matthiessen (2004) apontam que **Recebedores Clientes** ocorrem de forma semelhante à Meta: realizados por grupos nominais que denotam a existência de um ser humano (em especial um pronome pessoal) e mais comumente um papel de fala, Cliente e Recebedor são afetados pelo Processo, beneficiando-se dele. Para critérios de diferenciação, tomam-se os ambientes linguísticos em que esses Participantes ocorrem, já que cada um ocorre em um ambiente diferente. Enquanto Recebedores ocorrem em Orações transitivas transformativas de extensão e, nessa categoria, ocorrem em Orações que denotam transferência de bens – como mostram o Ex. 10 e o Ex. 11, a seguir –, Clientes ocorrem especialmente em Orações materiais do tipo criativo e a eles são prestados serviços – como mostram o Ex. 12 e o Ex. 13, a seguir:

- Ex. 10. Pois, osga! Entreguei a ele a folha de papel, e fui saindo de lá, por ter mão em mim de não destruir a tiros aquele sujeito. Carnes que muito pesavam...
- Ex. 11. E entreguei o escrito a Zé Bebelo minha mão não espargiu nenhum tremor.
- Ex. 12. Me deu um abraço, me gratificou em dinheiro, me fez firmes elogios.
- Ex. 13. Me deu almoço, me pôs em fala. Eu estava querendo ser sincero.

Em Ex. 10 e Ex. 11, notam-se **Processos Materiais do tipo transformativo** ('entreguei', em ambos os casos) que denotam a transferência de bens (respectivamente 'a folha de papel' e 'o escrito'). Nesses casos, os Recebedores (sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação), indicam os entes que se beneficiam da transferência dos bens (respectivamente 'a ele' e 'a Zé Bebelo'). Já em Ex. 12 e Ex. 13, os Processos Materiais ('deu' em ambos os casos) não denotam uma troca de bens, mas uma prestação de serviços (respectivamente 'dar abraço' e 'dar almoço'), bem como não indicam um processo transformativo, mas a criação de uma situação a partir do Processo (como em 'dar um abraço', o abraço não existe antes do desenrolar do Processo).

O último dos Participantes de Processos Materiais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), é o Atributo. Fortemente associado a Orações Relacionais, o **Atributo** pode aparecer de forma mais restrita em Orações Materiais, indicando a elaboração de um resultado do Processo e podendo ser usado para a construção do resultado qualitativo do Ator ou da Meta (após o Processo ser concluído). Como exemplo de Atributo em Orações Materiais, Halliday e Matthiessen (2004, p.186) apresentam a oração “she painted the house red” na qual, ‘red’, segundo os autores, funciona como “Atributo que especifica o estado resultante da Meta”²⁴. A seguir, são apresentados dois exemplos, retirados do corpus desta pesquisa (os Atributos em Orações Materiais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 14. Um Freitas, nosso, gritou, caiu muito ferido. A bala era de Zé Bebelo.

Ex. 15. Aquele caiu torto; o outro completou.

Em Ex. 14 e Ex. 15, são apresentados exemplos de Orações Materiais (considerando, em ambas, o verbo CAIR como Processo Material por ser uma ação que o Ator realiza em sua realidade externa²⁵) e os Atributos (respectivamente, ‘ferido’ e ‘torto’) indicam elaborações do resultado do Processo sobre o Ator.

A próxima seção apresenta os Processos Mentais, suas principais características e os Participantes ligados a eles.

2.2.1.2. Processos Mentais

Processos Mentais são aqueles que indicam experiências internas de emoção, cognição ou percepção. O fluxo de eventos construído em uma oração Mental se realiza, segundo Halliday e Matthiessen (2004), no âmbito da consciência humana, não podendo ser construído como um ato material. O Diagrama 5, a seguir, mostra a configuração básica de Processos Mentais:

²⁴“Attribute specifying the resultant state of the Goal”

²⁵ Embora seja possível entender o verbo CAIR em um espaço entre o Material e o Comportamental, no espectro de Processos, considero-o aqui como Material por entender que ele trata de um evento que acontece na realidade externa do Ator e não como uma manifestação externa de um evento que se passa internamente ao Participante.

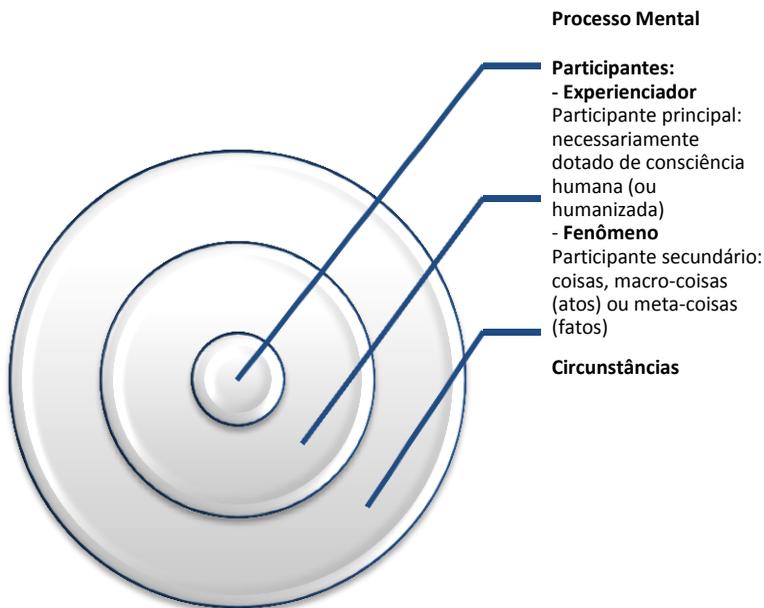


Diagrama 5 – Configuração de Processos Mentais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.197-210)

Como mostra o Diagrama 5 (acima), quando se consideram os *quanta* de mudança dos Processos Mentais, tem-se o Experienciador como Participante principal – sendo ele o ente que sente, pensa ou percebe o Processo. Uma das características que diferencia o Experienciador do Ator é o fato de o primeiro (o Experienciador) ser necessariamente dotado de consciência humana, ou consciência humanizada, dependendo do caso. Os exemplos apresentados a seguir são Orações Mentais, retiradas do corpus desta pesquisa (os Processos Mentais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 16. Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada.

Ex. 17. [...]eu não sabia do inimigo, nem o inimigo de mim, e nós vínhamos para se-encontrar. Então?

Ex. 18. Aqueles sabiam brigar, desde de nascença? Só avistei isso um instante.

Ex. 19. A gente quisesse brigar, aquele homem era em frente, crescia sozinho nas armas.

Os exemplos apresentam Orações em que os Processos Mentais ‘senti’, ‘sabia’, ‘sabiam’ e ‘quisesse’ se desenvolvem. Nas Orações, podem-se notar Experienciadores dotados de consciência humana (respectivamente ‘eu’, eu elíptico, ‘aqueles’ e ‘a gente’) e Fenômenos que são sentidos, sabidos, desejados e se desenvolvem, portanto, no âmbito da consciência.

Ao falar sobre as propriedades dos Processos Mentais, Halliday e Matthiessen (2004) apontam que eles podem ter, basicamente, dois tipos de Participantes: a) o Experienciador e b) o Fenômeno. O **Experienciador**, segundo os autores, é construído como um ser dotado de consciência, podendo ser: a) um ser humano; b) um ser não humano, mas humanizado; ou c) uma entidade coletiva com características humanizadas. Os exemplos a seguir, retirados do corpus de pesquisa, apresentam Orações Mentais (os Experienciadores estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 20. [eu] Raciocinei isso com compadre meu Quelemém, e ele duvidou com a cabeça: Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...

Ex. 21. Notaram. Farejaram presentindo: como cachorro sabe. Ninguém não se meteu, pois desapartar assim é perigoso.

Ex. 22. Assaz à retirada se estava rinchando, mas os inimigos não sabiam: carecia que eles pensassem que a gente ia dar um ataque final.

Os exemplos acima apresentam Orações Mentais, destacando os Experienciadores. Em Ex. 20, o Experienciador é um ‘eu’ elíptico, recuperável pela desinência verbal de ‘raciocinei’, em Ex. 21, o Experienciador é ‘cachorro’ e em Ex. 22, ‘os inimigos’. Organizados nessa sequência, os exemplos mostram os três tipos de Experienciadores previstos por Halliday e Matthiessen (2004): um ser humano, um não humano que, na oração, é dotado de consciência humanizada e uma entidade coletiva com características humanizadas. Esse pré-requisito de o Participante principal dos Processos Mentais ter, necessariamente, que ser dotado de consciência é, segundo Halliday e Matthiessen (2004), uma das principais diferenças entre esse tipo de Processo e os Processos Materiais (que não têm limitações semelhantes em relação a seus Atores).

Embora o Experienciador de Processos Mentais tenha uma grande limitação (a de ter que ser um ser dotado de consciência), o Fenômeno, segundo Halliday e Matthiessen (2004), não tem limitação semelhante. Para os autores, **Fenômeno** é aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido em Orações Mentais, podendo abranger atos, fatos, experiências típicas da imaginação, abstrações, etc. O exemplo a seguir mostra uma Oração Mental (o Fenômeno está sublinhado no exemplo para facilitar a identificação):

Ex. 23. No meio delas duas,
juntamente, eu descobri que até mesmo
meu corpo tinha duros e macios.

Em Ex. 23, o Fenômeno é realizado por uma oração finita (‘que até mesmo meu corpo tinha duros e macios’) que denota a existência de um fato – que tem maior nível de abstração (em comparação com um ato) e existe após o momento de sua enunciação. Configurações, como a mostrada nesse exemplo, permitem a Halliday e Matthiessen (2004) discutir a capacidade de Orações Mentais de projetar outras Orações que representam o conteúdo de processos de cognição (pensamentos, crenças, etc.). Tais projeções, segundo os autores, podem ser associadas tanto com Processos Verbais (a serem apresentados na seção 2.2.1.5), quanto com Processos Mentais e podem representar falas, ideias e fatos, estabelecendo relações logico-semânticas em que a oração opera não como uma representação de uma experiência não linguística, mas como uma representação de outra representação linguística²⁶.

A próxima seção apresenta os Processos Relacionais, que são aqueles empregados na caracterização e identificação de entes no discurso. Além disso, a seção apresenta os principais tipos de Processos Relacionais, segundo as relações que eles constroem, e o modo de utilização, bem como os Participantes ligados a esses Processos.

²⁶ Para uma discussão mais aprofundada sobre Processos Mentais, recomendo a dissertação de Jesus (2004), em que a autora investiga a representação de pensamentos em textos de ficção no corpus paralelo *Point Counter Point* (escrito por Aldous Huxley, 1928) e *Contraponto* (traduzido por Érico Veríssimo, 1934) e no corpus comparável composto pelos romances *Caminhos Cruzados* (escrito por Érico Veríssimo, 1935) e *Contraponto* (traduzido por Érico Veríssimo). No trabalho, Jesus (2004) identifica padrões de uso dos verbos THINK e PENSAR no corpus paralelo e os diferentes padrões de uso do verbo PENSAR no texto traduzido por Érico Veríssimo e no texto escrito por ele:

- JESUS, Silvana Maria de; *Representação do discurso e tradução padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.

2.2.1.3. Processos Relacionais

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os **Processos Relacionais** estabelecem relações entre entidades separadas. A configuração básica desse tipo de Processo, portanto, é a de dois Participantes diferentes (dois ‘*be-ers*’, como apontam os autores, fazendo referência ao verbo BE, que, segundo eles, é um dos mais frequentes na construção de Orações Relacionais – juntamente com o verbo HAVE), ligados por um Processo que estabelece a conexão entre eles. A seguir, são apresentados exemplos, retirados do corpus desta pesquisa, de Orações Relacionais (os Processos Relacionais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 24. TIROS QUE O SENHOR
ouviu foram de briga de homem não, Deus
esteja.

Ex. 25. O Fafafa tem uma eguada.

Ex. 26. Será acerto que os aleijões e
feiezas estejam bem convenientemente
repartidos, nos recantos dos lugares. Se
não, se perdia qualquer coragem. O sertão
está cheio desses.

Nos exemplos, são mostradas Orações Relacionais (que empregam formas finitas dos verbos SER, TER e ESTAR) que conectam diferentes Participantes no discurso. Em Ex. 24a relação é estabelecida entre ‘[o barulho de] tiros’ e ‘[o barulho de] briga de homem’ (uma relação em que um elemento A é igual a um elemento B); em Ex. 25, entre ‘Fafafa’ e ‘uma eguada’ (uma relação em que um elemento A possui um elemento B); e em Ex. 26, entre ‘o sertão’ e ‘cheio desses [aleijões e feiezas]’ (uma relação em que um elemento A está em um elemento B).

Halliday e Matthiessen (2004) apontam que cada língua acomoda, em sua gramática, diferentes construções relacionais. Segundo os autores, a configuração das Orações Relacionais permite a construção de relações abstratas de três tipos: **Intensivos**, **Possessivos** ou **Circunstanciais**. Essas relações podem ser construídas de dois modos: **Atributivos** e **Identificativos** – o que totaliza seis categorias. O Quadro 3, a seguir, traz exemplos, retirados do corpus de pesquisa, de Orações Relacionais, organizadas segundo o tipo e o modo de relação construída (os Processos Relacionais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação).

Quadro 3 – Tipos e modos de Processos Relacionais, adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p.216), com exemplos retirados do corpus desta pesquisa

Modo Tipo	Atributivo ‘a é um atributo de x’	Identificativo ‘á é a identidade de x’
Intensivo ‘x é a’	Compadre meu Quelemém <u>é</u> um homem fora de projetos. O sertão <u>é</u> do tamanho do mundo.	O grande-sertão <u>é</u> a forte arma. O inimigo <u>é</u> o Hermógenes.
Possessivo ‘x tem a’	Você <u>tem</u> sustância para ser um chefe, tem a bizzarria...” Essa gente <u>tem</u> piolho e muquiranas...”	Isso <u>é</u> do compadre meu Quelemém.
Circunstancial ‘x está em a’	Perdeu a guerra, <u>está</u> prisioneiro nosso... Então, onde é que <u>está</u> a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade?	De uns três dias <u>foi</u> o São João, então amanhã <u>é</u> o São Pedro...

A partir dos exemplos apresentados no Quadro 3, é possível estabelecer uma diferença importante entre as Orações atributivas e as identificativas: a reversibilidade entre **Identificador** e **Identificado** e a não reversibilidade entre **Portador** e **Atributo**. Enquanto as Orações da coluna ‘Identificativo’ (à direita) podem ser revertidas sem prejuízo para sua compreensão (de ‘O inimigo é o Hermógenes’ para ‘O Hermógenes é o inimigo’, por exemplo), as Orações da coluna ‘Atributivo’ não podem ser revertidas da mesma forma (a oração ‘Você tem sustância para ser um chefe’ não pode ser revertida para ‘sustância para ser um chefe tem você’ sem que haja prejuízo para sua compreensão).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), em Orações Relacionais Atributivas, a diferenciação entre Portador e Atributo é dada estruturalmente, sendo o Portador o grupo nominal que “carrega” (fazendo aqui referência a uma possível tradução da palavra ‘Carry’, da qual ‘carrier’ se deriva, em inglês) o atributo. A seguir é apresentado o Diagrama6, que representa graficamente os tipos de Orações Relacionais no modo atributivo.

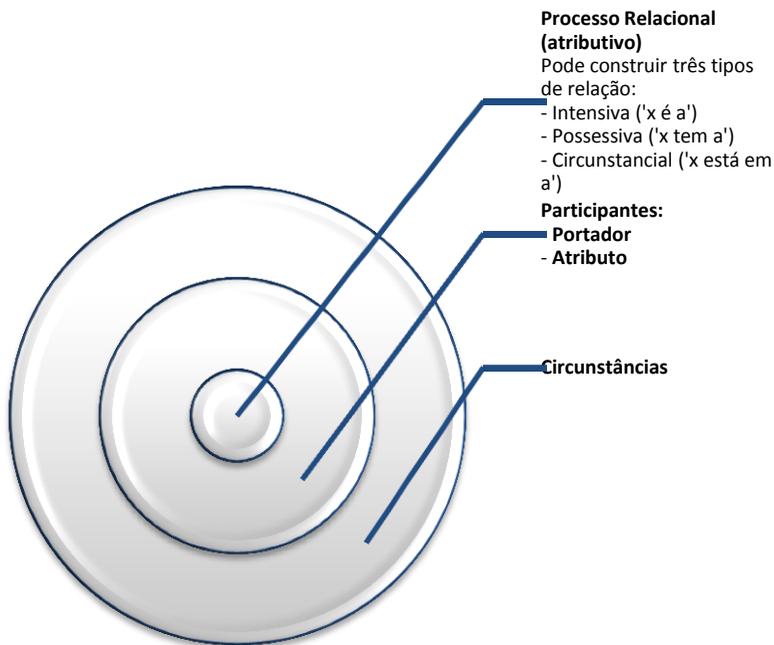


Diagrama 6 – Configurações dos tipos de Processos Relacionais no modo Atributivo, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.210-48)

Como mostra o Diagrama 6, as Orações Relacionais são configuradas, basicamente, por dois Participantes, ligados por um Processo Relacional. Esse Processo pode ser de três tipos (como mostra o diagrama): a) Intensivo; b) Possessivo; ou c) Circunstancial. Importante enfatizar que esses três tipos podem ser realizados de forma independente um do outro.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), em Orações Relacionais no modo Identificativo, é estabelecida uma relação em que se constrói uma identidade a algo – o que implica a configuração de uma entidade utilizada para identificar ou definir outra entidade. Assim como nas Orações atributivas, nas identificativas os elementos também são definidos estruturalmente, sendo um elemento o Identificado e o outro o Identificador. A seguir é apresentado o Diagrama 7, que representa graficamente os tipos de Orações Relacionais no modo identificativo.

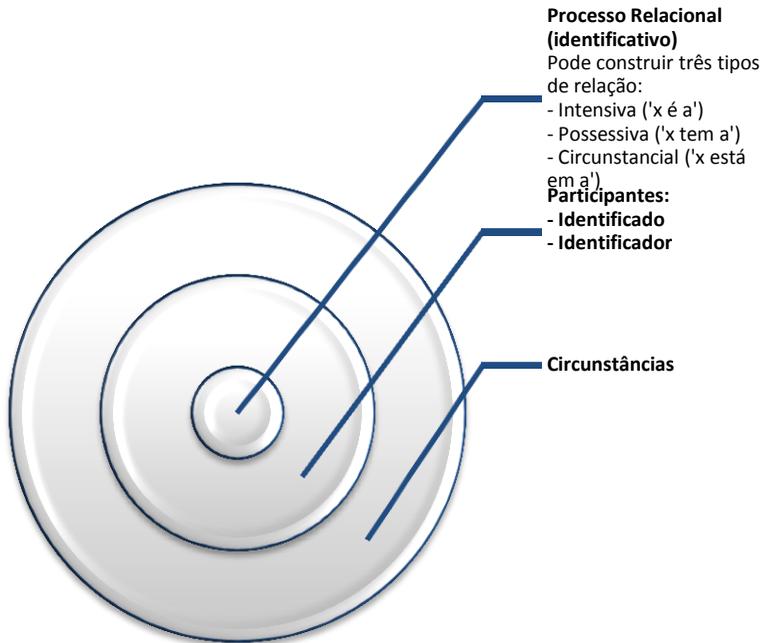


Diagrama 7 – Configurações dos tipos de Processos Relacionais no modo Identificativo, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.210-48)

O Diagrama 7 mostra as Orações Relacionais no modo Identificativo que, assim como as no modo Atributivo, podem construir três tipos de relações independentes: a) Intensivo b) Possessivo ou c) Circunstancial.

Como formas de diferenciar o modo atributivo do modo identificativo Halliday e Matthiessen (2004) ainda apontam – além da reversibilidade das Orações Identificativas – que o Atributo é utilizado para construir uma classe de coisas e, portanto, não pode ser um nome próprio ou pronome – tipicamente, o atributo é um adjetivo (como em “Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos”) ou nome acompanhado por um artigo indefinido (como em “O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver”).

A próxima seção apresenta os Processos Comportamentais, suas características e seus Participantes.

2.2.1.4. Processos Comportamentais

Os **Processos Comportamentais** são, segundo Halliday e Matthiessen (2004), aqueles que constroem comportamentos físicos e fisiológicos tipicamente humanos (como sorrir, por exemplo). Trata-se de Processos que estão em uma posição intermediária entre os Materiais e os Mentais e têm, por isso, características menos definidas do que os demais Processos: enquanto seu Participante, o **Comportante**, tem a característica intrínseca de ser um ser dotado de consciência humana/humanizada – assim como o Experienciador dos Processos Mentais –, o Processo se aproxima mais de um Processo Material, por implicar a realização de algo verificável externamente ao Participante. A seguir, são apresentados exemplos de Orações Comportamentais, retirados do corpus desta pesquisa (os Processos Comportamentais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação)

Ex. 27. E notei que ele no falar [ele] me encarava e no ouvir piscava os olhos; e, quem encara no falar mas pisca os olhos para ouvir, não gosta muito de soldados.

Ex. 28. Cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito.

Ex. 29. Ela sorria para cima e tinha o queixo fino e afinado.

Os exemplos mostram Orações em que os verbos ENCARAR, PISCAR, RESPIRAR e SORRIR constroem comportamentos físicos e fisiológicos tipicamente humanos. Nas Orações apresentadas em Ex. 27, Ex. 28 e Ex. 29, os Participantes (os Comportantes ele elíptico, ‘cavalo’ e ‘ela’) se mostram dotados de consciência humana/humanizada e são responsáveis por realizar Processos que se desenrolam em um meio termo entre a realidade externa e a realidade interna dos Participantes – embora em Ex. 28 seja apresentado o Processo ‘respira’ que é comum a diferentes animais não dotados de consciência humana, na oração em questão, o Comportante ‘cavalo’ se mostra humanizado (ao amar o dono), o que justifica a inserção do Processo ‘respira’ nessa afirmação de processos tipicamente humanos. O padrão típico de Orações Comportamentais está representado no Diagrama 8, a seguir:

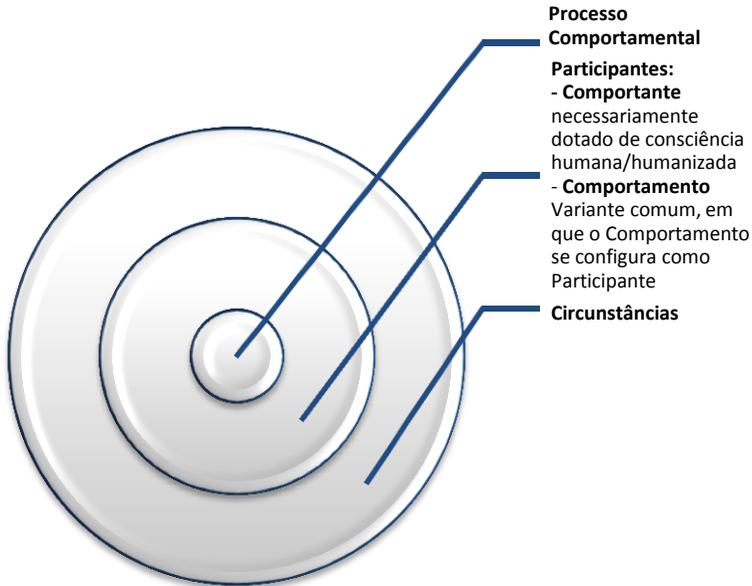


Diagrama 8 – Configuração de Processos Comportamentais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.248-52)

O Diagrama 8 mostra, na configuração de Processos Comportamentais, o Comportante como o Participante que realiza os Processos Comportamentais. Como anteriormente dito, por ser um Participante ligado a Processos tipicamente humanos, esse Participante é um ente dotado de consciência. Em relação ao **Comportamento**, trata-se de um Participante análogo ao ‘Escopo’ dos Processos Materiais – pois ambos são manifestações da função geral de *Range*, como apontam Halliday e Matthiessen (2004) – o que implica dizer que o Comportamento é um Participante que tem função de construir ou o domínio em que o Processo se desenvolve ou o Processo em si, mas não necessariamente sendo afetado pelo Processo de forma direta.

Ao explicar o Processo Comportamental, Halliday e Matthiessen (2004, p.251) apresentam um quadro de verbos que podem servir como Processos em Orações Comportamentais, e incluem, como Processos Comportamentais. A seguir, são apresentados os casos previstos pelos autores, acompanhados de exemplos retirados do corpus desta pesquisa:

- a) os processos de consciência representados como formas de comportamentos – como o Processo ‘encarou’, sublinhado no seguinte exemplo: “Me encarou, demais, e despachou, em duríssimo:Vai, então, e no caminho não morre!”;
- b) os processos verbais como formas de comportamento – como o ‘resmungaram’, sublinhadono seguinte exemplo: “Muitos homens resmungaram em aprovo, ali rodeando, os tantos, dez ou vinte círculos, anéis de gente.”;
- c) os processos fisiológicos que manifestam estados de consciência – como o Processo ‘suspirava’, sublinhado, no exemplo a seguir: “E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava.”;
- d) outros processos fisiológicos – como o Processo ‘tossi’,sublinhadono exemplo “Aí tossi, cuspi, no entrecho de minhas rezas.”; e, por fim,
- e) posturas corporais e ocupações – como o Processo ‘me deitei’, sublinhadono exemplo “Fiz: fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, minha cara posta no próprio lugar.”.

A próxima seção apresenta os Processos Verbais, suas características e seus Participantes.

2.2.1.5. Processos Verbais

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os **Processos Verbais** são utilizados na construção de elocuições / representações de fala e contribuem para a construção de passagens dialógicas – tanto em narrativas fictícias quanto em outros registros – como o acadêmico, por exemplo, que faz uso frequente de citações e paráfrases. Localizados em posição intermediária entre os Processos Mentais e os Relacionais, os Processos Verbais têm características bem distintas no que diz respeito à sua capacidade de projetar e representar discursos. A seguir, são apresentados exemplos, retirados do corpus desta pesquisa, de Orações Verbais (os Processos Verbais estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

- Ex. 30. Mas aí, eu estava contando quando eu gritei aquele desafio raivoso, Diadorim respondeu o que eu não esperava: Tem discórdia não, Riobaldo amigo, se acalme.
- Ex. 31. O homem nem me olhou, nem disse nenhum agradecimento.
- Ex. 32. E lhe falo: nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e maldade mais, do que nesse.
- Ex. 33. Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana.
- Ex. 34. “Gente! Não se acha até que ele é sempre um, em mesmo?” perguntei a Diadorim.

Os exemplos mostram Orações Verbais que realizam os Processos ‘estava contando’, ‘gritei’, ‘respondeu’, ‘disse’, ‘falo’, ‘elogiou’ e ‘perguntei’. Nos exemplos, é possível ver a propriedade dos Processos Verbais de trazer diferentes vozes ao discurso, abrindo espaço para representações da fala de outrem. Em Ex. 30, por exemplo, é possível ver o estabelecimento de um diálogo entre o Participante ‘eu’ (dos Processos ‘estava contando’ e ‘gritei’) e o Participante Diadorim (do Processo ‘respondeu’).

A seguir, está apresentado o Diagrama 9, que representa a estrutura das Orações Verbais, formulado a partir de Halliday e Matthiessen (2004):

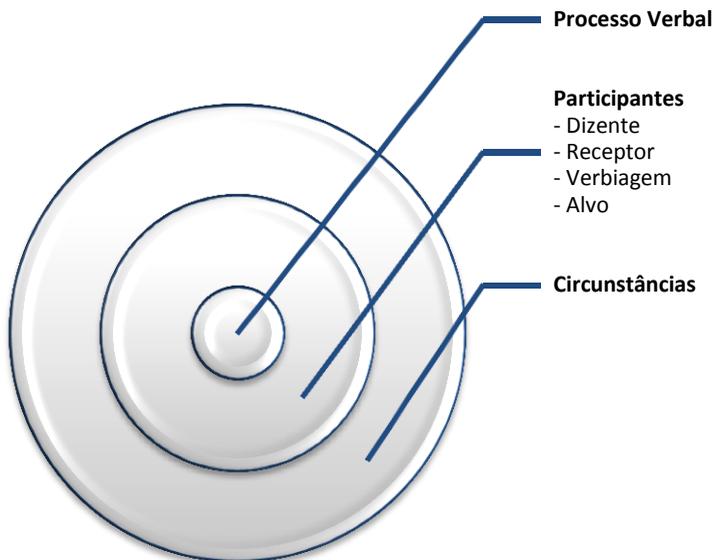


Diagrama 9 – Configuração de Processos Verbais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.252-6)

O Diagrama 9 representa a configuração das Orações Verbais, com seus Participantes, a saber:

- a) **Dizente:** Participante que expressa uma fala ou se posiciona, em uma situação de elocução – no exemplo “Ela falou: Ao que não posso, alguém mais avistando havia de poder desconfiar.”, ‘ela’ pode ser classificado como Dizente;
- b) **Receptor:** Participante a quem a fala é dirigida; realizado por um grupo nominal que tipicamente denota um ser dotado de consciência, um coletivo ou instituição – no exemplo “Tempo de ir. Vamos? eu disse para Sefredo. Vamos, demais! o Sefredo merespondeu.”, tanto ‘para Sefredo’ quanto ‘me’ podem ser classificados como Receptores;

- c) **Verbiagem:** Participante cuja função é representar o que é dito ou relatado; podendo ser realizado por representações do nome da situação de fala, classes de coisas e geralmente não pelo relato do que foi dito ou uma citação – no exemplo “Alguns explicava os combates com Zé Bebelo, nós o nosso[...]”, ‘os combates’ pode ser classificado como Verbiagem;
- d) **Alvo:** Participante que ocorre apenas em um subtipo de oração verbal (nas Orações em que o Dizente age verbalmente sobre outro ente), construindo a entidade relacionada ao processo de fala, numa relação similar à da Meta com o Processo Material – no exemplo “Diadorim não me entendeu. Se engrotou. Assaz, também, acho que me acuso: que não tive um ânimo de franco falar.”, ‘me’ (sublinhado no exemplo) pode ser classificado como Alvo: considerando-se ‘acuso’ como Processo Verbal, realizado pelo Dizente ‘eu’ (recuperável pela desinência verbal), direcionado ao Receptor ‘Diadorim’.

Para uma discussão mais aprofundada sobre Processos Verbais, recomendo as dissertações de Mauri (2003), Cruz (2003), Assis (2004), Alves (2006) e a tese de Jesus (2008). Mauri (2003) investiga, em um corpus paralelo bilíngue, a construção da introspecção feminina por meio de verbos de elocução não intrinsecamente introspectivos. Cruz (2003) também investiga um corpus paralelo bilíngue, focalizando-se nos verbos de elocução empregados em representações do discurso em citações paratáticas e verifica que, enquanto no texto fonte predominam os verbos de elocução neutros, no texto alvo, outros Processos e categorias são utilizados na representação do discurso, o que contribui para a atenuação, no texto alvo, de traços que são marcantes no texto fonte (como, por exemplo, uso de verbos que prototipicamente indicam sons de animais como verbos de elocução).

Os trabalhos de Assis (2004), Alves (2006) e Jesus (2008), por sua vez, estabelecem um diálogo em torno da utilização de verbos de elocução (Processos Verbais) em textos ficcionais apresentados em relação de tradução: enquanto Alves (2006) investiga a tendência apontada por Assis (2004, p.106) de não tradução de Processos verbais em traduções do inglês para o português, Jesus (2008) adota uma perspectiva empírica para observar dados em corpora paralelos e comparáveis, investigando as relações de tradução de SAY/DIZER sob a perspectiva de análise das propriedades de textos traduzidos.

A próxima seção apresenta os Processos Existenciais, suas características e seu Participante.

2.2.1.6. Processos Existenciais

Intermediários entre os Processos Relacionais e os Materiais, os **Processos Existenciais** representam, segundo Halliday e Matthiessen (2004), a existência e o acontecimento das coisas. Segundo os autores, são Processos não muito comuns no discurso (por geralmente funcionarem como Orações introdutórias), representando de 3% a 4% do total das Orações utilizadas, segundo Halliday e Matthiessen (2004), mas bastante importantes para diversos tipos de textos, podendo servir para construir a ambientação de personagens, trazer informações sobre o ambiente, introduzir questões de orientação, etc.

Em língua inglesa, segundo Halliday e Matthiessen (2004), as Orações Existenciais podem ser realizadas por diferentes verbos (sendo o mais típico deles o BE – característica semelhante à das Orações Relacionais), que indicam existência de entes, o acontecimento de fatos e características circunstanciais (como sequências de fatos ou indicações de local). O Diagrama 10, a seguir, apresenta a configuração de Processos Existenciais:

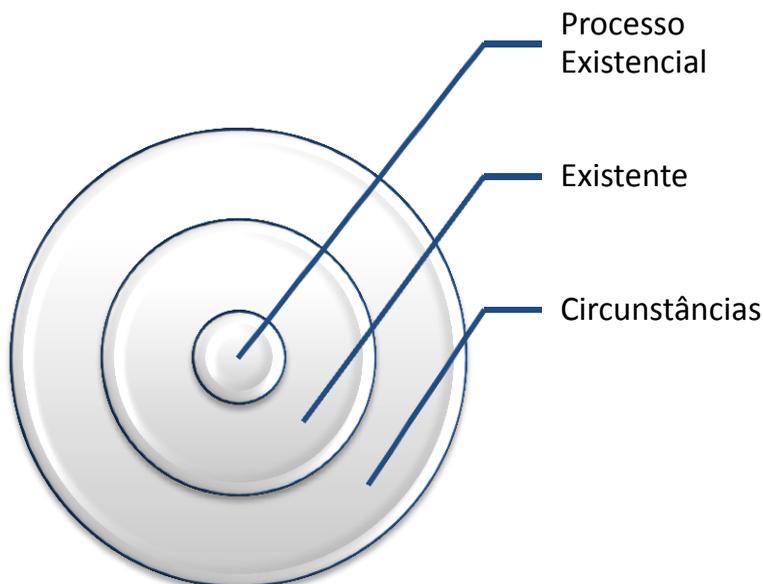


Diagrama 10 – Configuração de Processos Existenciais, inspirado em Halliday e Matthiessen (2004, p.256-9)

O Diagrama 10 mostra como se configuram os Processos Existenciais: com o **Existente** sendo o Participante que realiza os Processos. Em princípio, não há limitações para a realização desse Participante: Halliday e Matthiessen (2004) apontam que ações, eventos, pessoas, objetos, instituições, abstrações, etc. podem realizar a função de Existente. A seguir, são apresentados exemplos de Orações Existenciais, estando os Processos Existenciais sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação:

Ex. 35. Nem menos sinal de sombra.
Água não havia. Capim não havia. A
deber os cavalos em cocho armado de
couro, e dosar a meio, eles esticando os
pescoços para pedir, eles olhavam como
para seus cascos, mostrando tudo o que
cangavam de esforço, e cada restar de
bebida carecia de ser poupado.

Ex. 36. E tinha xenxém, que tintipiava
de manhã no revredo, o saci-dobrejo, a
doidinha, a gangorrinha, o tempo- quente, a
rola-vaqueira...

Ex. 37. E estava chovendo, de acordo
com o mormaço.

Em Ex. 35, são apresentados dois casos de Orações com o Processo Existencial ‘havia’: na primeira, com o Existente ‘água’ e na segunda, com o Existente ‘capim’. Em Ex. 36, o Processo Existencial é realizado por ‘tinha’ e o Existente por xenxém (uma espécie de ave). Tanto em Ex. 35, quanto em Ex. 36, os Processos têm o sentido do verbo EXISTIR (tendo significados que remetem, por agnação, a: ‘não existia água’, ‘não existia capim’, ‘o xenxém existia’).

Já em Ex.37, a oração apresentada tem ‘estar chovendo’ realizando um Processo Existencial – trata-se de um caso limítrofe entre o Existencial e o Material que são os Processos Meteorológicos. Sobre tais Processos, Halliday e Matthiessen (2004) apontam que ora eles se aproximam mais dos Processos Existenciais (como é o caso do Ex.37, em que o Processo denota algo que existe, no caso, a chuva), ora se aproximam mais dos Processos Materiais (como em “o vento vem deste rumo daqui”, em que o Processo denota uma movimentação voluntária realizada pelo Participante ‘vento’) e, que, portanto, são os que conectam o círculo entre os diferentes tipos de Processos.

A próxima seção discute as Circunstâncias que, como anteriormente dito, são entes associados aos Processos (e são comuns aos mais diversos Processos – como é possível notar nos diagramas de configuração dos Processos, mostradas nas seções deste capítulo – embora haja algumas especificidades), mas não são diretamente afetadas por eles.

2.2.2. Circunstâncias

Associadas aos Processos sem serem diretamente afetadas por eles, as **Circunstâncias** são, segundo Halliday e Matthiessen (2004), elementos que podem acrescentar significados (de localização, causa, modo, etc.) aos Processos. São elementos que ocorrem em todos os tipos de Processos, tendo, basicamente, os mesmos significados independentemente do ambiente em que ocorrem e geralmente são constituídos por grupos nominais, grupos adverbiais e sintagmas preposicionados.

Halliday e Matthiessen (2004) propõem o uso de **perguntas WH** (em português conhecidas como **perguntas QU-**, elemento QU-, ou estrutura QU-²⁷) – como ‘o que?’, ‘como?’, ‘quando?’ e ‘onde?’ – para a identificação dos significados das Circunstâncias, dividindo esses significados, da seguinte forma: 1) de Extensão; 2) de Localização; 3) de Modo; 4) de Causa; 5) de Contingência; 6) de Acompanhamento; 7) de Papel; 8) de Assunto; e 9) de Ângulo.

²⁷ Conforme Grolla (2005) e Oliveira e Holm (2011):

- GROLLA, E. ‘Sobre a aquisição tardia de QU in situ em Português Brasileiro’. In: *DELTA [online]*. 2005, vol.21, n.1, p.57-73. ISSN 0102-4450. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21n1/27200.pdf> - último acesso em 16/10/2014.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; HOLM, John. ‘Estruturas-QU fronteadas e o ‘foco gramaticalmente controlado’’. In: *Papias*. ISSN 0103-9415. 1:21 (2011) 23-38. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/14404> - último acesso em 16/10/2014.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os dois primeiros tipos de Circunstâncias (de Extensão e de Localização) constroem o desenvolvimento de Processos nas dimensões do espaço e do tempo, sendo que as **Circunstâncias de Extensão** constroem intervalos, distâncias, durações e frequências; e as **Circunstâncias de Localização** constroem imagens do lugar, ou do momento, em que um Processo se desenvolve. Os autores apontam as seguintes formas interrogativas em inglês para identificar as Circunstâncias de Extensão (acompanhadas, entre parênteses, pelas suas traduções para o português):

- *How far?* (Qual a distância?)
- *How long?* (Quanto tempo?)
- *How many [measure units]?* (Quantas [unidades de medida]?)
- *How many times?* (Quantas vezes?)

Para a identificação das Circunstâncias de Localização, Halliday e Matthiessen (2004) apontam as seguintes formas interrogativas:

- *Where?* (Onde?)
- *When?* (Quando?)

A seguir, são apresentados exemplos retirados do corpus desta pesquisa (as Circunstâncias de Extensão e de Localização estão sublinhadas nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 38. Daqui a seis léguas, é a baixada do Brejinho lá tem logradouro.

Ex. 39. Jacaré grita, uma, duas, as três vezes, rouco roncado.

Ex. 40. Chegamos no Córrego Cansação, não longe do Araçuaí.

Em Ex.38, está destacado o grupo ‘daqui a seis léguas’, que pode ser classificado como uma Circunstância de Extensão por construir uma ideia de distância na oração e por responder à pergunta ‘*how far?*’ (qual a distância?) proposta por Halliday e Matthiessen (2004). Já em Ex.39, está destacada a unidade ‘uma, duas, as três vezes’, que indica, na oração, uma Circunstância de Extensão, apontando uma contagem de quantas vezes um evento (no caso: o jacaré gritar) ocorre. Em Ex.40, está destacado um exemplo de Circunstâncias de Localização, em que a Circunstância traz informações sobre o local onde o Processo se desenvolve (no caso, ‘o Córrego do Cansação’).

Halliday e Matthiessen (2004) advertem sobre a proximidade (no sentido de similaridade) entre as Circunstâncias que expressam Extensão e o Participante Escopo, que (como apresentado na seção 2.2.1.1) constrói o domínio em que o Processo se desenvolve. Para distingui-los, os autores contrastam a tendência das Circunstâncias de Extensão em apresentar unidades de medida (como as ‘seis léguas’, verificadas no Ex. 38) com a tendência do Escopo em não apresentar (como em ‘Atravessamos o rio’, verificado em Ex. 9, na página 42). Além disso, Halliday e Matthiessen (2004) destacam que o Escopo, por ser um Participante, pode ser construído como o Sujeito Oracional (em Ex. 9, por exemplo, o Escopo ‘o rio’ pode ser adaptado para ser sujeito oracional de ‘o rio foi atravessado’, enquanto no Ex. 38, a Circunstância ‘seis léguas’ não poderia constituir sujeito oracional).

O terceiro tipo de Circunstância apontado por Halliday e Matthiessen (2004) se refere às de Modo. Tais Circunstâncias indicam, segundo os autores, a forma como o Processo é realizado e são divididas em quatro subcategorias: a) de Meio; b) de Qualidade; c) de Comparação; e d) de Grau – especificadas a seguir.

As **Circunstâncias de Modo na subcategoria Meio** se referem aos meios pelos quais o Processo se desenvolve – o que inclui desde o conceito de instrumentalidade (como em ‘por trem’, por exemplo) até o conceito de agência (que, segundo os autores, pode se aproximar da função de Participante em algumas Orações na voz passiva). As Circunstâncias de Modo, na subcategoria Meio podem ser identificadas, segundo Halliday e Matthiessen (2004), pela seguinte forma interrogativa:

- *How?* (Como?)

As **Circunstâncias de Modo na subcategoria Qualidade** caracterizam, segundo Halliday e Matthiessen (2004), Processos especificando variáveis ou maneiras de movimento e podem ser identificadas, de acordo com os autores, pelas seguintes formas interrogativas:

- *How?* (Como?) ou *How [advérbio adequado]* (Como [advérbio adequado]?)

As **Circunstâncias de Modo na subcategoria Comparação** indicam, segundo Halliday e Matthiessen (2004), comparações entre diferentes entes. São realizadas normalmente por sintagmas preposicionados e podem ser identificadas pela seguinte forma interrogativa:

- *What ... like?* (Como... se parece?)

As **Circunstâncias de Modo na subcategoria Grau**, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), caracterizam a extensão da realização do Processo e, normalmente, ocorrem no contexto textual imediato (ou **co-texto**) do Processo (antes ou depois dele), sendo realizadas por indicativos de grau, como ‘as much’ (tanto), ‘a lot’ (muito), etc. Tais Circunstâncias podem ser identificadas pela seguinte forma interrogativa:

- *How much?* (Quanto?)

A seguir, são apresentados exemplos de Circunstâncias de Modo, retirados do corpus desta pesquisa:

Ex. 41. Matou enquanto ele estava dormindo assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido.

Ex. 42. O Sefredo comia muito. E sabia assoviar seguido, copiando o de muitos pássaros.

Em Ex. 41, está sublinhada a Circunstância de Modo na subcategoria Meio ‘por um funil’. Nele, a Circunstância indica o instrumento por meio do qual o Processo (de despejamento) se desenvolve e pode ser identificada por meio da forma interrogativa ‘Como?’. Já em Ex. 42, está destacada a Circunstância Modo na subcategoria Grau ‘muito’, que pode ser identificada pela forma interrogativa ‘Quanto?’.

O quarto tipo de Circunstância apontado por Halliday e Matthiessen (2004) se refere às deCausa. Tais Circunstâncias constroem, segundo os autores, razões e motivos pelos quais o Processo é realizado. Os autores incluem nessa categoria não apenas as razões no sentido mais estrito, mas também as condições que levam à realização do Processo – como Propósito, Razão e Benefício.

As **Circunstâncias de Causa na subcategoria de Razão** indicam os motivos pelos quais um Processo é realizado – no sentido de ‘porque’, sendo identificadas pelas seguintes formas interrogativas:

- *Why?* (Por que?) ou *How?* (Como?)

As **Circunstâncias de Causa na subcategoria Propósito** indicam o propósito ou a intenção que levam uma ação a ser realizada, sendo identificadas pela seguinte forma interrogativa:

- *What for?* (Para que?)

Sobre as Circunstâncias de Razão e Propósito, Halliday e Matthiessen (2004) enfatizam que elas tendem a ser realizadas em Orações separadas e não por sintagmas dentro da oração que elas modificam.

As **Circunstâncias de Benefício** representam a entidade, que geralmente é uma pessoa, beneficiada ou prejudicada pelo Processo, sendo identificadas pela seguinte forma interrogativa:

- *Who for?* (Para quem?)

Halliday e Matthiessen (2004) apontam que, embora o conceito de Cliente esteja abarcado nesta categoria (de Circunstância de Causa, na subcategoria Benefício), o Cliente é tratado pela gramática como um Participante por poder ser convertido em sujeito oracional e por, normalmente, não ser preposicionado.

A seguir, são apresentados exemplos de Circunstâncias de Causa, retirados do corpus desta pesquisa:

Ex. 43. [...]as reses entendiam, uma ou outra respondendo, e entraram no curral, para a beira dos cochos, na esperança de sal.

Ex. 44. [...]grças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades.

Em Ex. 43, está sublinhada a Circunstância ‘na esperança de sal’ que pode ser classificada como uma de Causa, da subcategoria Propósito, por indicar a intenção por trás da realização do Processo. Já em Ex. 44, está destacada a Circunstância ‘grças a Deus’, que pode ser classificada como uma de Causa, da subcategoria Razão por indicar a razão pela qual o Processo se desenvolve.

O quinto tipo de Circunstância apontado por Halliday e Matthiessen (2004) se refere às de Contingência. São Circunstâncias que especificam elementos dos quais o Processo depende para ser realizado. Os autores indicam três subcategorias para as **Circunstâncias de Contingência**: a) **Condição** (que indicam as condições necessárias para a realização do Processo); b) **Falta** (que indicam as condições apesar das quais o Processo se realiza); e c) **Concessão** (que indicam as condições negativas para a realização do Processo). Halliday e Matthiessen (2004) não indicam formas interrogativas para a identificação das Circunstâncias de Contingência, mas apontam que as de Condição podem ser representadas pelo sentido de ‘se’; as de Falta podem ser representadas pelo sentido de ‘apesar de’; e as de Concessão podem ser representadas pelo sentido de ‘se não’. A seguir, é apresentado um exemplo de Circunstâncias de Causa, retirado do corpus desta pesquisa:

Ex. 45. Se eu fosse filho de mais ação, e menos idéia, isso sim, tinha escapulado, calado, no estar da noite, varava dez léguas, madrugada, me escondia do largo do sol, varava mais dez, passava o São Felipe, as serras, as Vinte-e-Uma-Lagoas, encostava no São Francisco bem de frente da Januária, passava, chegava em terra cidadã, estava no pique.

Em Ex. 45, está destacada a Circunstância de Contingência, da subcategoria Condição ‘se eu fosse filho de mais ação, e menos idéia’, que indica a ideia de ‘se’, estabelecendo uma condição para a realização do Processo de escapulimento em questão.

O sexto tipo de Circunstância apontado por Halliday e Matthiessen (2004) se refere às de **Acompanhamento** – que constroem formas de participação conjunta de entes em Processos. Tais Circunstâncias podem ser divididas em duas subcategorias: a) Comitativo; e b) Aditivo. Nas do **tipo Comitativo**, duas entidades estão envolvidas em um único Processo, sendo uma delas acompanhada pela outra (ou não acompanhada pela outra, dependendo se o sentido é positivo ou negativo). Halliday e Matthiessen (2004) apontam que as Circunstâncias do tipo Comitativo podem ser identificadas pelas seguintes formas interrogativas:

- *Who/what with?* (Quem/Com o que?)

Já nas Circunstâncias de **Acompanhamento do tipo Aditivo**, Halliday e Matthiessen (2004) destacam o contraste construído pelo fato de serem utilizadas duas entidades que realizam o mesmo Processo (embora em instâncias diferentes), sendo que uma das entidades é representada como Participante, e a outra entidade é representada circunstancialmente. Os autores exemplificam tais Circunstâncias com a oração ‘*Fred came as well as Tom*’, em que o papel das duas entidades é diferenciado em relação a seu valor na oração (sendo ‘*Fred*’ construído como Participante do Processo ‘*came*’ e ‘*Tom*’ como Circunstância). Os autores indicam as seguintes formas interrogativas para identificar as Circunstâncias do tipo Aditivo:

- *And who/what else?* (E quem/O que mais?)

A seguir, são apresentados exemplos de Circunstâncias de Acompanhamento, retirados do corpus desta pesquisa:

Ex. 46. Nas folgas vagas, eu ia com os companheiros, obra de légua dali, no Leva, aonde estavam arranchadas as mulheres, mais de cinquenta.

Ex. 47. Eu confiro com compadre meu Quelemém, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem que, por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato.

Tanto em Ex. 46 quanto em Ex. 47, são destacados exemplos de Circunstâncias de Acompanhamento do tipo Comitativo – ambas indicam a participação conjunta de entes em Processos (no caso do primeiro, no Processo ‘*ia*’; e no caso do segundo, no Processo ‘*confiro*’).

O sétimotipo de Circunstância apontado por Halliday e Matthiessen (2004) se refere às **de Papel**. São, segundo os autores, formas de construir os significados de ‘*ser*’ e ‘*se tornar*’ de forma circunstancial. Duas subcategorias são apontadas pelos autores para as Circunstâncias de Papel: as de **Guisa** (que correspondem ao significado de ‘*ser*’) e as de **Produto** (que correspondem ao significado de ‘*se tornar*’). Para identificar as Circunstâncias de Guisa, Halliday e Matthiessen (2004) indicam a seguinte forma interrogativa:

- *What as?*(Como o que?)

Já para identificar as Circunstâncias de Produto, Halliday e Matthiessen (2004) indicam a seguinte forma interrogativa:

- *What into?*(Em que?)

A seguir, são apresentados exemplos de Circunstâncias de Papel, retirados do corpus desta pesquisa:

Ex. 48. [...] se a gente torna a encarnar renovado, eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho do inimigo.

Ex. 49. Qual foi que a gente se apartou, em grupos de poucos, jornadeando com a maior distância aberta

Em Ex. 48, está destacada a Circunstância ‘como filho do inimigo’ que pode ser classificada como de Papel, da subcategoria de Guisa por construir circunstancialmente um significado de ser (respondendo à forma interrogativa ‘como o que?’). Já em Ex. 49, a Circunstância ‘em grupos de poucos’ que pode ser classificada como de Papel, da subcategoria de Produto por indicar, circunstancialmente, em que o Participante ‘a gente’ se tornou. Em ambos os casos, os Processos (‘vir’ e ‘apartou’) poderiam ocorrer sem a Circunstância (como em ‘o inimigo pode vir’, ou em ‘a gente se apartou’), o que indica que tais Circunstâncias são formas de acrescentar significados aos Processos.

Os dois últimos tipos de Circunstância apontados por Halliday e Matthiessen (2004) se referem às de Assunto e às de Ângulo. São Circunstâncias mais limitadas que as demais por tenderem a ocorrer em Orações Verbais e em Processo Mental. Segundo os autores, as de **Assunto** são o equivalente circunstancial da Verbiagem (correspondendo àquilo que é descrito ou narrado) e podem ser identificadas pela seguinte forma interrogativa:

- *What about?* (Sobre o quê?)

Já as **Circunstâncias de Ângulo** são o equivalente circunstancial dos Dizentes (nos Processos Verbais) e dos Experienciadores (nos Processos Mentais) e podem ser subdivididas em: a) Fonte e b) Ponto de Vista. Como os próprios nomes indicam, as Circunstâncias de **Fonte** expressam a fonte das informações (de acordo com quem elas são apresentadas) e as de **Ponto de vista** indicam que a informação é dada pelo ponto de vista de uma entidade.

A seguir, são apresentados exemplos de Circunstâncias de Assunto e de Ângulo, retirados do corpus desta pesquisa:

Ex. 50. Diga o senhor, sobre mim diga.

Ex. 51. Ao que, numa tarde, se o Ornelas segundo seu contar proseava nas entradas da cidade, em roda com o dr. Hilário mais outros dois ou três senhores, e o soldado ordenança, que à paisana estava.

Em Ex. 50, está destacada a Circunstância ‘sobre mim’, que pode ser classificada como uma de Assunto. Ligada ao Processo Verbal ‘diga’, informando, circunstancialmente, sobre o assunto sobre o qual se narra. Já em Ex. 51, está destacada a Circunstância ‘segundo seu contar’, que pode ser classificada como uma de Ângulo, na subcategoria Fonte, por indicar circunstancialmente de acordo com quem a informação é dada (ou, em outras palavras, a fonte das informações).

A próxima seção apresenta investigações linguísticas acerca da experiência humana que tomam como referencial teórico a Linguística Sistêmico-Funcional. Na seção, são contemplados o trabalho de Butt, Lukin e Matthiessen (2004) – que investiga dois textos-chave relativos ao atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001: o discurso do então presidente Bush, realizado no dia 21 de setembro daquele ano, e o discurso do Tenente Coronel Tim Collins aos soldados britânicos em 19 de março de 2003, véspera da invasão do Iraque – e é dada especial atenção para as investigações sobre a construção da experiência da dor realizadas por Halliday (1998) e de Pagano e Figueredo (2011) – que, embora não estejam diretamente relacionadas ao tema do conflito, aqui investigado, são importantes para este trabalho por mostrarem a viabilidade da teoria aqui adotada na investigação de fenômenos cotidianos.

2.3. INVESTIGAÇÕES SISTÊMICO-FUNCIONAIS DA EXPERIÊNCIA HUMANA

Dentre as pesquisas que investigam a experiência humana a partir do componente experiencial da Metafunção Ideacional, destacam-se para este trabalho, três artigos: 1) Butt, Lukin e Matthiessen (2004), 2) Halliday (1998); e 3) Pagano e Figueredo (2011).

Embora tenham proximidades com a investigação aqui proposta, trata-se de trabalhos fundamentalmente diferentes do realizado nesta tese. A principal diferença entre a tese e o artigo de Butt, Lukin e Matthiessen (2004) se dá em relação às variáveis de contexto (Campo, Relações e Modo²⁸) dos corpora analisados em cada um dos trabalhos. Como mencionado na seção anterior, Butt, Lukin e Matthiessen (2004) analisam dois discursos que se correlacionam com o atentado de 11 de setembro de 2001: um do então presidente Bush e outro do Tenente Coronel Tim Collins; ao passo que este trabalho parte da análise de um corpus formado por dois textos literários.

As variáveis de contexto dos discursos de Bush (de 21/09/2001) e Tim Collins (de 19/03/2003), a serem mais bem apresentadas na seção 2.3.1, têm as complexidades que são características de textos escritos para serem falados, correlacionadas com as complexidades dos momentos sócio-políticos em que os textos são enunciados e das relações humanas que as situações engendram. Já os textos aqui analisados têm mais de um nível de complexidade por serem narrativas de ficção.

²⁸ Adoto aqui as traduções ‘Campo’, ‘Relações’ e ‘Modo’ para os termos ‘Field’, ‘Tenor’ e ‘Mode’, respectivamente, seguindo assim, propostas de tradução de autores como Vasconcellos e como Vian Jr.

- VASCONCELLOS, Maria Lúcia. *Dimensões da Interdisciplinaridade na formação de tradutores: Competência Tradutória, Enfoque por Tarefas, Tipologia Textual baseada em Contexto*. Cariri, 2012. (Comunicação oral). Apresentação disponível em: <http://goo.gl/TPbvYL> - último acesso em 05/02/14
- VIAN JUNIOR, Orlando. ‘Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas’. In: *Linguagem em (dis)curso* [online]. 2009, vol.9, n.2, p.387-410. Disponível em: <http://goo.gl/Lzo9J9> - último acesso em 05/02/14

Um exemplo de como as variáveis de contexto de uma narrativa de ficção podem operar em mais de um nível pode ser visto na análise que Halliday (1978) faz a partir da fábula 'The lover and his lass', de James Thurber²⁹. Analisando as variáveis de contexto da fábula, o autor aponta que o texto apresenta dois conjuntos distintos de Relações (*Tenor*) “um entre o narrador e seus(suas) leitores(as) [...], e outro entre os participantes na narrativa”³⁰ (HALLIDAY. 1978, p.146) e opera em dois níveis de Campo (*Field*), “o ato social da narração, e os atos sociais que formam o conteúdo da narração”³¹ (HALLIDAY. 1978, p.146).

Considerando as diferenças existentes entre as variáveis de contexto do corpus analisado em Butt, Lukin e Matthiessen (2004) e as do corpus aqui analisado, e com vistas a estabelecer um diálogo entre as duas análises, cumpre destacar que esta tese se desenvolve tendo em vista as Relações entre os personagens que tomam parte das narrativas *Grande Sertão: Veredas* e *The Devil to Pay in the Backlands* – não sendo analisadas as Relações entre os Livros e seus públicos-alvo.

Ao tentar empreender diálogos entre trabalhos que investigam corpora de naturezas diferentes a respeito de diferentes instâncias de conflito, esta tese busca visualizar o conflito a partir de diferentes pontos de vista – adotando aqui a visão de Halliday e Matthiessen (2004) do texto como uma janela para o sistema – e iniciando uma base que poderá servir para um futuro trabalho de descrição do conflito (ver a discussão sobre trabalhos de análise x trabalhos de descrição linguística, proposta por Matthiessen (2009) e discutida na seção 2.1).

²⁹ THURBER, James. *Further Fables For Our Time*. Hamish Hamilton, London: 1956.

³⁰ “(...) one between the narrator and his readership (...), and one among the participants in the narrative”

³¹ “(...) the social act of narration, and the social acts that form the content of the narration”

No que diz respeito à comparação entre a análise apresentada nesta tese e as dos artigos de Halliday (1998) e de Pagano e Figueredo (2011), pode-se destacar o fato de os trabalhos investigarem diferentes fenômenos da experiência humana. Os trabalhos de Halliday (1998) e de Pagano e Figueredo (2011) – como será mais bem apresentado na seção 2.3.2 – descrevem a construção linguística da experiência da dor em três idiomas (inglês, português brasileiro e espanhol argentino). Como mencionado na introdução deste trabalho, embora a ‘dor’, em si, não faça parte do escopo de investigação da tese aqui desenvolvida, os trabalhos dos autores são importantes para esta revisão por mostrarem a viabilidade da teoria aqui adotada na investigação de fenômenos cotidianos e por guiarem os métodos de pesquisa adotados e os tipos de leituras que podem ser depreendidas a partir dos dados levantados.

A próxima seção apresenta com mais detalhes o artigo de Butt, Lukin e Matthiessen (2004), tratando sobre o corpus analisado pelos autores e suas principais observações.

2.3.1. A experiência da guerra construída por meio da gramática

Butt, Lukin e Matthiessen (2004) consideram que o primeiro instrumento empregado em uma operação de guerra é linguístico: antes de se atacar um inimigo, é necessário defini-lo e construí-lo linguisticamente, além de empregar recursos retóricos, discursivos e textuais para convencer a sociedade (ou uma parcela da sociedade) sobre a necessidade de atacar esse inimigo. Partindo desse princípio, os autores se propõem a analisar dois discursos considerados chave para os conflitos que se desenrolam após o atentado ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001, a saber: 1) o discurso em que o então presidente George W. Bush se dirige à União³², buscando construir os significados relativos ao atentado de forma a conseguir apoio popular e político para as ações militares a serem tomadas; e 2) o discurso em que o tenente coronel Tim Collins se dirige ao seu regimento em março de 2003, orientando os soldados em relação a um empreendimento militar no Iraque e às posturas a serem adotadas (tanto em relação ao respeito necessário frente à cultura do país em que os soldados se encontravam quanto em relação a como deveria ser o comportamento desses soldados frente aos perigos e ameaças que os aguardavam).

³² União aqui empregada com o sentido de pessoa jurídica de Direito Público, representante do Governo Federal dos Estados Unidos.

A seleção dos dois textos analisados pelos autores do artigo se dá pela forma como ambos empregam a gramática – por essa se encontrar no limite entre a consciência e a realidade – para moldar significados, processos sociais e ações materiais. Butt, Lukin e Matthiessen (2004) analisam o emprego da gramática nos dois discursos tomando como ponto de partida as variáveis de contexto dos dois discursos:

- Em relação ao discurso do presidente Bush, os autores ressaltam forte ambivalência em todas as três **variáveis de contexto** (Campo, Relações e Modo). De acordo com Butt, Lukin e Matthiessen (2004), o **Modo** do discurso é escrito, mas o texto é construído com características de oralidade, buscando aumentar o apelo da mensagem e aproximação com a audiência; o **Campo** do discurso evoca tanto o âmbito institucional quanto do indivíduo, apontando para ações materiais tanto imediatas quanto a serem postergadas; e as **Relações** do discurso apontam para valores relativos à hierarquia social e ao agenciamento institucional da presidência, ao mesmo tempo em que busca construir relações familiares e de apoio comunitário, de forma a buscar o estabelecimento de conexões pessoais com o público norte-americano;
- Já no discurso do tenente coronel Tim Collins, os autores identificam mudanças dramáticas nas variáveis de contexto ao longo do texto. No que tange ao Campo, por exemplo, Butt, Lukin e Matthiessen (2004) apontam que as variações oscilam entre a ação e a reflexão, a especialização e a não especialização, o imediatismo e o longo prazo; já as Relações enfatizam a hierarquia, embora articule com a ideia de solidariedade, apelando para instituições como a família do regimento; o Modo, por sua vez, tem tanto características do canal falado imediato, quanto do meio escrito a partir do qual o militar lê o texto.

Após analisar as variáveis de contexto dos discursos, Butt, Lukin e Matthiessen (2004) investigam a construção do ‘inimigo’ nas falas de Bush e Collins – ponto do artigo que mais interessa para esta tese. Butt, Lukin e Matthiessen (2004) mostram como a fala de Bush é construída de forma a criar as condições para a guerra que o então presidente desejava empreender. Analisando os tipos de Processos a que o ‘inimigo’ está relacionado no discurso de Bush e os papéis gramaticais por ele desempenhados, os autores identificam (embora não apresentem números) que o ‘inimigo’ de Bush é predominantemente Ator em Orações Materiais – o que o caracteriza como um ser de ações e não de atributos e pensamentos. Além disso, o discurso atribui ao inimigo características consideradas negativas, construindo uma prosódia semântica negativa em torno desse ente – que realiza ações negativas (como: ‘To Kill’, ‘To Repress’, ‘To Threaten’, ‘To Overthrow’ e ‘To Brutalize’), contrastadas no discurso com as ações positivas desempenhadas por Participantes que, de alguma forma, representam Estados Unidos.

Emblemático desse contraste entre as ações positivas dos Estados Unidos e das ações negativas do ente inimigo é o fechamento do discurso de Bush: “Caros cidadãos, enfrentaremos violência com justiça paciente – seguros de que a nossa causa é justa e confiantes na vitória futura.”³³ Como Butt, Lukin e Matthiessen (2004) destacam, o fecho do discurso é uma forma de o então presidente buscar, pela língua, legitimação para a iniciativa bélica: ao optar por construir uma oposição entre o que o inimigo fez (violência) e o que nós faremos (justiça paciente), o discurso do presidente coloca em segundo plano o fato de a reação dos Estados Unidos aos atentados terrorista implicar, necessariamente, na morte de pessoas (independente de discussões sobre inocência ou culpa) – o que poderia ser lido como reagir às mortes com mais mortes.

³³ Tradução publicada pelo periódico *Folha de São Paulo* para a frase “Fellow citizens, we’ll meet violence with patient justice – assured of the rightness of our cause, and confident of the victories to come.”. Disponível em <http://goo.gl/MHfxxR> - último acesso em 28 de janeiro de 2014.

Já no discurso de Tim Collins dirigido aos seus soldados, a construção do inimigo é feita de forma diferente da adotada pelo presidente Bush. O discurso do militar, como mostram Butt, Lukin e Matthiessen (2004), não confere ao inimigo o papel de Agente de Processos – exceto quando o Processo tem algum grau de reflexividade –, mas de meio pelo qual os Processos ocorrem, ou de Beneficiários ou Circunstâncias. Collins, como apontam os autores, prefere conferir aos soldados o papel gramatical de Atores e Experienciadores, o que implica conferir a eles o controle sobre as experiências materiais e mentais relativas à guerra. Além disso, ao contrário de Bush – que em seu discurso busca construir o inimigo com características predominantemente negativas (por meio, por exemplo, da seleção lexical e dos Processos realizados por esse inimigo, como mostrado nos parágrafos anteriores)–, Collins ressalta algumas características positivas do povo iraquiano (como seu passado histórico e suas qualidades culturais) – o que cria um contraste entre os alvos da operação militar a ser empreendida e a população civil iraquiana – que, em tese, não deve ser atacada pela investida militar.

Pesquisas como a apresentada pelos autores ajudam a visualizar como a gramática de uma língua pode ser usada para construir padrões sociais, comportamentos políticos e representações ideologicamente orientadas, além de mostrar, como apontam Butt, Lukin e Matthiessen (2004, p.269) “o poder da linguagem em construir a nossa experiência no mundo social e em desempenhar papéis e relações sociais, ao mesmo tempo em que criamos um universo de informação”³⁴.

A seção seguinte apresenta dois trabalhos (um de Halliday e outro de Pagano e Figueredo) relativos à construção da experiência da dor em três idiomas: inglês, português e espanhol. Embora o tema desses trabalhos seja diferente do aqui desenvolvido, são pesquisas de grande importância para esta tese por apresentarem a aplicação da teoria aqui adotada à investigação de experiências cotidianas.

³⁴“(...) the power of language to construe our experience of the social world, and to enact social roles and relations, while at the same time creating a universe of information.”

2.3.2. A experiência da dor construída em três idiomas

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), é possível construir interpretações multifacetadas e complexas a respeito de diversos domínios da experiência humana – como é o caso das experiências sobre emoções, sentimentos, sensações. Dois exemplos de investigações sobre experiências complexas (no caso, ambos sobre a construção da experiência da dor física) são as de Halliday (1998) – sobre a construção da dor em inglês – e de Pagano e Figueredo (2011) – sobre a construção da dor em português brasileiro e espanhol argentino.

O estudo de Halliday (1998) sobre a dor, a partir de considerações sobre transitividade e tipos de Processos, constitui um exemplo de como é possível desenvolver investigações sobre a experiência humana a partir da gramática da língua. Halliday (1998) considera que os recursos gramaticais oferecidos pelos sistemas linguísticos e empregados na construção dessas experiências oferecem pistas importantes de como experiências complexas são processadas pelo ser humano. Para o autor, é por meio da linguagem que a experiência cotidiana é transformada em significado e, portanto, as categorias e relações que constituem nossa realidade assumida são importantes para se tentar entender como as experiências humanas são construídas.

A seleção da dor física como objeto de pesquisa de Halliday (1998) se dá devido à singularidade e à importância dessa experiência humana. Trata-se de uma reação física que tende a ser temida pelos seres humanos, mas que é, ao mesmo tempo, importante para a sobrevivência desses – por ser uma das principais marcas biológicas de que o corpo dispõe para indicar que há algo de errado (e potencialmente ameaçador) ao organismo. Além disso, o autor aponta que, embora haja estudos sobre a dor desenvolvidos por outras áreas do conhecimento (como a área médica e a farmacológica, por exemplo), a experiência é pouco investigada textualmente – embora bastante frequente nas vidas cotidianas.

Halliday (1998) consulta o corpus COBULID, usando nódulos *comopain*, *hurt*, *acheesore*, e suas derivações, e constata uma proporção de 1:5.000. Isso significa que, a cada 5.000 palavras em língua inglesa constitui uma forma de representação da dor no corpus – o que mostra a representatividade do tema no corpus investigado. Em seguida, Halliday (1998, p.311) levanta 3.783 ocorrências dos itens lexicais selecionados para a pesquisa, sendo: 2.062 relativas ao lema *PAIN*; 1.240 ao lema *HURT*; 233 ao lema *ACHE*; e 248 ao lema *SORE*. Embora seja possível fazer ressalvas em relação a esses números, como aponta Halliday (1998, p.311) – por se tratar de um corpus composto, em grande parte, por narrativas ficcionais (que favorecem a construção da dor emocional), por textos escritos (o que não favorece o estabelecimento de uma gramática do cotidiano, como é a proposta de Halliday), e com ocorrências metaforizadas ou generalizadas da dor –, são números importantes para ratificar a representatividade do objeto de pesquisa no corpus.

Por não ter um corpus constituído por textos orais e espontâneos que lhe permita investigar como a gramática da vida cotidiana constrói a dor, Halliday (1998) utiliza um texto específico (a transcrição de uma consulta médica entre um médico e um jovem paciente) para investigar o ambiente gramatical que envolve a dor (incluindo aí os itens lexicais que constroem a dor, as colocações desses itens, os interagentes da situação de comunicação, a estrutura genérica do texto, etc.). O autor retoma a ideia de que a experiência é construída na gramática por *quanta of change*, em configurações experienciais e levanta a questão sobre que tipo de elemento a ‘dor’ constitui na gramática: Processo, Participante ou Circunstância.

Em suas investigações, Halliday (1998) aponta três possibilidades para a construção da ‘dor’: a) como coisa (*thing*); b) como qualidade; e c) como Processo. Segundo Halliday (1998, p.316-8), quando construída como coisa (com o uso de elementos textuais que podem ser classificados gramaticalmente como nomes), a dor adquire maior perenidade no eixo temporal e tem a possibilidade de tomar parte em uma série de Processos, podendo ter sete diferentes propriedades gramaticais (todas elas associadas à categoria experiencial de Participante), a saber:

- a) Confinamento, realizado por nomes contáveis (como no exemplo ‘*some pains*’, apontado pelo autor), ou não-contáveis (como em ‘*he’s got no pain just there*’);

- b) Passível aquisição, recepção ou posse (como nos exemplos ‘*giving him this constant pain*’ e ‘*you’ve got a sore throat*’, apontados pelo autor);
- c) Localização temporal e duração (como no exemplo dado pelo autor: ‘*I had a bad ache this morning. It still aches now*’);
- d) Variação de intensidade (como nos exemplos ‘*a bad ache*’ ou ‘*it gets worse*’, apontados pelo autor);
- e) Localizado no corpo ou em partes do corpo (como no exemplo dado pelo autor: ‘*getting some pains in your tummy*’);
- f) Variação de qualidade ou tipo (o que, em inglês, pode ser verificado pela pergunta ‘*what is the pain like?*’, segundo o autor);
- g) Acompanhado por Circunstâncias, construídas no eixo temporal (como no exemplo dado pelo autor ‘*Sometimes it [the pain] gets worse [...] When you’re doing something, or... any old time?*’).

Quando a dor é construída como qualidade, Halliday (1998, p.318-9) aponta que ela tem características frequentemente associadas às de Participante, sendo construída por elementos textuais que podem ser classificados gramaticalmente como adjetivos associados a partes do corpo (como no exemplo dado pelo autor: ‘*a sore stomach*’), a pessoas (como no exemplo dado pelo autor: ‘*he’s sore there, he’s just a bit more tender*’) ou a uma configuração impessoal (como no exemplo dado pelo autor: ‘*it’s tender there, show me where it’s sore*’).

A última das possibilidades identificada por Halliday (1998) diz respeito à construção da dor como Processo. No corpus analisado pelo autor, no entanto, são poucos os casos em que a dor é construída por meio de verbos, compelindo o autor a buscar, fora do texto, elementos que permitam o estabelecimento de paradigmas linguísticos a respeito da construção da dor na língua inglesa. Halliday (1998, p.320) defende o estabelecimento desses paradigmas por eles permitirem, aos estudiosos da língua, a identificação de potenciais linguísticos por trás das realizações linguísticas. O autor conclui propondo a investigação de outros domínios da experiência humana a partir de teorias gerais, com categorias pré-definidas, tendo em vista a identificação de como essa experiência é organizada no sistema da língua.

Pagano e Figueredo (2011) seguem os passos de Halliday (1998) e promovem a comparação do português brasileiro e do espanhol argentino, empregando um método de pesquisa baseado na Linguística de Corpus, como recurso para a formação de aprendizes de língua e tradutores. O corpus empregado pelos autores é constituído por dois subcorpora compostos por textos contemporâneos, de livre circulação na Internet, dos gêneros: i) entrevista, ii) texto informativo e iii) fórum de discussão. No artigo, os autores buscam circunscrever a comparação a uma experiência determinada – a dor física (evitando discussões sobre dores emocionais e outros tipos de dores) –, e se baseiam no estudo de Halliday (1998), para investigar o “conjunto de recursos gramaticais empregados para a representação da experiência de dor dos quais dispõem os falantes” (PAGANO E FIGUEREDO, p.270).

Por meio uso da ferramenta *Concord* (do software *WordSmith Tools*), Pagano e Figueredo (2011) investigam as linhas de concordância que têm como núdulos 'dor' e 'dolor', 'doer' e 'doler (e formas flexionadas) e observam os ambientes linguísticos nos quais essas palavras ocorrem. No artigo, os autores investigam, inicialmente, as categorias experienciais nas Orações em que a experiência da dor é realizada, visando a identificar a experiência linguística de permanência e de transitoriedade ligadas à construção da dor. Os autores verificam que, tanto em português quanto em espanhol, a ‘dor’ tende a ocorrer, predominantemente, como Participante (98,8% das realizações em língua portuguesa e 76,4% das realizações em língua espanhola são classificadas pelos autores na categoria experiencial de Participante). Para Pagano e Figueredo (2011), a dor se mostra um ente estável nas línguas analisadas por ser construída por meio de Participantes – que são “elementos permanentes [que] se repetem ao longo do texto e participam de eventos distintos”, em contraposição aos Processos, que são “elementos transitórios [que] representam os próprios eventos na linguagem e, exatamente por esse motivo, conservam natureza transitória” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.273).

Além de analisar as categorias experienciais nas quais a ‘dor’ é realizada em português brasileiro e espanhol argentino, Pagano e Figueredo (2011) ainda analisam a ‘dor’ como Participante pleno na estrutura de transitividade do corpus, objetivando identificar os tipos de Processos a que esses Participantes estão ligados. Os resultados levantados pelos autores apontam que, na maioria dos casos, a dor é construída como Participante associado a um Processo Material, podendo “ser estabelecidas relações de identidade, posse e atribuição [...]. Em menor quantidade, a dor também é sentida, sendo Participante associado a um Processo Mental, [...] e, finalmente, em menor frequência também é construída como um ser Existente” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.284), sendo que, em português, a dor é construída mais frequentemente como “Participante que age no mundo exterior à nossa consciência (Material) ou como uma parte de nossa experiência que pode ser relacionada com outra, classificada, qualificada (Relacional)” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.288), enquanto em espanhol a dor é representada principalmente como Processo Mental “construída como registro de uma vivência interna à nossa consciência e percepção” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.288).

Por fim, os resultados da análise de Pagano e Figueredo (2011) mostram os diferentes recursos léxico-gramaticais que o português brasileiro e o espanhol argentino possuem para representar a dor física e “revelam a produtividade do processo de objetificação da dor, ao possibilitar que aquilo que era primariamente um Processo (‘doer’) se tornasse um objeto com progressiva intenção” (PAGANO E FIGUEREDO, 2011, p.292-3). Com isso, Pagano e Figueredo (2011, p.298) reiteram Halliday (2002)³⁵, apontando como a gramática de uma língua pode ser reveladora no que tange a uma ‘teoria da experiência humana’ e argumentam em prol da necessidade de se investigar as experiências humanas construídas em interações cotidianas que passam despercebidas.

³⁵ HALLIDAY, M.A.K. ‘Grammar and daily life: concurrence and complementarity’. In: WEBSTER, J. J. (Ed.). *The collected works of M. A. K Halliday*. v. 1 (On grammar). London: Continuum, 2002. p.369-382.

Essa gramática do cotidiano, como aponta Halliday (2002), aceita, e inclusive celebra a indeterminação, a variação e a mudança, constituindo recurso do qual os seres humanos dispõem para transformar a experiência em significado. Com isso, ao se propor uma investigação da gramática do cotidiano, fala-se não apenas em observar recursos léxico-gramaticais, mas também que formas de experiência podem ser construídas na língua.

As próximas seções retomam a discussão sobre a conceituação de conflito. Para tanto, são apresentadas noções de conflito com as quais Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) vem trabalhando e apontadas relações entre conflito e poder, a partir das discussões desenvolvidas por Mayr (2008), bem como apresentadas discussões de conflito propostas por autores como Birnbaum (1995), Wallensteen (2012) e Cohrs (2012).

2.4. FATORES A SEREM CONSIDERADOS NA CARACTERIZAÇÃO DE CONFLITOS

Como descrito na introdução deste texto, esta tese pretende, a partir do corpus paralelo formado pelos textos *Grande Sertão: Veredas* e *The Devil to Pay in the Backlands*, analisar a construção linguística de conflitos armados realizados por grupos litigantes. Dessa forma, a tese acompanha a linha de pesquisa de Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) – em que a autora promove a análise de conflitos a partir de textos em relações de tradução (e/ou que envolvem tradução).

Embora o conflito seja um fenômeno cotidiano – observável, como aponta Birnbaum (1995), nas mais diversas esferas e agrupamentos sociais (desde o casal até os grandes agrupamentos políticos) –, sua conceituação nem sempre é simples. Um dos fatores complicadores está ligado ao fato de se tratar de um fenômeno fortemente ligado à noção de poder – que, por si só, constitui questão de discordância entre acadêmicos, como mostra Mayr (2008), ao revisar o tema. Discutindo a noção de **poder** em sistemas sociais e suas instituições, Mayr (2008) apresenta duas grandes correntes acadêmicas que definem ‘poder’ de formas diferentes: a primeira (que a autora chama de *mainstream*) que trabalha com **formas coercitivas de poder**, poder do estado, instituições e com a noção de poder como forma de dominação; e a segunda (*second-stream*, segundo a autora) que trabalha com a questão da influência do poder e as **formas de poder como persuasão**:

- A primeira corrente remonta a Weber (1914)³⁶, que analisa a autoridade nos estados modernos e pré-modernos e trabalha com o poder das instituições e a questão da legitimação e aceitação do poder pelo povo. Segundo Mayr (2008), essa corrente culmina com a discussão de Lukes (1974)³⁷ sobre as dimensões de poder e a concepção de poder como fenômeno ideológico que interconecta língua, poder e instituições.
- A segunda corrente, para Mayr (2008), tem em Gramsci (1971)³⁸ e Foucault³⁹ alguns de seus principais expoentes e trabalha, a partir de Gramsci (1971), com conceitos de hegemonia e com os mecanismos empregados nas sociedades para persuadir grupos – quando o poder se exerce por meios ideológicos, de forma rotineira, e não por coerção –; e a partir de Foucault, com os papéis das instituições como lócus do poder disciplinário e das micropráticas de poder, e com a correlação entre poder, conhecimento e as práticas discursivas que regulam os comportamentos dos indivíduos.

³⁶ WEBER, M. ‘The Economy and the Arena of Normative and De facto Powers’, In ROTH, G and WITTICH, C. (Ed.). *Economy and Society*. New York: Bedminster Press, 1914.

³⁷ LUKES, Steven. *Power: A Radical View*. Basingstoke e London: Macmillan Education, 1974.

³⁸ GRAMSCI, A. *Selections from the Prison Notebooks*. London: Lawrence and Wishart, 1971.

³⁹ FOUCAULT, M. *The Archaeology of Knowledge*. London: Tavistock, 1972.

FOUCAULT, M. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. London: Allen Lane, 1977.

FOUCAULT, M. *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writing 1972-1977*. New York: Pantheon Books, 1980.

FOUCAULT, M. ‘Method’, in STOREY, J. (ed.), *Cultural Theory and Popular Culture*. London: Harvester Wheatsheaf, 1994. p.163-9.

Baker (2006) aborda a frequente correlação entre os conceitos de conflito e de poder, apoiando-se em Bachrach e Baratz (1962⁴⁰ e 1970⁴¹) para enfatizar que as relações de poder se desenvolvem a partir de situações de conflito. A autora se fundamenta em Lukes (1974)⁴² para apontar que a noção de poder abrange desde o interesse em influenciar outras pessoas até as formas de uso da força como meio de evitar conflitos, mas evita levar suas discussões para debates mais sociológicos, optando deliberadamente por não discutir a noção de poder segundo Foucault, por entender, que a “abordagem [de Foucault] em relação ao poder diminui a questão do conflito observável, reconhece que o poder pode ter muitas formas e localiza o exercício do poder na forma como a ordem política e social estruturam a realidade para nós”⁴³ (BAKER, 2006, p.173).

Ao abordar a definição de conflito, mais especificamente, Baker associa o fenômeno a situações de choques de interesses entre duas ou mais partes que buscam se sobrepor uma a outra. Em seu livro de 2006, a autora aponta que conflito se refere a uma situação “em que duas ou mais partes buscam minar/enfraquecer uma a outra por terem objetivos incompatíveis, interesses contrários ou valores fundamentalmente diferentes”⁴⁴ (BAKER, 2006, p.1-2) e ressalta que o conflito é uma parte natural da vida cotidiana e não uma questão ligada apenas a estados de hostilidade entre grupos de pessoas, de diferentes raças, religiões ou estado-nação.

⁴⁰ BACHRACH, Peter e BARATZ, Morton S. ‘The Two Faces of Power’, *American Political Science Review*, Volume 56, Issue 4. Dec., 1962, p.947-952. Disponível em: <http://goo.gl/7wZ4Xw> - Último acesso em 09/04/2014.

⁴¹ BACHRACH, Peter e BARATZ, Morton S. *Power and Poverty: Theory and Practice*, New York: Oxford University Press:1970

⁴² LUKES, Steven. *Power: A Radical View*. Basingstoke e London: Macmillan Education, 1974.

⁴³“(…) approach to power similarly downplays the issue of observable conflict, acknowledges that power takes many forms, and further locates the exercise of power in the way the social and political order structures reality for us”.

⁴⁴“In its broadest meaning, conflict refers to a situation in which two or more parties seek to undermine each other because they have incompatible goals, competing interests, or fundamentally different values”

Birnbaum (1995) trabalha com o **conceito de conflito** a partir da importância desse fenômeno para os cotidianos das sociedades: para o autor, o conflito é um elemento essencial na formação e na manutenção de grupos sociais, por ser um meio de resolução de divergências e criação de unidades em sociedades – nem que seja, em último caso, pela destruição de uma das partes –, um mecanismo capaz de definir identidades e fronteiras entre as sociedades e os grupos.

Já a definição de Wallensteen (2012) parte da ótica da resolução/transformação do conflito – razão pela qual o autor tende a enfatizar a propriedade intrínseca dos conflitos em serem solucionáveis. O autor aponta que, ao se discorrer sobre o tema, pode-se estar falando sobre comportamentos ou sobre ações, mas destaca que são as ações que constituem/caracterizam o conflito e fazem com que o fenômeno possa adquirir diferentes significados na vida cotidiana. Para sua compreensão de ‘conflito’, o autor enumera cinco fatores:

1. **Incompatibilidade de posições:**

A incompatibilidade é, para Wallensteen (2012), um conceito chave para se entender as situações de conflito declarado – que, para o autor, ocorrem apenas quando duas (ou mais) partes têm posições que não podem ser conciliadas, dentro de um universo de recursos limitados, e essas partes decidem tomar ações – quando outras opções (como negociação, ajuste de demandas e outras formas de solução) não são mais viáveis;

2. **Partes envolvidas:**

Considerando uma situação em que há recrudescimento na tensão entre os grupos humanos envolvidos, Wallensteen (2012) ressalta que a forma como o conflito se constitui, depende das partes envolvidas no conflito, de como elas se organizam, da “história das partes, da compreensão que essas partes têm sobre o seu próprio papel e seus recursos”⁴⁵ (WALLENSTEEN, 2012 p.16);

⁴⁵ “The history of the actors, the actors’ understanding of their own role and their resources (...)” – opto aqui por traduzir o termo ‘actor’ utilizado pelo autor como ‘parte’ para diferenciá-lo, terminologicamente, do termo ‘Ator’ dos Processos Materiais da Linguística Sistemico-Funcional.

3. **Temporalidade do choque de interesses entre as partes:**

Wallensteen (2012) enfatiza que conflito pressupõe que as partes envolvidas têm interesse, necessariamente simultâneo, em um determinado recurso – novamente considerando que a existência de um conflito pressupõe um universo de recursos limitados e que as possibilidades de divisão de um determinado recurso não são satisfatórias para as partes;

4. **Recursos envolvidos:**

Por frequentemente mencionar que conflito pressupõe um universo de recursos limitados – uma vez que a abundância de recursos permite o atendimento de diferentes demandas, de mais diferentes grupos–, Wallesteen (2012) discute o conceito de ‘recurso’ que perpassa sua argumentação. Para o autor, quando se discutem conflitos, as noções de recursos devem ir além de questões econômicas e abranger “todos os tipos de posições que são de interesse para uma parte”⁴⁶ (WALLENSTEEN, 2012 p.16) – o que pode abranger desde situações cujo valor pode ser estimado monetariamente (um trecho de terra, acessos tecnológicos, etc.) até situações de valor não-estimável (reconhecimento, atribuição de responsabilidades, etc.);

5. **Valores intangíveis envolvidos:**

Além das situações que envolvem valores não-estimáveis mencionadas ao discutir os recursos envolvidos em conflitos, Wallesteen (2012) também aponta a possibilidade de influência de valores intangíveis na constituição de conflitos, como “incompatibilidades relacionadas a justiça, normas morais e culpa”⁴⁷.

⁴⁶“The term ‘resources’ covers all kinds of positions that are of interest to an actor” – aqui também opto pela tradução de ‘actor’ como ‘parte’, pela mesma razão apresentada na nota de rodapé nº 45, acima.

⁴⁷“(…) incompatibilities relating to matters of justice, moral norms and guilt.”

Tendo discutido os conceitos que, para ele, podem ser vistos como chave para a compreensão de conflitos, Wallensteen (2012) passa a tratar das diferentes formas de se agrupar conflitos declarados. Para tanto, o autor lista três diferentes projetos⁴⁸ que, embora compartilhem o mesmo objetivo de monitorar os conflitos armados travados ao redor do mundo, apresentam diferentes resultados. Wallensteen (2012) atribui as diferenças nos resultados dos monitoramentos aos critérios empregados por cada projeto para agrupar as situações de conflito, a saber: a) as subdivisões adotadas por cada projeto para organizar os conflitos monitorados; b) o que cada projeto utiliza para caracterizar os conflitos entre grupos de um mesmo Estado (como enfatiza o autor, conflitos entre diferentes Estados tendem a ser menos problemáticos no que diz respeito a caracterização e organização); c) se os projetos consideram variações diacrônicas ou desenvolvimentos na forma como os conflitos se apresentam; e d) como os projetos lidam com as delimitações espaço temporais dos conflitos monitorados.

Cohrs (2012) adota uma perspectiva psicossociológica para abordar as bases ideológicas para a formação de conflitos. Embora as perspectivas de Wallensteen (2012) e de Cohrs (2012) sejam diferentes, os princípios listados pelos autores coincidem em diversos pontos, a saber:

- Tanto Wallensteen (2012) quanto Cohrs (2012) têm posturas otimistas em relação a conflitos – enquanto o primeiro tende a enfatizar que conflitos são sempre solucionáveis e podem levar a mudanças sociais, o segundo tende a destacar o conflito como ferramenta necessária para as esferas sociais e políticas das sociedades, sendo potencialmente construtiva – embora tome, por vezes, formas destrutivas, como lamenta o autor;

⁴⁸ Wallensteen (2012) cita os projetos:

- i) UCPD – Uppsala Conflict Data Program (da Uppsala University, na Suécia). Disponível em: <http://goo.gl/kCW40Z> - último acesso em 23/04/2014;
- ii) AKUF – Causes of War Project (da University of Hamburg, na Alemanha). Disponível em: <http://goo.gl/XJVdWk> - último acesso em 23/04/2014; e
- iii) COW – Correlates of War project (da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos). Disponível em: <http://goo.gl/JBO4Wd> - último acesso em 23/04/2014.

- Enquanto Wallensteen (2012) diz que valores intangíveis (como noções de justiça, moral e culpa) podem influenciar conflitos, Cohrs (2012) discute os valores intangíveis sob a denominação ‘**bases ideológicas**’. Para Cohrs (2012, p.53), são as ideologias que “fornecem aos indivíduos e aos grupos as ideias sobre questões políticas pelas quais vale a pena lutar”⁴⁹, sendo que, para o autor, o conceito de **ideologias** abrange valores avaliativos, atitudes e percepções;
- Enquanto Wallensteen (2012) aponta que os conflitos derivam de incompatibilidades de posições, Cohrs (2012) aborda como o papel das ideologias em determinar o que as sociedades estão dispostas a tolerar umas das outras, em termos de harmonia, dominação e exploração e como essas ideologias contribuem para a formação de conflitos violentos;
- Wallensteen (2012) aborda o papel das partes envolvidas em conflitos, falando sobre as compreensões que esses seres humanos têm sobre si próprios, sobre seus papéis em seus grupos e sobre os recursos de que seus grupos dispõem, enquanto Cohrs (2012) lida com a questão sob a perspectiva de como as ideologias moldam as percepções dos indivíduos sobre sentimentos de injustiça e de raiva em relação ao outro;
- Wallensteen (2012) trata sobre os recursos envolvidos na construção de conflitos e sobre a pressuposição de uma situação de recursos limitados em relações de conflito, já Cohrs (2012, p.63-4) aponta que o conflito tende a existir quando **restrições** se impõem aos indivíduos – para o autor, “se as condições objetivas de vida são boas, o nível de violência social é mais baixo, em sociedades que preferem relacionamentos harmônicos com seus ambientes sociais e naturais”⁵⁰.

⁴⁹[Ideologies] “provide individuals and groups with ideas about what political issues are worth fighting for”

⁵⁰“(…) if the objective living conditions are good, the level of societal violence is lower in countries that prefer a harmonious relationship with their social and natural environment”

O único dos pontos abordados por Wallensteen (2012) não discutido por Cohrs (2012) é a questão da temporalidade do choque de interesses entre as partes – talvez por ser um ponto de menor interesse para o segundo autor, devido ao seu foco nas bases ideológicas para a formação de conflitos.

Também sob uma perspectiva psicossociológica, Lickel (2012) discute a questão da retribuição e da vingança em conflitos. Neste ponto da tese, destacam-se os pontos de convergência entre autor e Wallensteen (2012) e Cohrs (2012). Para Lickel (2012) conflitos tendem a ser motivados por situações de limitação de recursos e os valores das sociedades tendem a ter papel preponderante nas visões dos indivíduos sobre o que é justo e sobre quando o ataque e a utilização da força contra o outro são justificáveis.

O restante da discussão desenvolvida por Lickel (2012) gira em torno dos mecanismos de vingança e retribuição. O autor discute sobre as emoções que levam os indivíduos e sociedades a se empreenderem em atitudes que, em último caso, podem levar a situações de circularidade e retroalimentação de conflitos (quando os grupos sociais se alternam em ataques violentos, motivados por ataques anteriores desferidos pelo outro grupo), sobre os processos de elaboração e desenvolvimento de conflitos e sobre as percepções dos indivíduos e das sociedades (sobre si e sobre o outro) quando se dão situações de retribuição de agressões. Embora essa parte da discussão de Lickel (2012) não contribua diretamente para a pesquisa aqui desenvolvida, o trabalho do autor pode constituir – em outras propostas de pesquisa – um referencial interessante para se discutir psicossociologicamente o empenho de Diadorim em se vingar de Hermógenes na segunda metade das narrativas (de *Grande Sertão: Veredas* e *The Devil to Pay in the Backlands*) pelo assassinato de seu pai – Joca Ramiro: nas atitudes do personagem no texto, são identificáveis os processos de raiva, ruminação, desenvolvimento de percepções, etc. que são discutidos por Lickel (2012) em seu trabalho.

Dentre as diferentes perspectivas adotadas e questões apontadas quando se trata da **conceituação e caracterização de conflitos**, destacam-se para esta tese:

a) As estruturas de poder das sociedades em conflito

As estruturas de poder apresentadas na narrativa de Riobaldo são importantes para compreender as lógicas de funcionamento dos grupos apresentados no corpus e os poderes das autoridades nesses grupos, assim como a legitimação e a aceitação do poder pelos grupos sociais.

Os grupos sociais apresentados nas narrativas estruturam em torno da figura de chefe as relações entre os diferentes agrupamentos se caracterizam por estados quase-permanentes de guerra – com apenas breves períodos de paz –, o que, para Wegner (2000) caracteriza uma sociedade não organizada em torno de valores político-diplomáticos.

Na narrativa de Riobaldo, os conflitos podem ser entendidos, ainda segundo Wegner (2000), como a representação de um embate entre diferentes estruturas de poder: uma mais característica do passado, marcada pela guerra travada durante anos contra Zé Bebelo e o objetivo em destruí-lo e a seu grupo; e uma mais própria da modernidade, representada pela decisão de não executar Zé Bebelo após sua derrota, mas prendê-lo e julgá-lo. Desse embate, entre passado e modernidade – que, para Wegner (2000), representa, em *Grande Sertão: Veredas*, uma tentativa de mudança de estrutura de poder (de uma estrutura em que os conflitos são solucionados unicamente pela destruição do grupo rival, para uma estrutura em que os conflitos podem ser solucionados por noções de justiça baseadas em punições não necessariamente capitais) – surgem as resistências que culminam com a morte do chefe Joca Ramiro, a reorganização dos agrupamentos sociais e a manutenção do círculo vicioso de ataques e vinganças entre os grupos.

b) O conflito como fenômeno cotidiano

A importância em se entender o conflito a partir da visão de autores Birnbaum (1995) – tratá-lo como um fenômeno cotidiano, essencial para a formação e a manutenção de grupos sociais – está conjugada, neste trabalho, aos trabalhos de Halliday (1998) e Pagano e Figueredo (2011) que fundamentam a investigação aqui empreendida.

Ao trabalhar com o conflito como um aspecto frequente da experiência humana – e não como uma situação distante, identificável apenas entre grandes grupos e Estados-nação – é possível alinhar a análise aqui desenvolvida à proposta de Halliday (1998) observar quais recursos léxico-gramaticais são empregados para transformar a experiência em significado e, dessa forma, construir uma gramática cotidiana.

c) As partes envolvidas nos conflitos

Wallensteen (2012) e Cohrs (2012) destacam a importância de se entender os grupos sociais para se compreender e caracterizar conflitos. Para os autores, a decisão de um grupo social em tomar ações contra outro grupo depende das ideologias das partes e das compreensões que essas partes têm de si próprias, dos outros, da situação em questão, de o que é tolerável, o que é justo e quais são as causas pelas quais vale a pena lutar.

Como apontado ao se falar das estruturas de poder dos grupos, apresentam-se, nos textos que compõem o corpus, grupos organizados em torno de figuras de chefes e que habitam uma realidade em que investidas armadas contra os grupos rivais são mais naturais que soluções diplomáticas e tentativas de acordo com os grupos rivais. Para Rosenfield (2007, p.19), é justamente essa característica da “selvageria originária”, cuja violência se sobrepõe às possibilidades de ordem (não violenta) que caracteriza os grupos dos jagunços apresentados nos textos.

A naturalidade das investidas armadas em detrimento das soluções pacíficas pode ser exemplificada pelo trecho do julgamento de Zé Bebelo (apresentado na seção 4.2, na página 150): no episódio, os jagunços reagem com contrariedade quando Só Candelário sugere o exílio – e não a execução – de Zé Bebelo como forma de resolução do conflito até então compreendido.

d) Possibilidades de agrupamentos para se analisar conflitos

Também importa para esta tese a discussão promovida por Wallensteen (2012) sobre como diferentes visões acerca de conflitos podem levar a diferentes agrupamentos e análises de conflitos – que o autor levanta a questão ao discutir os projetos UCPD, AKUF e COW (ver nota de rodapé 48 na página 86).

Para Wallensteen (2012), são quatro os fatores que influenciam a forma como conflitos podem ser agrupados e analisados: a) as subdivisões adotadas; b) o que caracteriza os conflitos entre grupos de um mesmo Estado; c) se são consideradas variações diacrônicas ou desenvolvimentos; e d) como são tratadas as delimitações espaço temporais.

Essa discussão é relevante para esta tese devido ao fato de o corpus desta análise apresentar a narrativa de duas guerras travadas no sertão brasileiro: embora este trabalho se refira a tais conflitos como duas guerras – por elas serem assim apresentadas na narrativa – a opção de análise aqui adotada foi não subdividir os dados linguísticos referentes a cada uma delas. Isso se justifica pelos seguintes fatores: a) embora separados na história, os conflitos podem ser vistos como desdobramentos (variações diacrônicas) um do outro; b) as partes envolvidas nos dois conflitos são as mesmas, embora, em posições alternadas em cada um dos conflitos; c) não há diferentes delimitações espaciais entre os conflitos e, temporalmente, os conflitos são eventos sequenciais – o que corrobora a visão dos dois como variações ou desdobramentos um do outro.

A próxima seção apresenta os trabalhos desenvolvidos por Baker ao longo dos últimos anos, dentro de sua proposta de investigar o conflito a partir de textos que se apresentam em relação de tradução, tomando a teoria da narratividade de Somers e Gibson (1994) como aporte teórico.

2.5. NARRATIVIDADE, CONFLITO E TRADUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) vem construindo uma proposta de discussão do conflito, baseando-se em teorias sociais e da comunicação, com eventuais apoios da Linguística Textual. A autora continua se afiliando aos Estudos da Tradução e vem introduzindo a teoria da narratividade, proposta por Somers e Gibson (1994), como ferramenta de análise dentro do campo disciplinar. Nesta seção, será discutida a proposta de trabalho de Baker, a teoria da narratividade – central para a proposta da autora – e os desenvolvimentos por ela apresentados.

Desenvolvida em propostas das teorias sociais e da comunicação – por Somers (1992⁵¹ e 1997⁵²) e Somers e Gibson (1994) – e aplicada à análise de traduções por Baker (2005, 2006, 2007 e 2010), a **teoria da narratividade** vem sendo utilizada por Baker para analisar textos produzidos e traduzidos em condições de conflito. Baker (2007) justifica a escolha dessas ferramentas teóricas por uma insatisfação com as noções teóricas até então utilizadas: segundo a autora, ao tentar explicar o comportamento de tradutores e intérpretes seguindo a noção de normas (segundo a proposta de Toury, 1995⁵³), eram privilegiadas análises de “comportamentos repetitivos, abstratos e sistemáticos”⁵⁴ (BAKER, 2007 p.151-2) e negligenciados os comportamentos de grupos e indivíduos que se contrapõem a padrões dominantes e dogmas políticos e sociais. Além disso, para Baker (2007), a teoria de normas não favorece o evidenciamento de padrões intrincados do jogo de dominação e resistência do qual participam tradutores e intérpretes que trabalham em situações de conflito. Assim, a autora analisa, a partir da teoria da narratividade, os trabalhos de tradutores e autores como indivíduos reais, considerando aspectos culturais, raciais e religiosos que têm influência na construção de seus pontos de vista e comportamentos.

⁵¹ SOMERS, Margaret. ‘Narrativity, narrative identity, and social action: Rethinking English working-class formation’. In: *Social Science History* 16. p.591-630, 1992.

⁵² SOMERS, Margaret. ‘Deconstructing and reconstructing class formation theory: Narrativity, relational analysis, and social theory’. In *Reworking class*, edited by John R. Hall. pp.73-105. Ithaca, N.Y. and London: Cornell University Press, 1997.

⁵³ TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins: 1995. Disponível em <http://goo.gl/yvJYB> - último acesso em 05/05/2011.

⁵⁴“Norm theory encourages analysts to focus on repeated, abstract, systematic behaviour”.

Na perspectiva teórica adotada por Baker, o termo **narrativa** se refere a sistematizações da experiência humana, organizadas temporal, espacial ou socialmente. O termo, como bastante enfatizado nos trabalhos da autora, equivale ao termo **história** (*story*, em inglês) e, mais do que uma simples forma de representar a realidade, corresponde a uma forma pela qual a realidade é constituída, tendo impactos diretos sobre a racionalidade, a objetividade moral e os seus conceitos que as pessoas desenvolvem (tanto sobre si mesmos, quanto sobre os outros). Baker (2005) define as **narrativas** como sendo as histórias pessoais e públicas contadas, por nós e para nós, sobre o mundo e sobre a realidade ao nosso redor e ressalta que as narrativas estão na base de toda a construção do saber humano, constituindo um meta-código que perpassa os modos de comunicação dos quais o ser humano dispõe.

Dentro da teoria da narratividade de Somers e Gibson (1994), a principal ferramenta de análise apresentada por Baker (2005, 2006, 2007 e 2010) é a **tipologia** que propõe a divisão das narrativas em quatro categorias, a saber: Narrativas ontológicas; Narrativas Públicas; Narrativas Conceituais; e Meta-Narrativas. Não se trata de uma divisão estanque, mas de uma tentativa de delinear funções sociais e aspectos políticos envolvidos na formação de narrativas. Além desse modelo de narratividade, Baker (2006) também apresenta características dos modelos de Somers (1992, 1994, 1997) e de Somers e Gibson (1994) que, segundo a autora, são pontos-chave para a narratividade, bem como características complementares a esses pontos. No primeiro grupo, dos pontos-chave, estão: a) Relação das partes (*Relationality*); b) Nexos de causalidade (*Causal employment*); c) Apropriação seletiva (*Selective appropriation*); e d) Temporalidade, sequência e lugar (*Temporality*)⁵⁵. Já no segundo grupo, dos pontos complementares, estão: a) Especificidade (*Particularity*); b) Aderência genérica (*Genericness*); c) Normatividade (*Normativeness*); e d) Aglutinação narrativa (*Narrative accrual*).

⁵⁵ Adoto aqui as traduções de LAPERA, P.V.A, 'A presença de "Iracema, uma transa amazônica" (1974) no cinema brasileiro'. In: *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, E-compós, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008., para os termos: a) Relationality; b) Causal employment; c) Selective appropriation; e d) Temporality

Por fim, dentro da teoria de narratividade, Baker (2006) apresenta o conceito de **reenquadramentonnarrativo** (*reframe*), argumentando que o fato de que todos os saberes humanos têm, como pano de fundo, uma série de narrativas que moldam a construção de mundo na qual os seres humanos se inserem e que, no processo de tradução, pode haver um reenquadramento dessas narrativas – o que pode “acentuar, diminuir ou modificar aspectos da narrativa que perpassa o texto fonte [...] e que, ao fazê-lo, moldam a realidade social” (Baker, 2006. p.6)⁵⁶.

A proposta de Baker de aplicar a teoria da narratividade como ferramenta análise para os Estudos da Tradução, no entanto, é relativamente recente os trabalhos da autora são geralmente voltados para a investigação de grandes conflitos bélicos (que envolvem estados-nação e grandes organizações políticas). Além disso, nota-se, nos trabalhos desenvolvidos por Baker, uma tendência em defender reiteradamente as possíveis vantagens da aplicação dessa teoria como ferramenta teórico-conceitual para os Estudos da Tradução. Em seus artigos de 2005 e 2010, por exemplo, Baker dedica boa parte dos textos a argumentos favoráveis ao uso da narratividade como ferramenta de análise nos Estudos da Tradução por se tratar de uma teoria que permite evidenciar o fato de que as pessoas não podem estar alheias às narrativas que as circundam.

⁵⁶ “accentuate, undermine or modify aspects of the narrative(s) encoded in the source text (...), and in so doing participate in shaping social reality.”

Em seu artigo de 2005, Baker questiona o papel desempenhado pela tradução e pelos(as) tradutores na mediação de conflitos bélicos entre estados. Segundo a autora, os discursos científicos sobre a tradução tendem a enfatizar o papel das traduções como promotoras da paz, por meio do diálogo e do entendimento entre as diferentes culturas, e a ignorar o papel ativo que os(as) tradutores(as) têm quando desempenham a função de mediadores(as) desses tipos de conflitos. Dentro dessa proposta, Baker (2005) utiliza o conceito de **meta-narrativa** para contestar a ideia de que o(a) tradutor(a) intermedeia honestamente o diálogo entre partes conflitantes, promovendo justiça, paz, tolerância e progresso. Para a autora, ao separar o(a) tradutor(a) de suas posturas políticas, sociais e econômicas, tais meta-narrativas camuflam a real complexidade do papel desempenhado por tradutores(as) em situações de conflito. Isso ressalta, para Baker, que as narrativas que moldam a vida e o modo de ver o mundo do(a) tradutor(a) não podem ser ignoradas, sob o “risco de intensificar pontos cegos e encorajá-los(as) a se tornar complacentes com a natureza de suas intervenções e menos conscientes dos danos que elas podem causar”⁵⁷ (BAKER, 2005, p.11).

Já em seu artigo de 2007, Baker utiliza o conceito de **reenquadramento narrativo** para tentar avaliar a forma como tradutores(as) e intérpretes reenquadram (*frame*) aspectos de conflitos sociais e políticos em seus trabalhos – participando, assim, ativamente da construção da realidade social e política. Defendendo a teoria da narratividade por ela permitir que se questione a ideia de objetividade ou neutralidade em relação às narrativas envolvidas no processo de tradução, Baker (2007, p.155-6) aponta a produtividade da noção de reenquadramento para mostrar que “os movimentos discursivos que antecipam e guiam a interpretação e as atitudes dos outros em relação a uma série de eventos”⁵⁸.

⁵⁷ “risk intensifying their blindspots and encouraging them to become complacent about the nature of their interventions, and less conscious of the potential damage they can do” (Baker, 2005, p.11).

⁵⁸ “discursive moves designed to anticipate and guide others’ interpretation of and attitudes towards a set of events”.

Por fim, em seu artigo de 2010, Baker utiliza estudos e notícias sobre conflitos contemporâneos para analisar a forma como tradutores e intérpretes são representados por outros personagens envolvidos nos conflitos (como militares, correspondentes de guerra, habitantes das regiões em que se desenvolvem guerras, etc.). Nesse estudo, Baker (2010) utiliza o conceito de **narrativa pública** para mostrar que as partes litigantes se constroem, mutuamente, como representações do mal, como forças ameaçadoras, incontroláveis e intransigentes. Para a autora, o uso da narrativa pública serve ao propósito de justificar o conflito (e o uso de poderio bélico) por meio da desumanização do oponente. Em relação à imagem do(a) tradutor(a) nesse contexto, Baker ressalta a falta de confiança com a qual ele(a) é tratado(a) por ambas as partes litigantes – o que tem reflexos sobre o senso de identidade do(a) tradutor(a), cuja participação é significativa para a construção das narrativas que definem o conflito.

Embora a autora não entre na questão, suas observações no artigo de 2010 coincidem com a análise de Butt, Lukin e Matthiessen (2004) – apresentada na seção 2.3.1 – que aponta que o discurso do então presidente George W. Bush constrói a imagem do inimigo de forma a enfatizar características consideradas negativas e a desumanizar tal inimigo, o que, segundo os autores, serve ao propósito de justificar a guerra e o uso de recursos bélicos na ocasião.

A tese aqui apresentada busca contribuir para a linha de trabalho proposta pela autora, investigando a construção da experiência do conflito por meio da linguagem, utilizando um corpus paralelo formado por *Grande Sertão: Veredas* e *The Devil to Pay in the Backlands*. O trabalho aqui proposto se diferencia do de Baker, no entanto, ao utilizar uma base Sistêmico-Funcional (apresentada na seção 2.3) como ferramental teórico para a investigação, por considerar a produtividade desse arcabouço teórico para a análise aqui proposta, pelo já estabelecido diálogo que ele tem com os Estudos da Tradução e pelo forte apelo semântico dessa teoria, como aponta Newmark (1987, p.293⁵⁹, citado por Vasconcellos, 2009, p.365) – o que faz dela uma opção teórica bastante adequada para a investigação de textos em relação de tradução (dada a constante busca de tradutores pela construção de significados).

⁵⁹ NEWMARK, P. 'The Use of Systemic Linguistics in Translation Analysis and Criticism'. In: STEELE, ROSS and TERRY THREADGOLD (eds.). *Language Topics: Essays in honour of Michael Halliday*, 1987.

A próxima seção apresenta o corpus aqui investigado e o método adotado na pesquisa. A seção compreende desde características textuais do corpus, informações relativas aos tamanhos dos textos e os procedimentos adotados para utilização do software *AntConc 3.2.4w* na análise, até os procedimentos adotados para a investigação, as decisões relativas à delimitação do escopo de pesquisa, critérios adotados para lidar com casos em que a classificação depende de um nível maior de subjetividade.

3. CORPUS E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

3.1. SOBRE O CORPUS DE PESQUISA

Como apontado ao longo deste texto, o desenvolvimento desta pesquisa se dá a partir da análise do corpus paralelo constituído por *Grande Sertão: Veredas* e *The devil to pay in the backlands*. Nesta seção, ambos os textos são apresentados, bem como algumas de suas características e as razões que justificam a composição do corpus.

Publicado em 1956, *Grande Sertão: Veredas* apresenta a narrativa ontológica do ex-jagunço Riobaldo. Nessa narrativa, Riobaldo revela, a um interlocutor não identificado, sua história de vida – que compreende sua história familiar, sua educação, sua decisão em se tornar um jagunço, seu amor impossível pelo também jagunço Reinaldo/Diadorim e suas aflições espirituais, especialmente no que tange às suas dúvidas quanto ao fechamento de um acordo faustiano em Veredas-Mortas. Marcado pela não linearidade, o texto se estrutura sem divisões de capítulos e apresenta traços que imprimem um caráter oralizado à narrativa de Riobaldo, sendo frequentes as digressões e as omissões ao longo da história.

Traduzida a quatro mãos, por Harriet de Onís e James L. Taylor, e publicada em 1963 pela editora Knopf, a tradução *The devil to pay in the backlands* constitui, até o momento, a única tradução de *Grande Sertão: Veredas* para o inglês. Há projetos de produção de nova tradução da história de Riobaldo para o idioma – como o projeto da professora Elizabeth Lowe McCoy, da Universidade de Illinois, por exemplo – mas ainda em fases iniciais. Em abril de 2012, ao me responder sobre perspectivas de publicação, McCoy disse que o texto ainda não havia sido traduzido e que o trabalho estava em estágio de negociação com editoras que pudessem se interessar pelo texto. A professora dispôs a divulgar novidades ou desenvolvimentos nessa negociação (até dezembro de 2014, contudo, não foram divulgadas mais informações).

A primeira razão para a escolha do corpus paralelo *Grande Sertão: Veredas – The devil to pay in the backlands* para esta pesquisa é a importância do conflito para a história. Como aponta Mulinacci (comunicação oral⁶⁰), a narrativa se estrutura ao redor de diversas esferas de conflito, que vão desde a linguagem utilizada às guerras retratadas no texto. O personagem Riobaldo, por exemplo, é emblemático ao representar, por si só, duas esferas de conflito: em primeiro lugar, por ser, como aponta Bolle (2009, p.264) “um bandido que domina o código da classe culta, ou seja, um ‘bandido letrado’”; em segundo lugar, por ser um personagem que enfrenta, ao longo de toda a narrativa, o conflito interno de amar o também jagunço Reinaldo (Diadorim) e não aceitar esse sentimento, contrapondo-o ao ambiente de brutalidade do sertão e à estrutura social do grupo de jagunços em que se insere.

Dentre as esferas de conflito que compõem o texto, interessam especialmente para esta tese as guerras travadas no sertão – que constituem exemplos de conflito armado entre grupos litigantes – retratadas em um contexto ficcional. A primeira dessas guerras é motivada pelo domínio do sertão e travada pelo bando de Joca Ramiro contra Zé Bebelo e os soldados do governo. A segunda dessas guerras é motivada por sentimentos de vingança e retribuição em relação ao assassinato de Joca Ramiro e travada entre os remanescentes do bando de Joca Ramiro – liderados inicialmente por Zé Bebelo e posteriormente por Riobaldo/Tatarana/Urutu Branco – e o bando de Hermógenes, responsável pelo assassinato. Neste trabalho, como apontado na seção 2.4, são feitas referências a tais guerras de forma separada, por elas serem assim apresentadas nos textos, mas os dados linguísticos levantados a partir delas são tratados em conjuntos não separados – por entender que os conflitos são desdobramentos um do outro, que os personagens envolvidos nas duas guerras são os mesmos e que suas variações espaço-temporais tampouco justificam separações linguísticas entre os dados.

⁶⁰ Comunicação oral, intitulada *Uma reflexão sobre a tradução de poesia, prosa e ensaio*, apresentada em 03/10/2011, na Universidade Federal da Paraíba.

A segunda razão para a escolha do corpus paralelo desta pesquisa diz respeito à importância da tradução *The devil to pay in the backlands* para a divulgação internacional da obra de Guimarães Rosa. Alves (2011), por exemplo, aponta que a obra é a única representante da literatura brasileira na lista dos 100 melhores romances escritos, divulgada em 2002 pelo periódico *The Guardian*. Em seu trabalho, Alves (2011) identifica apenas três obras escritas em língua portuguesa nessa lista, a saber: *The Book of Disquiet* (de Fernando Pessoa), *Blindness* (de Jose Saramago) e *The devil to pay in the backlands* (de João Guimarães Rosa) – os nomes dos romances em português (respectivamente: *Livro do Desassossego*; *Ensaio sobre a cegueira* e *Grande Sertão: Veredas*) não estão divulgados na lista. Como ressalta Alves (2011, p.131), o periódico não deixa claro como a lista de obras foi feita (se foram considerados apenas os textos em suas línguas originais, ou se foram também consideradas traduções) – o que abre espaço para se questionar o reconhecimento do trabalho dos(as) tradutores(as) para a divulgação internacional das obras que formam a lista –, mas a presença de *The devil to pay in the backlands* confirma a importância dessa tradução para a divulgação internacional da narrativa de Riobaldo.

Por fim, também como razão para a escolha do corpus paralelo *Grande Sertão: Veredas – The devil to pay in the backlands* figura a linguagem empregada nos textos em língua portuguesa e em língua inglesa – o que, por si só, merece atenção analítica. Enquanto o texto de Guimarães Rosa é reconhecido pela forma com explora os recursos linguísticos oferecidos pelo sistema da língua portuguesa, empregando uma linguagem marcada e marcada e **lexicalmente criativa**⁶¹; o texto de Onis e Taylor tende a não explorar o sistema da língua inglesa de forma análoga.

⁶¹ O conceito de criatividade lexical aqui utilizado está relacionado ao uso de léxico que, de alguma forma, escapa do padrão de expectativa de um sistema linguístico. Embora a definição entre o que pode e o que não pode ser considerado criativo em um sistema dependa de uma análise subjetiva, critérios podem ser estabelecidos para marcar a divisão, como mostra o trabalho de Bueno (2004), em que a autora, utilizando subsídios da linguística de corpus analisa colocações, transitividade e coesão lexical criativos em um corpus paralelo, além de promover um interessante debate sobre criatividade lexical.

Segundo Marquezini (2006, p.225), a exacerbada capacidade de criatividade observada em *Grande Sertão: Veredas* pode ser vista como “a face mais aparente de toda a obra de Guimarães Rosa e, por isso, talvez a mais comentada e analisada”. Marquezini (2006, p.228) considera a linguagem empregada pelo autor como sendo um complexo esforço linguístico em mimetizar um discurso que representa, “de forma verossímil, as características da expressão oral [do narrador sertanejo]”. Tal esforço, como apontado por Reyer, Santachè e Cecchetti (2009, p.343), é fruto do conhecimento do autor acerca das possibilidades oferecidas pelo sistema da língua portuguesa, o que permite que Guimarães Rosa “[consiga] aproximar a escrita literária à fala menos culta, criando novas palavras e dando nova significação a palavras conhecidas” e trazer o leitor em direção à narrativa.

O texto de Onís e Taylor, por outro lado, não se caracteriza pela mesma criatividade verificada em *Grande Sertão: Veredas*. Por parte da crítica literária, as reações à tradução de Onís e Taylor são ambivalentes, havendo reconhecimentos (como a inserção da obra na lista do periódico *The Guardian*, apontado nesta seção) e críticas negativas. Dois exemplos de crítica negativas em relação à tradução são a do poeta Claude L. Hulet e a do tradutor Cliff Landers: enquanto Hulet – segundo Vasconcelos (2009) – lamenta a perda da força do texto, argumentando que as características mais destacáveis do original teriam ficado vagas para o leitor de língua inglesa; Landers classifica *The Devil to Pay in the Backlands* – em entrevista cedida à revista *Veja* em junho de 2011 – como uma tentativa fracassada de traduzir *Grande Sertão: Veredas* e aponta a suposta falha na tradução como o fator responsável por não terem sido feitas outras tentativas de tradução nas décadas que se seguiram – embora seja contraditório consigo mesmo ao dizer que não se deve condenar os tradutores da obra pelo fracasso, mas afirmar que “quando se dá uma tradução falha, se impede na prática que se esboce outra tradução por pelo menos vinte anos. No caso da obra-prima de Guimarães Rosa, infelizmente, até hoje não houve outra tentativa” (*Veja*: ‘Entrevista: por que é tão difícil traduzir um escritor brasileiro’ – parágrafo 6º).

-
- BUENO, Leticia Taitson. *Transitividade, coesão e criatividade lexical no corpus paralelo Macunaíma, de Andrade e Macunaíma, de Goodland*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2004

Segundo Vasconcelos (2009, p.78-9), a avaliação do próprio Guimarães Rosa sobre a tradução de Onis e Taylor é ambígua: se, por um lado, Guimarães Rosa reconhece o valor da tradução de *Grande Sertão: Veredas* para o inglês e mostra sua gratidão pelo trabalho, esperando que a tradução abra a visibilidade do texto para o mundo, por outro, o autor deixa transparecer insatisfações em relação ao texto em inglês: ao enviar carta a Curt Meyer-Clason⁶², o autor afirma que “não raro, mesmo, [os americanos] chegam a desfigurar o que o autor quis dizer, tirando-lhe a energia dialética, o sopro de sua *Weltanschauung*⁶³[...]”, concluindo que “tudo virou água rala, mingau” (VASCONCELOS, 2009, p.79).

Uma das questões que pode explicar a insatisfação de Guimarães Rosa com o resultado da tradução pode estar ligada às limitações de Onis no que diz respeito à língua portuguesa e à cultura brasileira. Como aponta Vasconcelos (2009, p.72), em grande parte das correspondências trocadas por Onis e Guimarães Rosa, nota-se o objetivo da tradutora em resolver dúvidas de compreensão, além de pedidos de “esclarecimentos de significados e elucidação de intenções” (VASCONCELOS, 2009, p.76). Não raramente, nessas correspondências, Guimarães Rosa insta Onis a ousar mais em suas escolhas tradutórias, como mostra o trecho a seguir (retirado de Vasconcelos, 2009 p.76) da carta de Guimarães Rosa a Harriet de Onís, em 4 de novembro de 1964:

⁶² Tradutor de textos de Guimarães Rosa para o alemão

⁶³ Ideologia, em alemão.

Mas, o mais importante, sempre, é fugirmos das formas estáticas, cediças, inertes, estereotipadas, lugares-comuns, etc. Meus livros são feitos, ou querem ser pelo menos, à base de uma dinâmica ousada, que, se não for atendida, o resultado será pobre e ineficaz. Não procuro uma linguagem transparente. Ao contrário, o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos. Tem de tomar consciência viva do escrito, a todo momento. Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e de pensar. Não o disciplinado — mas a força elementar, selvagem. Não a clareza — mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. E é nos detalhes, aparentemente sem importância, que estes efeitos se obtêm. A maneira-de-dizer tem de funcionar, a mais, por si. O ritmo, a rima, as aliterações ou assonâncias, a música 'subjacente' ao sentido — valem para maior expressividade. (...)

O trecho da carta de Guimarães Rosa apresentado no parágrafo anterior reflete o contraponto entre o texto em português e o em inglês. Ao apontar, por exemplo, sua intenção de expor o leitor a um choque que o desperte de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos, e ao enfatizar a importância de fugir de formas estáticas e lugares comuns da língua, Guimarães Rosa verbaliza — com seu viés não acadêmico — o contraponto entre os dois textos no que diz respeito à forma como cada um explora os recursos linguísticos oferecidos pelas línguas em que se apresentam.

Em resumo, a composição do corpus aqui analisado se justifica principalmente por três fatores: i) a importância do conflito para a construção da história; ii) a importância da tradução para a divulgação internacional do texto; e iii) a linguagem empregada, especialmente no que diz respeito à contraposição da criatividade empregada no texto original com o conservadorismo das escolhas tradutórias do texto traduzido.

A próxima seção se concentra em apresentar informações sobre o corpus paralelo aqui investigado, enfatizando questões relativas à preparação dos textos para constituição do corpus (e conseqüente análise por meio de softwares especializados) e aos dados estatísticos sobre cada um dos textos que compõem o corpus.

3.2. PREPARAÇÃO DO CORPUS PARA ANÁLISE

Para a utilização de softwares de análise de corpora e concordanciadores (como *AntConc*, *ParaConc*, *WordSmith Tools*, por exemplo), é necessário que os arquivos que contêm os textos estejam adequados a uma série de formatos e requisitos específicos. Nesta seção, são apresentados dois aspectos em relação à constituição do corpus paralelo utilizado nesta pesquisa: o primeiro sobre a preparação do corpus a partir de um livro disponível em formato digital – caso do texto em português (*Grande Sertão: Veredas*) – e o segundo sobre a preparação do corpus a partir de um livro em formato impresso – caso do texto em inglês (*The devil to pay in the backlands*).

Para a **preparação do corpus** utilizado nesta pesquisa, adotam-se os critérios compilados Alves e Morinaka (2004⁶⁴). Elaborado a partir dos procedimentos adotados por pesquisadores(as) das Universidades Federais de Minas Gerais e de Santa Catarina, o texto de Alves e Morinaka (2004) funciona como um manual de boas práticas, detalhando procedimentos para a preparação e compilação de corpora para análise e apontando informações sobre revisão e edição; codificação para detecção de vocábulos (*types*) e ocorrências (*tokens*); e ferramentas disponíveis para diferentes propostas de pesquisa.

⁶⁴ O trabalho de Alves & Morinaka (2004) ficou disponível no endereço <http://goo.gl/q0Aac> até 26 de agosto de 2009, quando o servidor do site que o hospedava suspendeu suas operações indefinidamente. Em outubro de 2014, o trabalho foi re-publicado – convertido ao formato de artigo acadêmico – pela revista *Cadernos de Letras (UFPel)*, estando disponível no endereço <http://goo.gl/qplhSs> (último acesso em 20/10/2014).

Embora a proposta de Alves e Morinaka (2004) tenha sido elaborada tendo em vista o software *WordSmith Tools*, os critérios de preparação e compilação nela apresentados são adequados a diferentes softwares de pesquisa em corpora, como é o caso do software *AntConc* (versão 3.2.4w), aqui empregado. Desenvolvido por LaurenceAnthony, da Waseda University, o **AntConc** é um **concordanciador** que permite, ao(à) pesquisador(a), levantar dados de forma sistemática, para serem analisados automática ou semi-automaticamente. As principais vantagens do *AntConc*, em relação a outros concordanciadores disponíveis no mercado, são: a) o fato de ele estar disponível gratuitamente, via Internet – o que possibilita o uso do software em anuência com princípios de propriedade intelectual; b) seu tamanho reduzido (em *KiloBytes*) e o fato de o software não exigir instalação – o que permite o uso do software em diferentes máquinas; e c) o volume considerável de recursos disponibilizados pelo software – que oferece opções para levantamento de listas de palavras, listas de palavras-chave, linhas de concordância, colocações, entre outras.

A preparação do texto em português para compor o corpus desta pesquisa foi facilitada pela disponibilização de *Grande Sertão: Veredas*, em sua versão integral, pela editora. Durante a comemoração dos 50 anos de publicação, a editora Nova Fronteira liberou acesso ao texto, por meio do site *Domínio Público*. Passadas as comemorações, no entanto, a disponibilização foi suspensa e o arquivo retirado do site – como apontado por Pinho (*Folha.com*: "'Divina Comédia' lidera em site literário' – parágrafo 3º). Ainda é possível encontrar cópias do arquivo na Internet, no entanto, tais cópias são frequentemente retiradas do ar por violação de direitos autorais, o que dificulta a informação de um link estável nesta tese.

Tendo o texto de *Grande Sertão: Veredas* já em formato digital e tendo ele sido fornecido por uma fonte confiável – no caso, a própria editora –, adotam-se os seguintes procedimentos para adequação do texto digital aos padrões necessários para análise pelo software de pesquisa:

1. Palavras

No contexto da Linguística de Corpus, como aponta Berber Sardinha (2004), considera-se como **palavra** toda sequência de letras do alfabeto (que inclui hífen, apóstrofe e alguns caracteres especiais em alguns casos) separada de outras palavras por um espaço ou qualquer sinal de pontuação.

Tal noção de ‘palavra’ engloba duas dimensões, a saber: i) **vocábulos** (*types*), que correspondem a cada palavra utilizada, contada uma única vez (sem considerar as repetições de palavras); e ii) **ocorrências** (*tokens*), que correspondem ao total de palavras, contadas tantas vezes quanto elas ocorrem no corpus (incluindo, portanto, as repetições de palavras).

Dessa forma, no exemplo “Ser ou não ser”, é possível contar quatro ocorrências de três vocábulos. É importante ressaltar que, no atual estágio de desenvolvimento, os softwares ainda não são capazes de diferenciar palavras polissêmicas. Isso quer dizer que no texto “a manga da sua camisa está suja de suco de manga”, por exemplo, a palavra manga seria contada pelo software como duas ocorrências de um mesmo vocábulo (muito embora se trate de sentidos diferentes).

2. Frases

No contexto da Linguística de Corpus, **frase** é um conjunto de palavras em sequência, sendo que a sequência necessariamente é começada com uma letra maiúscula e terminada com um sinal de pontuação (como “.”, “?” e “!”), seguido por um espaço em branco.

Tal consideração se baseia nas configurações empregadas pelos softwares de análise de corpora para identificar textos e suas divisões gráficas. E, para preparar o corpus desta pesquisa – de forma que o software *AntConc 3.2.4w* consiga processar o texto –, todas as frases do texto são verificadas – inclusive as que estão em posição final de parágrafo – para confirmar se elas obedecem aos critérios estabelecidos pelos softwares.

3. Parágrafos

No contexto da Linguística de Corpus, **parágrafos** são sequências de frases, separados por dois toques na tecla <ENTER>. Tal configuração também obedece a um requisito do software de análise e, para que as separações de parágrafos possam ser reconhecidas corretamente pelo software *AntConc 3.2.4w*, todos os parágrafos dos textos são verificados para confirmar que a tecla <ENTER> tenha sido pressionada duas (e somente duas vezes) sequencialmente ao fim dos parágrafos.

4. Codificação UTF8

Como nos textos que compõem o corpus são empregados caracteres especiais (como “ó” em “Hermógenes”, “ã” em “João”, “á” em “Candelário” e outros), adota-se a **codificação UTF8** (abreviação em inglês de *Unicode Transformation Formats*): trata-se de uma codificação que o software é capaz de reconhecer (sem gerar erros como “Hermógenes”, “João” e “Candelário”). Para tanto, o texto é salvo em formato .TXT (ou texto sem formatação / somente texto) no *Microsoft Word* e é adotada a configuração ‘Global Settings’ > ‘Language Encodings’ > ‘Edit’ > ‘Standard Encodings’ > ‘Unicode (utf8)’ no *AntConc 3.2.4w*.

Diferentemente do caso da preparação do texto em português para compor o corpus desta pesquisa, o texto de *The devil to pay in the backlands* não se encontrava em formato digital – quando da sua consulta para a formação do corpus desta pesquisa –, o que exige a adoção dos seguintes procedimentos para preparação do corpus para investigação:

I. Digitalização do texto;

O texto impresso é **digitalizado** eletronicamente – por meio de scanners e softwares de reconhecimento ótico de caracteres (OCR, na sigla em inglês para *Optical Character Recognition*).

II. Revisão e correção do texto digitalizado;

Após a etapa de digitalização do texto impresso, é necessário o **cotejamento do texto digitalizado com o texto publicado**, a fim de corrigir erros inerentes ao processo de reconhecimento de caracteres.

Ao discorrer sobre tais erros quando da composição de seu corpus, Assis (2004), por exemplo, relata um caso de erro de reconhecimento de caracteres em que várias ocorrências da palavra ‘eat’ foram digitalizadas como ‘cat’ – o que, se deixado sem correção, poderia gerar problemas em análises baseadas em tal corpus.

III. Adequação do texto digital aos requisitos do software de análise;

Além de obedecer aos critérios expostos nos itens 1, 2 e 3 (de adequação de palavras, frases, parágrafos e codificação do texto), para o texto digitalizado a partir de uma cópia impressa, também são tomados cuidados com preparação do texto no nível dos caracteres, como por exemplo, no que diz respeito à padronização quanto ao uso de hifens e travessões (especialmente considerando o fato de haver diferentes símbolos que podem ser utilizados para indicar hifens, como “-“, “-“,”_”), bem como de aspas e apóstrofes.

Percorridas as etapas de preparação aqui detalhadas, o corpus é trabalhado, por meio do software *AntConc 3.2.4w* e são levantadas algumas informações estatísticas sobre os dois textos. Apresentam-se, a seguir (na Tabela1), os números de vocábulos (*types*), ocorrências (*tokens*) e parágrafos em cada um dos textos que compõem o corpus desta pesquisa:

Tabela 1 – Informações estatísticas sobre os textos que compõem o corpus

	<i>Grande Sertão: Veredas</i>	<i>The devil to pay in the backlands</i>
Ocorrências (<i>Tokens</i>)	190.029	205.193
Vocábulos (<i>Types</i>)	19.026	11.977
Parágrafos	1.615	1.940

A Tabela1, acima, apresenta informações estatísticas sobre os textos que compõem o corpus desta pesquisa. Comparando-se os dados referentes ao total de ocorrências em cada um dos textos, é possível perceber que é pequena a diferença na extensão dos textos: enquanto *Grande Sertão: Veredas* tem 190.029 ocorrências (*tokens*), a *The devil to pay in the backlands* tem 205.193 – uma diferença de 15.164 ocorrências (o que significa dizer que o segundo tem uma extensão 8,0% maior que o primeiro). No entanto, quando se comparam os dados referentes ao total de vocábulos (*types*), a diferença chama a atenção: enquanto *Grande Sertão: Veredas* tem 19.026 vocábulos, *The devil to pay in the backlands* tem 11.977 – uma diferença de 7.049 vocábulos (que corresponde a 37,0% de diferença).

Os dados numéricos permitem inferir que, embora os textos tenham extensões similares, *Grande Sertão: Veredas* tende a apresentar mais vocábulos que *The devil to pay in the backlands* – o que se alinha à proposta de Guimarães Rosa, apontada por Vasconcelos (2009), de ousar em seus textos, bem como à percepção do autor de que a tradução para o inglês se prende a formas canônicas da língua e do texto escrito (como apontado na seção 3).

Na próxima seção, serão apresentados i) o método de pesquisa empregado neste trabalho para levantar e classificar os dados, ii) as informações sobre delimitação e iii) os critérios para lidar com casos em que a classificação depende de um nível maior de subjetividade.

3.3. MÉTODO DE PESQUISA

3.3.1. Desenho metodológico

O desenho metodológico desta tese se alinha à proposta delineada por Pagano e Figueredo (2011, p.296) para investigação de âmbitos da experiência humana. Os autores, como já apresentado na seção 2.3.2, investigam o processo de gramaticalização da experiência da dor em um corpus comparável bilíngue (no par linguístico Português-Espanhol) e propõem a sistematização para a investigação de outras experiências humanas em corpora bilíngues citada a seguir:

- a) Selecionar um âmbito da experiência humana que se deseja explorar em cada língua e comparar entre ambas [as línguas].
- b) Observar em que esferas ou atividades sociais os significados associados a essa experiência são mais proeminentes. [...].
- c) Procurar e selecionar textos, tanto em registros mais próximos da oralidade quanto em registros escritos, para montar um corpus equilibrado, de preferência com número de palavras semelhante entre os diferentes tipos de texto.
- d) Preparar o corpus em formato TXT para poder ser acessado por um software com ferramentas de lista de palavras e concordância [...].
- e) Extrair dados quantitativos sobre os itens em foco e analisar as linhas de concordância nas quais ocorrem.
- f) Anotar, com auxílio de software específico, as linhas de concordância com as etiquetas previamente definidas de acordo com as categorias que se deseja mapear, como, por exemplo, Processos e Participantes.

- g) Observar, com base nos dados gerados pelo software de anotação, que padrões emergem em cada língua e compará-los, buscando semelhanças e diferenças.

Mais do que mostrar ser um método replicável, a proposta dos autores mostra ter aplicabilidade à investigação de diferentes esferas da experiência humana e se afilia a investigação linguística baseada em ferramentas da Linguística de Corpus que tem como referencial a Linguística Sistêmico-Funcional. Os passos apontados pelos autores são claros e abrangem desde a seleção de um âmbito da experiência humana e a identificação das esferas sociais em que essa experiência mais comumente se realiza, até a composição de um corpus a ser investigado e a preparação desse corpus para investigação por meio de softwares de análise linguística e formas de mapear e observar, nos dados gerados pelo software, os padrões linguísticos que emergem nas línguas em investigação. A opção por adotar tal método de pesquisa neste trabalho se justifica, assim, pela abrangência da proposta, por sua replicabilidade e por sua aplicabilidade ao estudo do conflito.

A ressalva a ser feita em relação à utilização da proposta de Pagano e Figueredo (2011) nesta tese se dá no que diz respeito à orientação da proposta dos autores para a descrição do sistema linguístico. Retomando aqui a discussão sobre as gradações entre a análise de textos e a teoria linguística proposta por Matthiessen (2009), apresentada na seção 2.1, a proposta de Pagano e Figueredo (2001) contempla a investigação dos potenciais oferecidos pela língua e busca mapear os recursos linguísticos de que dispõem os(as) falantes e as circunstâncias em que esses recursos são utilizados (o que pode ser visto como uma trilha para identificar as motivações para uso dos recursos). A pesquisa sobre o conflito, aqui desenvolvida, por outro lado, mostra-se mais direcionada à análise linguística de textos, que opera, segundo Matthiessen (2009), em instâncias da linguagem em seu contexto.

Como no trabalho aqui apresentado não se mostra cabível, por exemplo, observar em que esferas ou atividades sociais a experiência do conflito é mais proeminente, ou buscar diferentes registros em diferentes graus de proximidade em relação à oralidade e à escrita, são necessários ajustes no método proposto por Pagano e Figueredo (2001). Tais ajustes, no entanto, não inviabilizam o diálogo com o método proposto pelos autores, tampouco sua aplicação sobre o corpus paralelo bilíngue aqui investigado, tendo em vista o trabalho de análise das realizações linguísticas do conflito em *Grande Sertão: Veredas* e em *The devil to pay in the backlands*.

Por fim, sobre a ressalva à utilização da proposta de Pagano e Figueredo (2011) nesta tese, embora o escopo da pesquisa de doutoramento aqui apresentada fique delimitado ao trabalho de análise da experiência do conflito – devido à necessidade de delimitação de foco e verticalização próprias de teses acadêmicas –, uma possibilidade de desenvolvimento futuro desta pesquisa pode contemplar trabalhos de descrição do conflito, mapeando linguisticamente o conflito em diferentes registros e gêneros textuais, bem como levantando recursos linguísticos que as línguas portuguesa e inglesa dispõem para a construção do conflito e as motivações para o uso desses recursos.

As próximas seções se concentram em apresentar os passos empregados no levantamento de dados e na análise dos nódulos aqui investigados.

3.4. LEVANTAMENTO DE DADOS

Após ter sido preparado para análise, o corpus desta pesquisa – composto pelos textos *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e *The devil to pay in the backlands* de James L. Taylor e Harriet de Onís – é processado, por meio do software *AntConc* (versão 3.2.4w). A seção a seguir apresenta os trabalhos empreendidos para selecionar vocábulos e utilizá-los como nódulos para o levantamento de linhas de concordância a serem analisadas.

3.4.1. Seleção de nódulos de pesquisa

Após compilar os textos para compor o corpus desta pesquisa e prepará-los para análise por meio de softwares especializados, como apontado na seção 3.1.1, selecionam-se os vocábulos semanticamente relacionados à ideia de conflito – em uma de suas facetas mais materiais: a de conflito armado entre grupos sociais (como já mencionado, conflitos internos e psicológicos estão fora do escopo da análise aqui proposta).

Para fazer a seleção desses vocábulos, analisam-se, uma a uma, as palavras que constam da **lista de palavras** (*WordList*, organizada em ordem alfabética, gerada pelo software *AntConc 3.2.4w*). Não são adotados procedimentos automáticos para seleção dos vocábulos por se considerar que, embora seja mais lenta, uma seleção não automática tem capacidade para ser mais abrangente e menos suscetível a negligenciar itens semanticamente relacionados à noção de conflito.

Nessa seleção inicial, os vocábulos são lidos e são selecionados aqueles que se encontram dentro do campo semântico da ideia de conflito. A partir desse critério, são escolhidos 41 vocábulos (agrupados sob **oitolemas**, com 366 ocorrências, combinando as ocorrências individuais de cada um dos 41 vocábulos) de *Grande Sertão: Veredas* e 29 vocábulos (organizados sob nove lemas, totalizando 393 ocorrências, também somando as ocorrências individuais de cada um dos 29 vocábulos selecionados) de *The devil to pay in the backlands*. As Tabelas⁶⁵ 2 e 3, a seguir apresentam, respectivamente, os vocábulos selecionados para análise em *Grande Sertão: Veredas* e em *The devil to pay in the backlands*, agrupados lematicamente e acompanhadas das frequências respectivas de cada vocábulo:

⁶⁵ As tabelas 2 e 3 estão divididas em duas partes, que são apresentadas lado a lado, para facilitar a leitura, evitando que elas sejam separadas em mais de uma página.

Tabela 2 – Nódulos de pesquisa investigados em *Grande Sertão: Veredas*

Lema	Vocábulo	Ocorrências	Lema	Vocábulo	Ocorrências	
BATALH*	Batalha	9	GUERR*	Contra guerra	1	
	Batalhão	1		Guerra	125	
	Batalhas	5		Guerraria	1	
BRIG*	Briga	12		Guerras	9	
	Brigando	1		Guerreando	3	
	Brigar	11		Guerreantes	1	
	Brigaram	1		Guerrear	13	
	Brigas	1		Guerrearam	2	
	Brigou	2		Guerreava	6	
	Briguei	2		Guerreei	1	
COMBAT*	Combate	33		Guerreia	2	
	Combatemos	1		Guerreio	1	
	Combatendo	2		Guerreiramente	1	
	Combater	2		Guerreiro	5	
	Combates	14		Guerreiros	10	
	Combatia	1		Mão-de-guerra	1	
DERROT*	Derrota	3		INIMIG*	Inimigo	50
	Derrotadas	1			Inimigos	11
	Derrotado	1			Inimizade	2
DUEL*	Duelava	1	VITORI*	Vitória	14	
	Duelo	2		Vitórias	1	
			TOTAL		366	

Tabela 3 – Nódulos de pesquisa investigados em *The devil to pay in the backlands*

Lema	Vocábulo	Ocorrências	Lema	Vocábulo	Ocorrências
BATT*	Battalion	1	FIGHT*	Fight	59
	Battle	32		Fighter	8
	Battles	4		Fighters	8
	Battling	2		Fighting	69
CONFL	Conflict	1		Fights	5
ICT*	Conflicting	1		Fought	13
CONFR	Confront	1		VICTOR*	Victories
ONT*	Confronted	2	Victorious		2
DEFEAT*	Defeat	3	Victory		14
	Defeated	1	WAR	War	75
	Defeats	1		Warfare	2
DUEL*	Duel	3		Warring	2
ENEM*	Enemies	3		Warrior	2
	Enemy	71		Warriors	1
				Wars	5
			TOTAL		393

A Tabela2 mostra a seleção de vocábulos do texto em português que compõe o corpus desta pesquisa. De *Grande Sertão: Veredas*, são selecionados 41 vocábulos (agrupados sob oito lemas), com 366 ocorrências (combinando as ocorrências individuais de cada um dos vocábulos). A 3, por sua vez, mostra a seleção de vocábulos em inglês: de *The devil to pay in the backlands*, são selecionados 29 vocábulos (organizados sob nove lemas), totalizando 393 ocorrências (também somadas as ocorrências individuais de cada um dos vocábulos selecionados).

Após selecionados, os vocábulos são organizados em três eixos, visando a organizar a investigação de forma a investigar como se dão: a) a construção do inimigo; b) a construção da situação de confronto direto; e c) a construção dos desdobramentos dos confrontos. Com isso, os vocábulos ficam organizados da seguinte forma:

- Para analisar como se dá a construção do inimigo, selecionam-se os vocábulos agrupados sob os lemas INIMIG* (a saber: ‘Inimigo’, ‘Inimigos’ e ‘Inimizade’) e ENEM* (a saber: ‘Enemies’ e ‘Enemy’);

- Para analisar como se dá a construção da situação de confronto direto, selecionam-se os vocábulos agrupados sob os lemas BATALH* ('Batalha', 'Batalhão', 'Batalhas'), BRIG* ('Briga', 'Brigando', 'Brigar', 'Brigaram', 'Brigas', 'Brigou', 'Briguei'), COMBAT* ('Combate', 'Combatemos', 'Combatendo', 'Combater', 'Combates', 'Combatia'), DUEL* ('Duelava', 'Duelo'), GUERR* ('Contra guerra', 'Guerra', 'Guerraria', 'Guerras', 'Guerreando', 'Guerreantes', 'Guerrear', 'Guerrearam', 'Guerreava', 'Guerreei', 'Guerreia', 'Guerreio', 'Guerreiramente', 'Guerreiro', 'Guerreiros', 'Mão-de-guerra') e BATT* ('Battalion', 'Battle', 'Battles', 'Battling'), CONFLICT* ('Conflict', 'Conflicting'), CONFRONT* ('Confront', 'Confronted'), DUEL* ('Duel'), FIGHT* ('Fight', 'Fighter', 'Fighters', 'Fighting', 'Fights', 'Fought'), WAR ('War', 'Warfare', 'Warring', 'Warrior'⁶⁶, 'Warriors', 'Wars');
- Para analisar como se dá a construção dos desdobramentos do confronto, selecionam-se os vocábulos agrupados sob os lemas DERROT* ('Derrota', 'Derrotadas', 'Derrotado'), VITORI* ('Vitória', 'Vitórias'), DEFEAT* ('Defeat', 'Defeated', 'Defeats'), VICTOR* ('Victories', 'Victorious', 'Victory').

⁶⁶ Embora em um primeiro momento se possa pensar que os vocábulos 'Guerreiro', 'Guerreiros', 'Warrior' e 'Warriors', apresentados neste agrupamento, sejam também adequados à investigação da construção do inimigo, verifica-se no corpus que os vocábulos são usados para se referir a ambas as partes que se contrapõem em conflito (como mostram os seguintes exemplos, extraídos do corpus: a) "Ele quis vir guerrear, veio achou guerreiros!"; b) "Assim, d'hoje-em-diante doravante, sempre temos de ser: ele o Hermógenes, meu de morte eu militão, ele guerreiro..." e não apenas ao inimigo em si. Por serem vocábulos que constroem as duas partes do conflito, foi aqui adotada a opção de selecioná-los para a investigação de como se dá a construção da situação de confronto direto.

Para estabelecer um parâmetro de comparação com a seleção de vocábulos para a pesquisa aqui apresentada, apresento o volume de dados analisados por Halliday (1998) e por Pagano e Figueredo (2011) em suas descrições: Halliday (1998, p.311) seleciona, inicialmente, para sua pesquisa 10 nódulos, agrupáveis sob quatro lemas, que totalizam (somados) 3.783 ocorrências no corpus Cobuild. Pagano e Figueredo (2011, p.275), por sua vez, não identificam o número de vocábulos selecionados para pesquisa, mas apontam ter trabalhado com dois lemas ('dor', no subcorpus em Português, e 'doler', no subcorpus em Espanhol) e indicam ter analisado 340 linhas de concordância (sendo 179 em Português e 161 em Espanhol). Já na pesquisa aqui apresentada, como apontado no parágrafo anterior, são analisados 26 lemas (13 em Português e 13 em Inglês) que abrangem 129 vocábulos, que totalizam (somados) 1.056 ocorrências.

Após definidos os vocábulos a serem investigados, a etapa seguinte consiste no levantamento das linhas de concordância que têm tais vocábulos como nódulos: no software *AntConc 3.2.4w*, isso é possível utilizando a função de busca avançada de linhas de concordância (opção 'Advanced' na aba 'Concordance'), mostrada na Figura 1, a seguir:

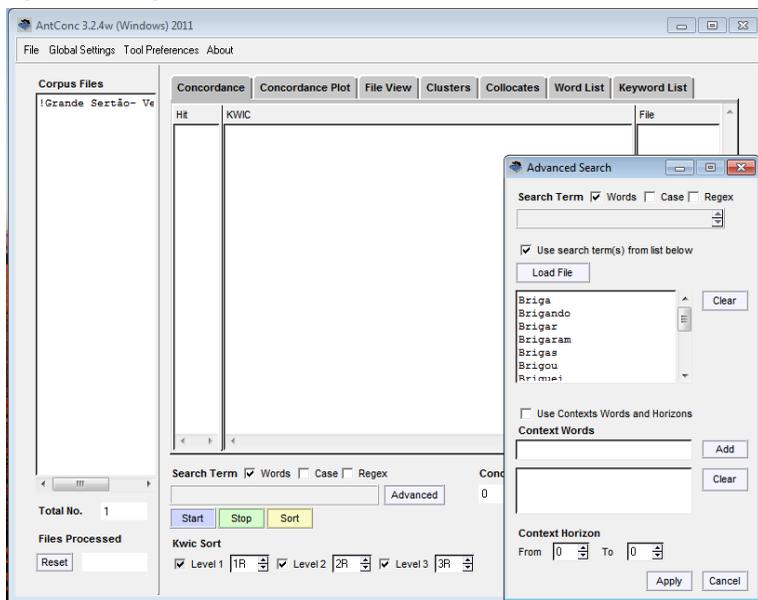


Figura 1 – Opção de busca avançada de linhas de concordância no software *AntConc 3.2.4w*

A Figura 1, acima, mostra uma caixa de diálogo que se abre quando se seleciona a opção ‘Advanced’ na janela do concordanciador. Nessa caixa, que é possível fazer a seleção de múltiplos vocábulos a serem pesquisados pelo software. O resultado dessa pesquisa é o levantamento de **linhas de concordância**, que são as listagens levantadas a partir dos **nódulos** de pesquisa informados ao *software*, como mostrado na Figura 2, a seguir:

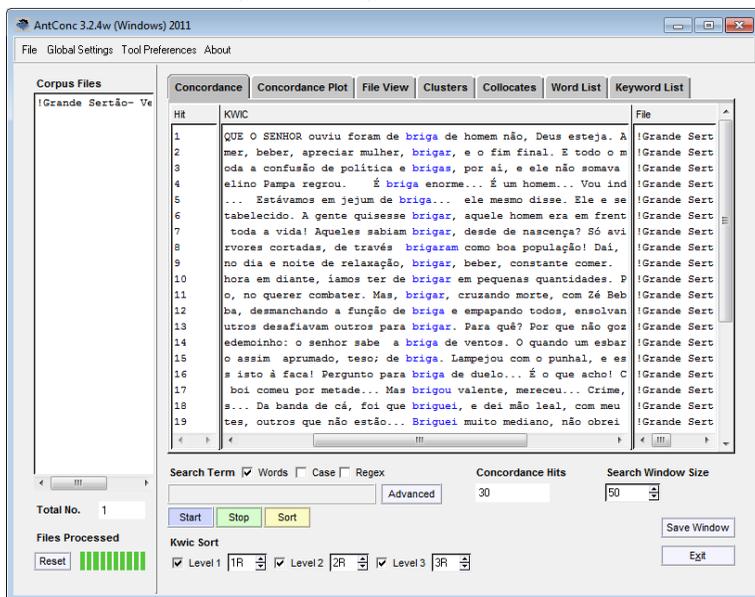


Figura 2 – Resultado do levantamento de linhas de concordância com o software *AntConc 3.2.4w*, com destaque, ao centro da tela, para os nós buscas

As linhas de concordância geradas pelo software (que podem ser vistas na Figura 2, acima) podem ser copiadas e organizadas em planilhas eletrônicas (ou outras ferramentas que possibilitem a análise) para facilitar os procedimentos de recuperação das informações levantadas, de delimitação da análise, de classificação e de contagem/sistematização numérica dos dados. No trabalho aqui apresentado, a opção pela utilização de planilhas eletrônicas se dá pelas seguintes razões: a) são ferramentas acessíveis, disponíveis em grande parte dos computadores de uso pessoal na atualidade; b) são ferramentas versáteis que oferecem diversas funções – de organização, contagem (e contagem condicional) de dados, sistematização de números e elaboração de gráficos, por exemplo – adequadas à pesquisa em desenvolvimento; e c) são ferramentas portáteis – isto é, que podem ser executadas em diferentes plataformas e sistemas operacionais – e que geram resultados compatíveis com o processador de textos utilizado para a redação deste texto.

Após levantar as linhas de concordância e organizá-las em planilhas eletrônicas⁶⁷, os passos seguintes da pesquisa consistem na delimitação e classificação dos dados. A próxima seção apresenta as decisões de pesquisa tomadas na etapa de delimitação, cujo objetivo é selecionar, para análise, apenas os dados que têm ligação direta com o tema da pesquisa aqui desenvolvida.

3.4.2. Decisões de Pesquisa

Como descrito na seção anterior, após a análise das listas de palavras do corpus desta pesquisa, selecionam-se vocábulos – a serem utilizados como nódulos no levantamento de linhas de concordância – que, por sua vez, são organizadas em uma planilha eletrônica para facilitar o trabalho de investigação. Após a montagem dessa planilha, o primeiro passo da análise diz respeito à verificação de quais das linhas de concordância inicialmente levantadas são adequadas à proposta desta pesquisa.

⁶⁷ Algumas imagens da planilha eletrônica, em que os dados estão organizados, foram disponibilizadas para visualização nos anexos desta tese – os dados não estão disponibilizados, na íntegra, nesta tese por se estenderem ao longo 235 páginas.

Acompanhando a proposta de Pagano e Figueredo (2011, p.277), a oração – entendida como figura de mudança, composta por um Processo, pelos Participantes nele envolvidos eventuais Circunstâncias relacionadas – é adotada como a unidade básica em que “se constrói a experiência da realidade, com Participantes e Processos, numa situação de interação”. Além disso, a decisão em tomar a oração como unidade básica de análise também se respalda na afirmação de Malmkjaer (2005) de que a oração é o *locus* em que o sistema linguístico se realiza – como apontado na introdução deste trabalho.

A primeira decisão de pesquisa tomada, a partir da consideração de que a oração constitui a unidade básica a ser analisada, diz respeito à exclusão das linhas de concordância que consideradas como absolutos, como mostram os exemplos a seguir:

Ex. 52. Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte.

Ex. 53. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer idéia. Combate quanto, combate grande. Ser menos, que a gente não rastejava alterando de lugar, que não era o caso.

Os dois primeiros casos acima, Ex. 52 e Ex. 53, ilustram as situações em que, embora os nódulos pesquisados (“Guerras” e “Combate”) estejam diretamente ligados ao tema desta pesquisa, as linhas em que eles se inserem não contêm Processos explícitos – o que faz com que os casos não sejam considerados Orações para os fins desta pesquisa e justifica a exclusão de tais casos da análise.

A segunda decisão de pesquisa diz respeito à exclusão das linhas de concordância em que o nódulo constitui (ou faz parte de) vocativos e apostos/expletivos. Embora sejam elementos de relevância para uma análise interpessoal da oração, para uma análise experiencial – como a aqui proposta –, sua importância é menor, o que leva à exclusão de linhas como essas da análise aqui empreendida. A seguir, são apresentados exemplos desses casos de exclusão de linhas de concordância:

Ex. 54. E o Hermógenes, os Judas? Ara, inimigo, o senhor dê um passo, em que rumo qualquer, lá em sua frente o senhor encontra o mau...

Ex. 55. Diadorim -- even the brave fighter -- seemed made for caressing. My sudden impulse was to kiss the fragrance of his neck[...]

Em Ex. 54, nota-se um caso em que o nódulo (“inimigo”) é usado como vocativo. Embora o elemento seja importante para identificar a pessoa a quem a oração se dirige, desempenhando papel na negociação dialógica, seu papel experiencial é menor, sendo possível até mesmo excluir o elemento da oração(‘Ara, o senhor dê um passo, em que rumo qualquer, lá em sua frente o senhor encontra o mau’). Já o Ex. 55 mostra um caso em que o nódulo faz parte de um aposto, cujo objetivo é explicar / caracterizar o personagem de Diadorim. No exemplo, também é possível entender a oração excluindo o elemento apositivo (‘Diadorim seemed made for caressing’), de forma que se adota a opção de excluir, da análise, linhas de concordância cujo nódulo pode ser classificado como apostos, ou como vocativos.

A terceira decisão de pesquisa se refere à exclusão das linhas de concordância em que o nódulo de pesquisa está ligado a elementos não-finitos que não desempenham papel de Participante ou Circunstância na estrutura da oração. Os Ex. 56 e Ex. 57, a seguir, exemplificam o caso:

Ex. 56. For him, life is a settled affair: to eat, drink, enjoy women, fight, and then the end. And doesn't everybody feel about the same? The ranch owners, too?

Ex. 57. [...]eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom. Aquele povo da malfa, no dia e noite de relaxação, brigar, beber, constante comer. Comeu, lobo?

Em Ex. 56, o nódulo ‘[to] fight’ não desempenha função na estrutura da oração (‘life is a settled affair’); assim como em Ex. 57 ‘brigar’ não desempenha função oracional, por não haver elemento finito na oração(‘Aquele povo da malfa, no dia e noite de relaxação, brigar, beber, constante comer.’).

Mantêm-se para análise, por outro lado, casos em que o nódulo de pesquisa está ligado a elementos não-finitos que desempenham papel de Participante ou Circunstância na estrutura da oração, como mostram os exemplos Ex. 58 e Ex. 59, a seguir:

Ex. 58. [...]: para o rastejo; com as cabeças, farejavam; toda a vida! Aqueles sabiam brigar, desde de nascença? Só avistei isso um instante.

Ex. 59. O cearense bom: esse permanecia em tudo igual, com ele a gente desproduzia qualquer remorso, o brigar parava sendo obrigação de vivente, conciso dever de homem. Por uns assim, eu punia.

Em Ex. 58, o nóculo ‘brigar’ desempenha função de Participante na estrutura da oração (‘sabiam brigar’): na oração, o nóculo constitui Fenômeno do Processo Mental ‘sabiam’ e indica aquilo que se sabe. Em Ex. 59, o nóculo ‘brigar’ também desempenha função de Participante na estrutura da oração (‘o brigar parava sendo obrigação’ – aqui compreendida como ‘brigar era obrigação’): na oração, o nóculo ‘brigar’ constitui um Participante Identificado pelo Processo Relacional (‘parava sendo’ / ‘era’).

A quarta decisão de pesquisa está relacionada à exclusão das linhas de concordância cujos nóculos não são núcleos dos grupos (nominais ou verbais) em que se encontram. Com isso, são retiradas de etapas posteriores da análise aqui proposta linhas de concordância como as mostradas nos exemplos a seguir:

Ex. 60. Ah, meu senhor, homens guerreiros também têm suas francas horas, homem sozinho sem par supre seus recursos também.

Ex. 61. In the proper way. I stomped, instead, on the wooden floor -- perhaps you can hear it. The fury of battle out there and down below took possession of me to the point where I almost forgot my headache[...].

Os exemplos selecionados do corpus em português e em inglês mostram casos em que a palavra nóculo (sublinhada em cada exemplo para facilitar a identificação) não constitui núcleo do grupo nominal. No Ex. 60, o nóculo guerreiros é um qualificador no grupo nominal ‘homens guerreiros’ – de forma que a oração diz mais respeito ao fato de os homens terem suas fracas horas do que à construção do guerreiro per se. Assim como em Ex. 61, a estrutura da oração é construída de forma a dizer mais respeito ao fato de a fúria dominar o ser do que em relação à construção da batalha em si.

A decisão de excluir da análise os casos em que o nódulo de pesquisa não constitui núcleo do grupo em que se encontra tem respaldo no método de pesquisa proposto por Pagano e Figueredo (2011)⁶⁸. Tal exclusão, no entanto, representa um desafio por haver casos em que o procedimento é mais problemático, como mostrado nos exemplos a seguir:

Ex. 62. [...] , foi porque o perigo da ocasião me invocou: achei que podia ser agouro, em véspera de guerra, a conversa afeiçoada assim. Diadorim em que era que ele devia de estar pensando?

Ex. 63. [...] boards, stools, gear and harness, a carpenter's bench. Preparations for war, as I then saw, are always carried on in a different spirit than peacetime work: [...]

Em Ex. 62, mesmo sendo possível dizer que, ao se falar sobre a ‘véspera da guerra’, se está falando sobre o momento circunstancial em que a guerra se desenrola, o núcleo do grupo nominal é ‘véspera’ e, portanto, de forma a manter a consistência da análise e seguir o desenho metodológico adotado, linhas semelhantes a essa são excluídas da análise. O mesmo raciocínio pode ser desenvolvido para ‘preparations for war’, no Ex. 63: embora a guerra em questão seja, de alguma forma abordada no grupo nominal, o caso é excluído de etapas posteriores da análise em prol da consistência metodológica com a proposta de Pagano e Figueredo (2011).

A quinta decisão de pesquisa se refere à exclusão das linhas de concordância cuja palavra nódulo apresenta sentido diferente do esperado (quando do levantamento de nódulos semanticamente relacionados ao conflito para a análise aqui desenvolvida). Os exemplos a seguir mostram casos em que houve delimitação motivada por diferenças semânticas:

Ex. 64. Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim, por borco.

⁶⁸ Pagano e Figueredo (2011, p.277) citam os exemplos de casos como ‘presença da dor’ e ‘medicina del dolor’ que “foram eliminadas [da análise empreendida pelos autores], uma vez que ‘dor’ nesses casos qualifica outro elemento (...) e não se refere à experiência da dor em si mesma”

Ex. 65. De tudo se espiolhava, suave praguejante, aí com três costelas derrotadas. Mas, água, ele pedia, cristão. Sede é a situação que é uma só, mesmo, humana de todos.

Os exemplos mostram casos em que o nódulo da linha de concordância tem sentido, em seu contexto, diferente do esperado quando da seleção a partir da lista de palavras. Em Ex. 64, ‘vencer’ é utilizado com sentido de percorrer distância, ao passo que em Ex. 65, ‘derrotadas’ é utilizado com sentido de ‘quebradas/feridas’. O fato de tais palavras não serem utilizadas com seus sentidos esperados e não terem relação direta com a ideia de conflito armado, entre grupos rivais justifica a exclusão de tais linhas.

A natureza dos usos dessas palavras com sentidos diferentes dos esperados foi questionada, em 25 de setembro de 2013 – duranteo Simpósio de Tradução e Análise Textual, realizado, no XI Congresso Internacional da ABRAPT e V Congresso Internacional de Tradutores –, pelo professor doutor Roberto Carlos de Assis. Na ocasião, o professor levantou a possibilidade de esses casos serem indícios de uma metaforização do conflito na língua. Embora bastante pertinente, o questionamento do professor nãoconstitui alvo de uma investigação mais aprofundada neste trabalho devido a duas razões: 1) ao baixo número de casos identificados nessa situação(seis casos⁶⁹ na seleção do corpus aqui investigada); e 2) ao fato de alguns dos sentidos empregados serem previstos em dicionários. Com isso, a pesquisa opta pela exclusão desses casos da investigação, mas ressalta que seria interessante que outras pesquisasse aprofundassem no questionamento, buscando mais casos (que não estejam no escopo da investigação aqui feita) e analisando o que eles podem representar para a construção da narrativa.

A sexta, e última, decisão de pesquisa diz respeito à exclusão dos casos em que as linhas de concordância são levantadas em duplicidade devido à sua estrutura. Os exemplos Ex. 66 e Ex. 67, a seguir, ilustram esse caso de duplicidade (e devem, portanto, ser entendidos de forma conjugada):

⁶⁹A saber: 1) costelas derrotadas, com o sentido de quebradas; 2) briga de ventos, com sentido de vendaval / tempestade; 3) briga de beija-flor, com sentido de disputa entre aves; 4) winds fighting, com sentido de vendaval / tempestade; 5) fight of two hummingbirds, com sentido de disputa entre aves; e 6) fighting back the tears, com o sentido de evitar choro.

Ex. 66. [...] were we now, to avenge the killing of Joca Ramiro, terrible as it was, going to spend our whole time in wars and more wars, dying, killing, five, six, ten at a time, all the bravest men in the sertão?

Ex. 67. [...] were we now, to avenge the killing of Joca Ramiro, terrible as it was, going to spend our whole time in wars and more wars, dying, killing, five, six, ten at a time, all the bravest men in the sertão?

Lendo os Ex. 66 e Ex. 67 de forma conjugada, é possível notar que se trata de um mesmo caso, levantado duas vezes pelo concordanciador devido aos dois usos do nódulo ‘wars’ no grupo preposicionado ‘in wars and more wars’ – sendo o Ex. 66, levantado devido ao primeiro uso de ‘wars’ e o Ex. 67, devido ao segundo uso. Embora, a rigor, ‘wars’ se encaixe nos critérios da pesquisa aqui empreendida, toma-se aqui a decisão de pesquisa de analisar a oração uma única vez (excluindo uma das linhas de concordância), de forma a evitar possíveis distorções numéricas nos resultados finais.

Na próxima seção, serão mostrados os critérios adotados para a classificação dos dados selecionados para análise – considerando apenas os dados selecionados após a etapa de delimitação.

3.5. CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

Após delimitar os dados, com vistas a selecionar para análise apenas as linhas de concordância que têm relação direta com o foco da pesquisa e que se adequam aos critérios do desenho metodológico aqui adotado (ver seção 4.1), passa-se à etapa de classificação dos dados. Em um primeiro momento desta etapa, verificam-se as categorias experienciais (Participante, Processo e Circunstância) desempenhadas pelos vocábulos (utilizados como nódulos para o levantamento das linhas de concordância) em suas Orações.

Como dito na seção 2.2, o Processo é o elemento central no sistema de transitividade, sendo representado pelos grupos verbais; os Participantes são os seres afetados pelo grupo verbal, sendo representados pelos grupos nominais; e as Circunstâncias são as informações adicionais ao Processo, sendo representadas pelos grupos adverbiais. Com base nessas categorias experienciais, classificam-se os nódulos selecionados para análise segundo a sua utilização nas Orações. Para tanto, utiliza-se a planilha em que os dados estão organizados (mencionada na seção 4.2.1): uma coluna é reservada para classificar os nódulos segundo sua categoria experiencial (como Participante, Processo, ou Circunstância).

Com essa primeira classificação (segundo a categoria experiencial), o trabalho busca analisar a relação transitoriedade *versus* permanência do conflito nas realizações linguísticas do corpus – lembrando, que, como apontam Pagano e Figueredo (2011, p.272), “a experiência linguística de permanência representa os seres que estão no mundo ao passo que a de transitoriedade corresponde aos eventos que nele ocorrem”. Os exemplos a seguir mostram algumas classificações de Participantes no corpus:

Ex. 68. Tanto que o inimigo dava de vir, pois bem, a gente ficava em nervosias.

Ex. 69. They wanted a duel.

Em Ex. 68 e Ex. 69, acima, são apresentados casos em que os nódulos pesquisados podem ser classificados como Participantes das Orações levantadas (os nódulos estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação): enquanto Ex. 68, o Participante (representado pelo grupo nominal ‘o inimigo’) pode ser visto como Ator do grupo verbal ‘dava de vir’ (Processo Material), em Ex. 69, o Participante (representado pelo grupo nominal ‘a duel’) pode ser classificado como Fenômeno do Processo Mental ‘wanted’.

A seguir, são apresentados exemplos que mostram algumas das classificações de Processos no corpus:

Ex. 70. A desléguas, se guerreava. A gente recebia a notícia.

Ex. 71. Zé Bebelo shrugged his shoulders. It had to be there and then. I confronted Zé Bebelo, our faces almost touching. Zé Bebelo knew no fear.

Em Ex. 70 e Ex. 71, acima, são apresentados casos em que os nódulos de pesquisa correspondem a Processos nas Orações levantadas. Em ambos os casos (Ex. 70 e Ex. 71), os Processos destacados ('guerreava' e 'confronted') podem ser classificados como Materiais por indicarem a realização de Processos na realidade externa aos indivíduos.

A seguir, são apresentados exemplos que mostram algumas das classificações de Circunstâncias no corpus:

Ex. 72. Depois de tantas guerras, eu achava um valor viável em tudo que era cordato e correntio, na tiração de leite, num papudo que ia carregando lata de lavagem para o chiqueiro, nas galinhas-d'angola ciscando às carreiras[...]

Ex. 73. [...], or a mad band of peccaries rampaging through the woods? Then you haven't seen Reinaldo in a fight! These things must be seen to be believed. The devil in the street, in the middle of the whirlwind.

Em Ex. 72 e Ex. 73, acima, são apresentados casos em que o nódulo pesquisado corresponde a Circunstâncias nas Orações levantadas. Em ambos os casos, é possível classificar as Circunstâncias como de Localização: enquanto em Ex. 72, o grupo 'Depois de tantas guerras' pode ser interpretado como uma Circunstância de Localização Temporal por acrescentar significado de temporalidade ao Processo (e por responder à pergunta 'quando?'), em Ex. 73, o grupo nominal 'in a fight' pode ser classificado como uma Circunstância de Localização Temporal-Espacial (por responder às perguntas 'quando?' e 'onde?').

Por fim, classificam-se as Orações selecionadas para análise segundo o modelo de transitividade proposto por Halliday e Matthiessen (2004) e apresentado na seção 2.2.1. Recapitulando, o modelo é composto por três tipos de Processos principais e três secundários, sendo os principais: os Processos Materiais, os Mentais e os Relacionais; e os secundários: os Processos Comportamentais, os Verbais e os Existenciais. Para casos de dúvidas durante a etapa de classificação, utiliza-se o trabalho de compilação de Processos, segundo a Gramática Sistêmico-Funcional, realizado por Lacerda e Araújo (2004).

A próxima seção apresenta os resultados do trabalho desenvolvido, buscando apresentar leituras desses resultados.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Na seção 4, está apresentado o método de pesquisa aqui adotado – abrangendo a seleção de nódulos para pesquisa a partir das listas de palavras de *Grande Sertão: Veredas* e de *The devil to pay in the backlands* geradas por meio do software *AntConc* (versão 3.2.4w) e as propostas de levantamento, delimitação e classificação de dados.

Os nódulos de pesquisa, como mencionado na seção anterior, são vocábulos semanticamente relacionados à ideia de conflito – com a especificidade: conflito armado entre grupos litigantes – e estão apresentados na Tabela 2 (em português, apresentada na página 115) e na Tabela 3 (em inglês, apresentada na página 116). Ao todo, levantam-se 366 linhas de concordância em português e 393 em inglês – linhas essas que são copiadas e organizadas em planilhas eletrônicas⁷⁰ de forma a se desenvolver o trabalho de delimitação, classificação e contagem/sistematização numérica dos dados.

Nesta seção, são apresentados os resultados da investigação e são apresentadas possíveis leituras desses resultados. Inicialmente, são apresentados, na subseção a seguir, os resultados da delimitação dos dados em todos os três recortes da pesquisa (a saber: construção do conflito, construção do inimigo e construção das resoluções/desdobramentos do conflito).

4.1. RESULTADOS DA DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Como apontado na subseção anterior, ao todo, a partir de nódulos de pesquisa semanticamente relacionados ao tipo de conflito aqui investigado são levantadas 759 linhas de concordância (366 em português e 393 em inglês). Esses dados são analisados, como apresentado ao longo das seções do capítulo 4 e decisões de pesquisa são tomadas, como mostrado na seção 4.2.2, levando à exclusão de as linhas de concordância da análise. Nesta subseção são apresentados números relativos a essas exclusões dos dados baseadas nas decisões de pesquisa delineadas na seção 4.2.2.

⁷⁰ Como apontado na nota 67, na página 120, a organização dessa planilha eletrônica pode ser visualizada nos anexos da tese.

Durante o trabalho de delimitação dos dados excluem-se da análise 145 linhas de concordância em português (39,6% dos dados) e 128 linhas em inglês (29,6%) – mantendo-se, para etapas posteriores da pesquisa, 221 linhas de concordância em português (o que corresponde a 60,4% dos dados inicialmente levantados) e 265 linhas de concordância em inglês (o que corresponde a 67,4% dos dados inicialmente levantados). A Tabela 4, a seguir, apresenta os números relativos à delimitação dos dados, acompanhada de suas justificativas e da frequência com que cada justificativa é empregada nos dados em português e nos dados em inglês.

Casos	Dados delimitados (PT-BR)		Dados delimitados (EN-US)	
	#	%	#	%
Absoluto	23	16,0%	9	7,0%
Aposto	14	9,7%	21	16,4%
Duplicidade	1	0,7%	3	2,3%
Não finito	37	25,0%	39	30,5%
Não núcleo do grupo	66	45,8%	52	40,6%
Semântica	3	2,1%	3	2,3%
Vocativo	1	0,7%	1	0,8%
TOTAL	145	100,0%	128	100,0%

Tabela 4 – Resultados da delimitação dos dados

Tanto em português quanto em inglês, as justificativas mais frequentes para a exclusão de dados são: 1) o fato de as palavras usadas como nóculo no levantamento das linhas de concordância não constituírem núcleo dos grupos em que se encontram; e 2) o fato de os nóculos estarem ligados a elementos não finitos. A seguir, são apresentados os Gráficos 1 e 2 que buscam facilitar a visualização dos dados apresentados na tabela acima ao representá-los graficamente:

Gráfico 1 – Justificativas para exclusão de dados em língua portuguesa

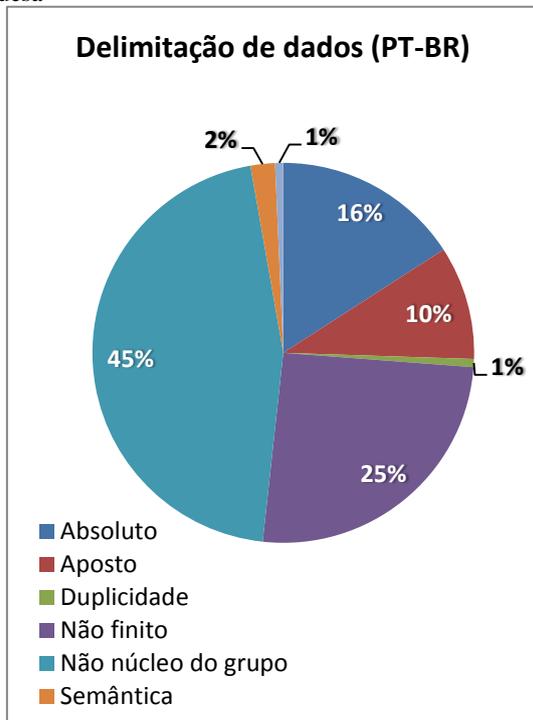
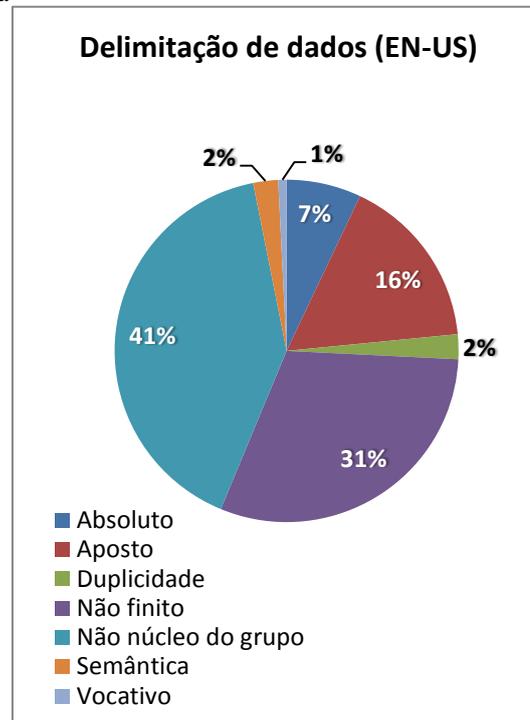


Gráfico 2 – Justificativas para exclusão do dados em língua inglesa



Como já mencionado (e como mostram a Tabela 4 e os Gráficos 1 e 2), tanto em português quanto em inglês, os dois motivos mais recorrentes para exclusão de linhas de concordância são: 1) o fato de a palavra nódulo não constituir o núcleo do grupo em que se encontra; 2) o fato de o nódulo de pesquisa estar ligado a elementos não finitos. Dos 145 dados excluídos da análise em língua portuguesa, 66 (45,8% dos casos) se justificam por constituírem núcleo dos grupos em que se encontram (podendo ser vistos como qualificadores em grande parte desses casos) e 37 (25,0% dos casos) por estarem ligados a elementos não finitos. Dos 128 dados excluídos da análise em língua inglesa, 52 (40,6%) não são núcleos dos seus grupos e 39 (30,5%) estão ligados a elementos não finitos.

Uma sugestão de pesquisa apresentada pelo professor Roberto Carlos de Assis, em 1º de dezembro de 2014 diz respeito a esses casos excluídos da análise – devido aos critérios metodológicos seguidos. Para o professor, os casos excluídos desta análise têm potencial para revelar padrões linguísticos e trazer informações sobre diferentes possibilidades de usos da língua e da construção do conflito. Embora extremamente válida, a sugestão do professor não é aqui seguida por se tratar de um trabalho extenso que, muito provavelmente, ultrapassaria o período regular ao qual este trabalho está submetido.

Além dos exemplos apresentados na seção 4.2.2 – em que são apresentadas as decisões de pesquisa e os passos para exclusão de linhas de concordância –, o Quadro 4, a seguir, traz outros exemplos que ilustram cada um dos casos de exclusão, acompanhados das suas respectivas justificativas:

Caso	Exemplos	Justificativa
Absoluto	Ex. 74. [...] porque eles estavam procedendo como nós, o igual imediato. A <u>guerra</u> fina caprichada, bordada em bastidor. Fui ver o madrugalar amanhã: uma brancura.	Por não haver um Processo explícito no segmento ‘A guerra fina caprichada, bordada em bastidor.’, opta-se por classificá-lo como absoluto e excluí-lo da análise (por não ser possível determinar a função experiencial da ‘guerra’ na linha).

Caso	Exemplos	Justificativa
	<p>Ex. 75. So many people in the world, I thought. So many lives in <u>conflict</u>. I thanked Alaripe, but turned to the others, and asked: "Were many killed?" "Too many."</p>	<p>Por não haver um Processo explícito em 'So many lives in conflict.', opta-se por excluí-lo da análise.</p> <p>Em alguns dos casos excluídos sob a justificativa de 'absoluto', é possível entender que existe um Processo elíptico: no caso da linha apresentada no exemplo (Ex. 75) ao lado, por exemplo, pode ser subentendido que o Processo 'thought', de 'So many people in the world, I thought', estende-se para a oração seguinte (o que implica uma construção como 'so many lives in conflict, I thought').</p> <p>No entanto, por entender que nem todos os casos têm Processos elididos facilmente recuperáveis e que essa recuperação aumentaria o nível de subjetividade das análises, opta-se por excluir linhas de concordância semelhantes a essa.</p>
Aposto	<p>Ex. 76. Somente para dali descer, e traduzir essas campinas, a grandeza de vargem. Deles, <u>inimigos</u>, não se tinha aviso nenhum, nem espiação. Eu podia saber?</p>	<p>No segmento, o 'inimigos' funciona como aposto, explicando quem são os 'deles' de quem não se tinha aviso. Por se tratar de um termo que pode ser excluído (em uma construção como 'deles, não se tinha aviso'), opta-se pela exclusão do caso para esta análise.</p>

Caso	Exemplos	Justificativa
	<p>Ex. 77. Medeiro Vaz, em lugares assim, fora de <u>guerra</u>, prazer dele era dormir com camisolão e barrete; antes de se deitar, ajoelhava e rezava o terço.</p>	<p>No segmento, ‘fora de guerra’ funciona como aposto por explicar quais são os ‘lugares assim’ mencionados. Por ser um termo passível de exclusão (em uma construção como ‘Medeiro Vaz, em lugares assim, prazer dele era dormir com camisolão e barrete’), opta-se por não analisar a linha de concordância no trabalho.</p>
Duplicidade	<p>Ex. 78. [...], agora se ia gastar o tempo inteiro em guerras e <u>guerras</u>, morrendo se matando, aos cinco, aos seis, aos dez, os homens todos mais valentes do sertão?</p>	<p>A linha é levantada duas vezes diferentes pelo concordanciador devido à construção ‘em guerras e guerras’ (uma vez para cada uso da palavra ‘guerra’). Nesse caso, a primeira linha de concordância (que destaca ‘tempo inteiro em guerras’) é considerada para a análise e alinha seguinte (que destaca ‘e guerras’) é considerada um caso em duplicidade.</p>
	<p>Ex. 79. He scanned the horizons impatiently, seeming to thirst for war, <u>war</u>, much <u>war</u>. Where was he from, where had he come from?</p>	<p>A linha é levantada três vezes diferentes pelo concordanciador devido à construção ‘war, war, much war’ (uma vez para cada uso da palavra ‘war’). Nesse caso, a primeira linha de concordância (que destaca ‘thirst for war’) é considerada para a análise e as duas linhas seguintes são consideradas em duplicidade.</p>

Caso	Exemplos	Justificativa
Não finito	Ex. 80. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, <u>brigar</u> , e o fim final. E todo o mundo não presume assim?	Entende-se que ‘brigar’ não desempenha função experiencial, por não estar ligado a elementos finitos no segmento, o que justifica a exclusão da linha.
	Ex. 81. Where was Ricardão, by the way? Recruiting more gun <u>fighters</u> , up near Bahia. Sô Candelário was expected too, with his men.	Entende-se que ‘fighters’ não desempenha função experiencial, por não estar ligado a elementos finitos na construção, o que justifica a exclusão da linha. Embora seja possível, no caso, entender que há uma elisão de ‘he was’ (‘he was recruiting more fighters’), adota-se aqui o mesmo princípio exposto na explicação do Ex. 75 (apresentado neste Quadro).
Não núcleo do grupo	Ex. 82. João Goanhá saw us coming and opened his arms wide. He had his own three hundred <u>fighting</u> men with him, and others were arriving all the time.	A linha não é considerada para análise por se entender que o nóculo, ‘fighting’, é um modificador do núcleo ‘men’ no grupo nominal ‘three hundred fighting men’.
	Ex. 83. A gente ouvia a urração, ou cita seja, destemperada, dos <u>inimigos</u> , e um desentoar de cantiga, que toda pessoa era filho-da, segundo a qual. Aos canalhas!	A linha não é considerada para análise por se entender que o núcleo do grupo em que a palavra nóculo se encontra é ‘urração’ – no caso, o que é ouvido pelo Comportante ‘a gente’ é a urração e não o inimigo por se.

Caso	Exemplos	Justificativa
Semântica	<p>Ex. 84. Do vento. Do vento que vinha, rodopiado. Redemoinho: o senhor sabe a <u>briga</u> de ventos. O quando um esbarra com outro, e se enrolam, o doido espetáculo.</p>	<p>Embora seja núcleo do grupo em que se encontra, a palavra ‘briga’ é acompanhada pelo modificador ‘de ventos’, tendo sentido de vendaval / tempestade. Como o foco deste trabalho são os conflitos armados entre grupos litigantes, não se considera a linha para análise.</p>
	<p>Ex. 85. Swirling eddies -- you know, winds <u>fighting</u>. When one meets another and they whirl together, it is a crazy sight. The dust rises high[...]</p>	<p>Assim como no Ex. 84, acima, considera-se aqui que ‘winds fighting’ tem sentido de vendaval / tempestade, o que não condiz com o foco da análise aqui proposta.</p>
Vocativo	<p>Ex. 86. E o Hermógenes, os Judas? Ara, <u>inimigo</u>, o senhor dê um passo, em que rumo qualquer, lá em sua frente o senhor encontra o mau...</p>	<p>Trata-se do mesmo exemplo apresentado em Ex. 54 (na página 121). A razão para a repetição do exemplo é o baixo número de casos de linhas excluídas por serem consideradas vocativos.</p> <p>No caso, entende-se que o nóculo (‘inimigo’) desempenha papel na negociação dialógica, mas tem menor expressividade de um ponto de vista experiencial – sendo possível até mesmo excluir o elemento da oração (‘Ara, o senhor dê um passo, em que rumo qualquer, lá em sua frente o senhor encontra o mau’)</p>

Caso	Exemplos	Justificativa
	Ex. 87. And what about Hermógenes, the Judases? Well now, <u>enemy</u> , you take one step in any direction and you will find woe waiting for you.	Assim como no Ex. 86 (acima), entende-se aqui que o nóculo ('enemy') desempenha papel na negociação dialógica e tem menor expressividade de um ponto de vista experiencial.

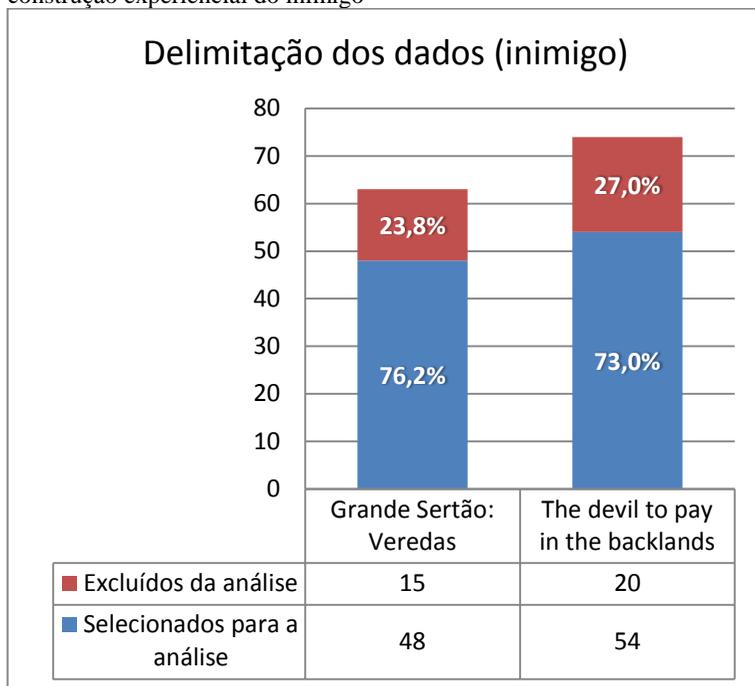
Quadro 4—Exemplos de linhas de concordância excluídas da análise, acompanhados das justificativas para suas exclusões

No Quadro 4, acima, estão apresentados 14 exemplos (oito em português e seis em inglês) de casos excluídos da pesquisa – e suas respectivas justificativas – baseadas nas decisões de pesquisa apresentadas na seção 4.2.2. Os números totais dessas exclusões podem ser vistos na Tabela 4 e nos Gráficos 1 e 2 (na página 131) e os números relativos às construções experienciais do inimigo, b) da situação de confronto direto e c) dos desdobramentos dos confrontos estão apresentados nas próximas seções, que trazem os resultados da análise das 486 linhas de concordância selecionadas para a análise desta pesquisa (221 em língua portuguesa e 265 em língua inglesa, como anteriormente mencionado). A subseção começa essa apresentação dos resultados da investigação a partir da construção experiencial do inimigo.

4.2. A CONSTRUÇÃO EXPERIENCIAL DO INIMIGO

Como apontado na seção 4.2.1, para analisar a construção experiencial do inimigo, são levantadas as linhas de concordância que têm como nósulos os vocábulos 'Inimigo', 'Inimigos' e 'Inimizade' (em português) e 'Enemies' e 'Enemy' (em inglês). Ao todo, são levantadas 137 linhas de concordância (63 em português e 74 em inglês). Dessas 137 linhas de concordância levantadas inicialmente, 35 são excluídas devido aos critérios de delimitação da análise (expostos na seção 4.2.2). O Gráfico 3, a seguir, indica as proporções entre os dados selecionados e os excluídos nesta seção do trabalho.

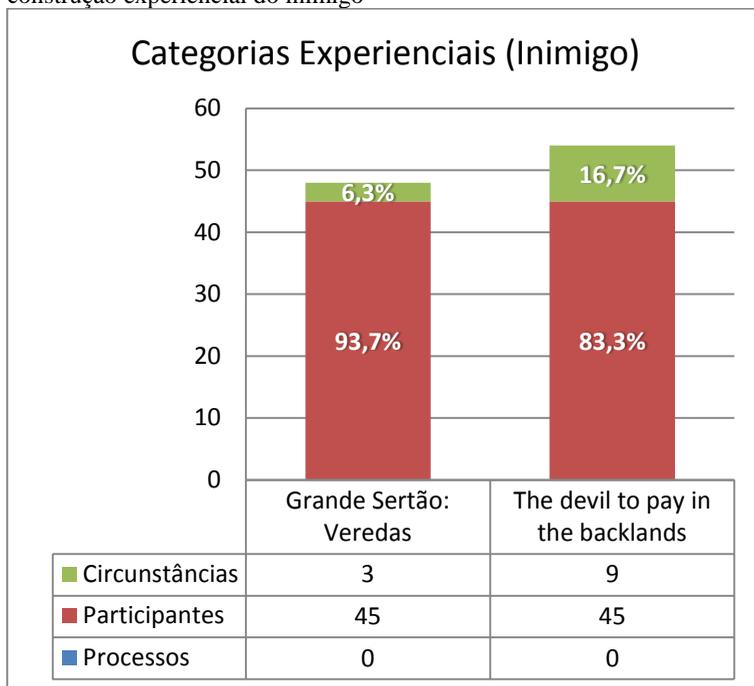
Gráfico 3 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial do inimigo



As razões para a exclusão dessas linhas de concordância são baseadas nas decisões de pesquisa (apresentadas na seção 4.2.2) e os números totais da etapa de exclusão estão apresentados na seção anterior (5.1). Os números parciais relativos ao conjunto de dados selecionado para analisar a construção experiencial do inimigo estão apresentados no Gráfico acima para destacar que mais de 70% dos dados levantados estão selecionados para a investigação (o que quer dizer, mais precisamente, 48 linhas em português e 54 em inglês – respectivamente 76,2% e 73,0% dos totais).

Como apontado na seção 4.3, o primeiro ponto a se analisar em relação a esses dados diz respeito às categorias experienciais empregadas na construção experiencial do inimigo. O Gráfico 4, a seguir, representa os resultados dessa etapa da investigação:

Gráfico 4 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial do inimigo



O Gráfico 4 (acima) representa a construção experiencial do inimigo nos textos que compõem o corpus desta pesquisa. Tal construção ocorre principalmente por meio de Participantes: 93,7% das linhas de concordância investigadas em português e 83,3% das investigadas em inglês (o que, em ambos os casos, corresponde a um valor absoluto de 45 linhas de concordância) se encaixam nessa categoria. No restante dos dados investigados (6,3% das linhas de concordância em português e 16,7% das em inglês, o que corresponde a valores absolutos de três e nove linhas, respectivamente) o inimigo é construído por meio de Circunstâncias). Nenhum dos dados investigados nesta etapa é classificado sob a categoria de Processo.

A ausência de Processos entre os resultados apresentados no Gráfico 4 pode ser considerada como um dado esperado tanto em português quanto em inglês: partindo-se do fato de que o levantamento de linhas se dá com base nos nódulos ‘Inimigo’, ‘Inimigos’ e ‘Inimizade’ (em português) e ‘Enemies’ e ‘Enemy’ (em inglês) e que tais vocábulos não têm características morfológicas comumente associadas a Processos (como as marcas de flexão de pessoa, tempo e modo), pode-se considerar o resultado relativo a classificações na categoria Processo como um dado previsível nesta etapa da investigação.

No que diz respeito aos Participantes e Circunstâncias identificados nos dados analisados em português e em inglês, pode-se destacar a proporção superior de Participantes em relação à de Circunstâncias entre os dados analisados nas duas línguas (em ambos os casos, a proporção de Participantes supera a marca de 80%). O que pode ser visto como um indicativo de que, nas narrativas, a figura do inimigo apresenta sobretudo aspectos de permanência (e não de transitoriedade ou circunstancialidade), tendo a capacidade de persistência no eixo temporal e de participar de vários Processos.

Como informado na seção 4.3, os Participantes identificados nessa etapa são classificados de acordo com o sistema de transitividade proposto por Halliday e Matthiessen (2004). Os resultados dessa classificação estão apresentados na Tabela 5 (a seguir) e nos Gráficos 5 e 6 (nas páginas 142 e 143) e comentados em seguida:

	Participantes	<i>Grande Sertão: Veredas</i>		<i>The devil to pay in the backlands</i>	
de Processos Materiais	Ator	13	28,9%	13	28,9%
	Meta	5	11,1%	6	13,3%
	Escopo	0	0,0%	1	2,2%
	Recebedor	1	2,2%	1	2,2%
	Cliente	1	2,2%	1	2,2%
	Atributo de Processo Material	0	0,0%	0	0,0%
de Processos Mentais	Experienciador	4	8,9%	2	4,4%
	Fenômeno	3	6,7%	4	8,9%
de Processos Relacionais	Portador	3	6,7%	3	6,7%
	Atributo	0	0,0%	0	0,0%

	Identificado	3	6,7%		2	4,4%
	Identificador	4	8,9%		1	2,2%
de Processos Comportamentais	Comportante	0	0,0%		6	13,3%
	Comportamento	3	6,7%		0	0,0%
de Processos Verbais	Dizente	0	0,0%		0	0,0%
	Receptor	2	4,4%		2	4,4%
	Verbiagem	0	0,0%		1	2,2%
	Alvo	0	0,0%		0	0,0%
de Processos Existenciais	Existente	3	6,7%		2	4,4%
	TOTAL	45	100,0%		45	100,0 %

Tabela 5– Participantesna construção experiencial do inimigo

A seguir, os mesmos dados apresentados na Tabela 5, acima, estão apresentados em formato gráfico (nos Gráficos 5 e 6), com vistas a facilitar a compreensão das informações por meio de uma representação visual. Comentários sobre a tabela e os gráficos são apresentados na sequência:

Gráfico 5– Participantes na construção experiencial do inimigo em *Grande Sertão: Veredas*

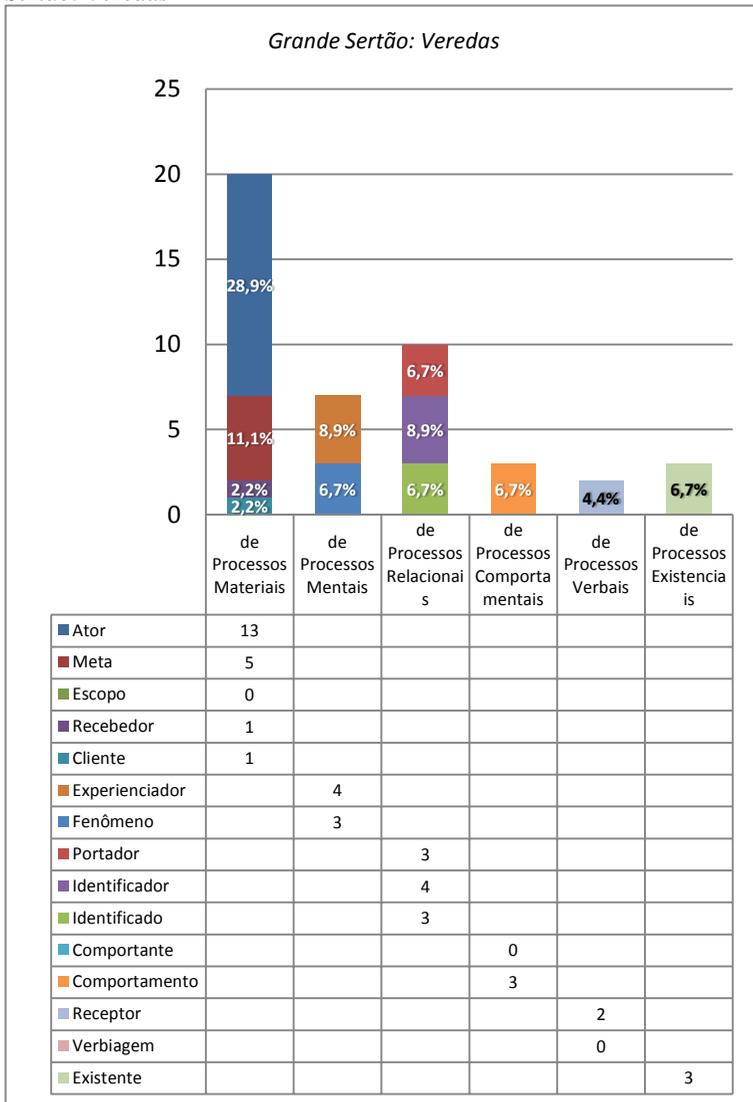
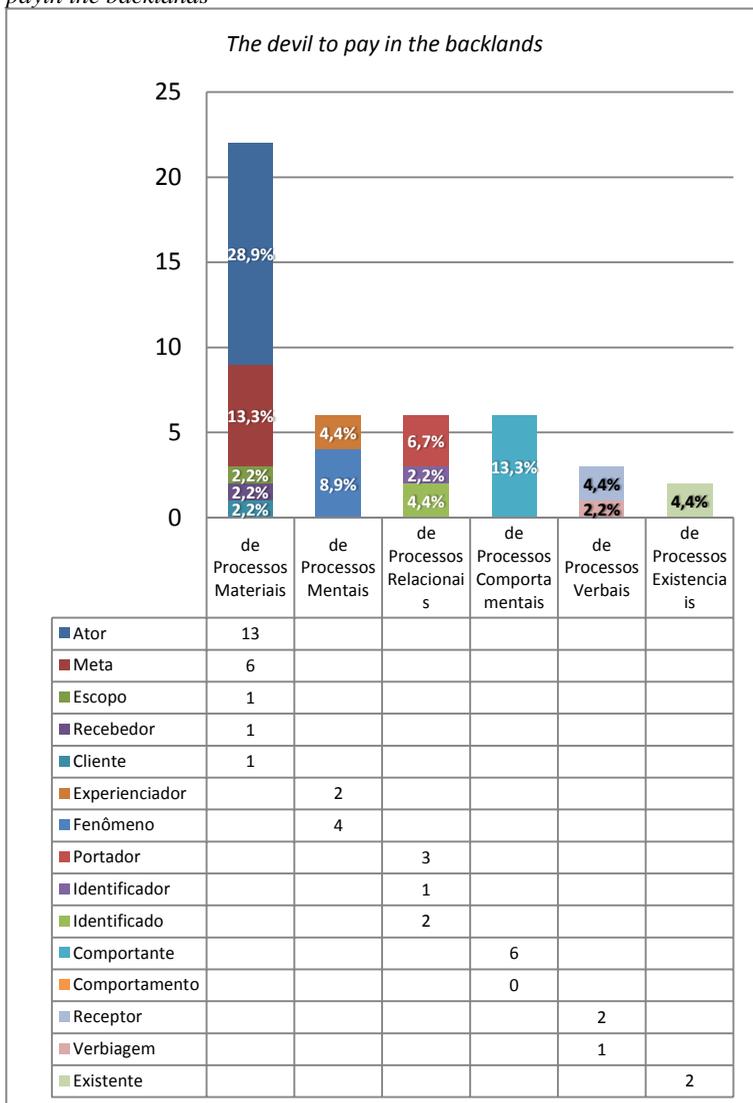


Gráfico 6– Participantes na construção experiencial do inimigo em *The devil to pay in the backlands*



Como mostram a Tabela 5 (página 141) e os Gráficos 5 e 6 (páginas 142 e 143), dentre os Participantes envolvidos na construção experiencial do inimigo, predominam os ligados a Processos Materiais: dos 45 Participantes analisados em português, 20 (44,4% do total) estão em Orações Materiais (sendo que, desses 20, 13 são classificados como Atores); e dos 45 Participantes analisados em inglês, 22 (48,9% do total) estão em Orações Materiais (também sendo 13 o total de Atores entre esses 22 Participantes de Orações Materiais).

A predominância de Participantes em Orações Materiais (e, dentre esses Participantes, de Atores) coincide com os dados de Butt, Lukin e Matthiessen (2004, p.272), que identificam (embora não apresentem números que possam ser comparados aos aqui apresentados), ao analisar o discurso do então presidente Bush, que a construção da “categoria ‘inimigo’ se define por meio de suas ações e não de seus atributos, pensamentos, ou do que o ‘inimigo’ diz ou quer dizer”⁷¹. Diferentemente do que acontece na análise de Butt, Lukin e Matthiessen (2004), todavia, nos dados aqui investigados não se notam Processos com carga semântica predominantemente negativa sendo realizados pelo inimigo.

Como dito na seção 2.3.1, Butt, Lukin e Matthiessen (2004, p.272) destacam, dentre os Processos empregados por Bush para construir o inimigo em seu discurso, uma tendência de escolha de verbos com prosódia semântica negativa, como: ‘To Kill’, ‘To Repress’, ‘To Threaten’, ‘To Overthrow’ e ‘To Brutalize’. Para os autores, tal seleção lexical é trabalhada no discurso com vistas a se construir um inimigo que representa o extremo oposto aos valores de justiça e liberdade que o ‘nós’, construído pelo então presidente para se referir aos Estados Unidos, representa – o que justificaria, assim, a força bélica empreendida nos meses subsequentes ao discurso. Já nos textos aqui investigados, os Processos de natureza Material realizados pelo inimigo destacam as movimentações espaciais realizadas por esses entes: são Processos ligados aos verbos RONDAR, ENGATINHAR, VIR, APROXIMAR, SURGIR, TO GET CLOSE, TO ADVANCE, TO APPROACH, etc. A seguir são apresentados alguns exemplos que ilustram esses casos:

Ex. 88. O inimigo pode estar engatinhando também, versa por detrás, nunca se tem certeza.

⁷¹ “(...) the category of ‘enemy’ is defined in Bush’s speech through action, rather than through attribute, or through what the ‘enemy’ says, or means.”

- Ex. 89. [...]– feito estivessem sendo surucuiú sem fêmea, percorrente doidada... E o inimigo dava para trás! Não achavam esconso... Assim é que se principiou.
- Ex. 90. It was then that the fighting swept closer to me, like a sudden blaze of fire. A few of the enemy had advanced. Their bullets were striking and ricocheting around me.
- Ex. 91. The place was the plains of Tamanduá-tão. The enemy was approaching at a fast trot. Headed for destruction.

Nos quatro exemplos apresentados acima (Ex. 88 a E. 91), estão destacados casos em que os ‘inimigos’ são construídos como Atores de Processos Materiais (por realizarem Processos em suas realidades externas) que indicam algum tipo movimentação espacial. Em Ex. 88 e Ex. 89, o inimigo realiza respectivamente um Processo de movimentação ‘pode estar engatinhando’ e ‘dava para trás’, enquanto em Ex. 90 e Ex. 91, em inglês, o inimigo realiza os Processos de ‘had advanced’ e ‘was approaching’.

Analisando-se as 90 linhas de concordância (45 de *Grande Sertão: Veredase* 45 de *The devil to pay in the backlands*) em que o inimigo é construído por meio de Participantes, não se notam Processos relacionados aos verbos TO KILL, TO REPRESS, TO THREATEN, TO OVERTHROW E TO BRUTALIZE – que são os identificados por Butt, Lukin e Matthiessen (2004, p.272) ao analisar o discurso de Bush. Ainda assim, podem-se fazer considerações sobre a prosódia semântica do inimigo no corpus desta pesquisa:

- embora se considere que o simples uso de epítetos relativos a ‘inimigo’/‘enemy’ já imprima alguma carga semântica negativa a esse Participante, em grande parte das linhas analisadas (24 das 45 linhas analisadas em português e 29 das 45 linhas em inglês), não são facilmente identificáveis usos de recursos linguísticos que reforcem ou atribuam cargas semânticas exacerbadamente negativas a esse ente inimigo (como acontece em Butt, Lukin e Matthiessen, 2004);

- nos casos em que são empregados recursos linguísticos que reforçam a carga semântica negativa do inimigo, esses recursos tendem a ser empregados na mesma oração em que o inimigo realiza algum Processo, como mostram os exemplos a seguir:

Ex. 92. [...] figurável que era tempo de guerra, em brenhas de noite, e algum inimigo menos-se-espera podia surgir para o mal. Aonde se ia?

Ex. 93. Here's an example: there was a big hollow, where the enemy lay in ambush, dug in on both sides.

Em Ex. 92, a carga semântica negativa do inimigo é reforçada por meio da Circunstância de Causa (na subcategoria Propósito) ‘para o mal’, que ocorre na mesma oração em que o inimigo realiza o Processo de ‘podia surgir’. No caso a Circunstância imprime ao Processo Material ‘podia surgir’ a ideia de que a aproximação desse inimigo implica a criação de uma situação de perigo iminente.

Já em Ex. 93, a carga semântica negativa do inimigo é reforçada por meio da Circunstância de Modo (subcategoria Qualidade) ‘in ambush’ – que destaca a posição oculta que prenuncia um ataque por parte do inimigo.

- embora a tendência observada nos textos seja atribuir a carga semântica negativa do inimigo na mesma oração em que esse inimigo realiza algum Processo, é possível identificar 12 casos (seis em português e seis em inglês) em que essa atribuição ocorre em outra oração (colocada em relação de parataxe com a oração em que o inimigo realiza algum Processo), como mostram os exemplos a seguir:

Ex. 94. Para vencer justo, o senhor não olhe e nem veja o inimigo, volte para a sua obrigação. Mas eu dava as costas à cobra e achava o ninho dela[...]

Ex. 95. On the other side of the ford there is a small plain, called Plain-of-the-Crested-Screamer, almost purposely, it seemed, for it was there, in effect, that the enemy showed up. It was terrible. I'll tell you all about it right now.

Em Ex. 94, a carga semântica negativa do inimigo é reforçada por meio da metáfora ‘dava as costas à cobra e achava o ninho dela’. Ao utilizar a cobra para se referir metaforicamente ao inimigo, o narrador evoca uma imagem que simboliza um poder potencialmente destrutivo, que pode ser entendida como representação de “[...] uma fonte de força quando dominada, mas potencialmente perigosa e frequentemente emblemática de morte e caos [...]”⁷² (TRESIDDER, 2004, p.445).

Já em Ex. 95, a carga semântica negativa do inimigo é reforçada por meio da oração ‘It was terrible’, colocado logo após a realização do Processo ‘showed up’, pelo inimigo. No caso, a oração pode ser entendido como uma associação do aparecimento do inimigo a um sentimento de terror (sentido pelo narrador).

- embora haja 12 casos (seis em português e seis em inglês) em que o Processo realizado pelo inimigo tem alguma carga semântica negativa, em nenhum desses casos se nota a utilização de Processos como os listados no trabalho de Butt, Lukin e Matthiessen (2004). Os exemplos a seguir mostram alguns casos dos Processos de carga negativa realizados pelo inimigo no corpus investigado nesta tese:

Ex. 96. A uma hora dessas, ou eles já estavam arriados pelo inimigo, ou então, traquejando nos caminhos, a rumo de cidades.

Ex. 97. Alaripe and Quipes did not fail to keep a sharp lookout all about, on all sides of us, figuring that in time of war and in the night darkness, some enemy could waylay us when least expected.

⁷²“(...) a source of strength when mastered but potentially dangerous and often emblematic of death or chaos (...)”

Em Ex. 96, a utilização da voz passiva ‘estavam arriados pelo inimigo’ implica a ideia de que o inimigo tem capacidade de realizar o Processo de arriar/derrubar/vencer/superar seu grupo rival. Já em Ex. 97, o Processo ‘could waylay’⁷³ implica a ideia de que o inimigo é capaz de desferir ataques inesperados contra o seu grupo rival, ao se colocar em posição de emboscada. Assim, embora não se verifiquem, em *Grande Sertão: Veredas – The Devil to Pay in the Backlands*, Processos relacionados a verbos como TO KILL, TO REPRESS, TO THREATEN, TO OVERTHROW, o inimigo construído no corpus ainda representa um ente a ser temido, capaz de desferir ataques inesperados e de impor derrotas em situações de embate direto.

Uma explicação para as diferenças nas construções dos inimigos em *Grande Sertão: Veredas – The Devil to Pay in the Backlands* no discurso de Bush pode estar relacionada ao fato de o primeiro inimigo estar construído em textos ficcionais – sem compromisso com a realidade não-ficcional – eo último fazer parte de um contexto maior (como discutido entre as páginas 71 e 73, quando são discutidas as variáveis de contexto dos dois corpora).

Ao construir um inimigo externo mais ameaçador, o discurso de Bush parece tentar maximizar a união interna da sociedade norte-americana para combater tal inimigo, apelando para um expediente conhecido como *in-group/out-group hypothesis*, segundo o qual, a coesão interna de uma sociedade aumenta quando ela se vê confrontada com uma ameaça externa.

⁷³Segundo o site <http://thefreedictionary.com/waylay> (Último acesso em 11/07/2014), waylay pode ter os seguintes significados (em inglês): 1. To lie in wait for and attack from ambush. 2. To accost or intercept unexpectedly.

Embora haja debates de cunho sociológico sobre a hipótese⁷⁴, trata-se de uma proposição verificável em trabalhos que analisam diferentes instâncias de conflitos entre grupos. Durkheim (1968) e Singh (2004), podem ser citados como exemplos: i) enquanto Durkheim (1968) estuda as estatísticas de homicídios não premeditados e de suicídios e identifica uma tendência de queda nessas estatísticas durante momentos de guerras políticas contra inimigos externos – e, assim, constitui um estudo empírico sobre a hipótese *in-group/out-group*, como aponta Stein (1973); já Singh (2004) mostra uma análise teórica de uma propaganda veiculada na *BBC Radio 1*, em 1997, apontando como os conflitos internos das sociedades tendem a ser mitigados ante a uma agressão externa e mostrando que as noções de ‘nós’ x ‘eles’ são dinâmicas e se estabelecem apenas quando os grupos se veem confrontados ou agredidos por um ente com o qual não se identificam imediatamente;

- por fim, não são identificados, nos textos, empregos de recursos linguísticos que possam atribuir ao inimigo qualquer carga semântica positiva.

⁷⁴ Discussões sobre limites e testes empíricos sobre a hipótese podem ser encontrados em trabalhos como Morgan e Bickers (1992) e Stein (1973), mas não estão aqui apresentados por avançarem sobre o campo disciplinar da sociologia e por fugirem ao escopo deste trabalho. Para maiores discussões sobre a hipótese, sugiro a consulta a:

- STEIN, A.A. ‘Conflict and Cohesion: a review of the literature’. In: *Journal of conflict resolution*, vol. 20 n°1, 1976. Disponível em: <http://goo.gl/RykbFH> - último acesso em 24 de junho de 2014.
- MORGAN, T.C. e BICKERS, K.N. ‘Domestic Discontent and the External Use of Force’. In: *Journal of conflict resolution*, vol. 36 n°1, 1992. Disponível em: <http://goo.gl/AVqx1b> - último acesso em 24 de junho de 2014.

Outra diferença observada entre os dados analisados por Butt, Lukin e Matthiessen (2004) e os aqui analisados está no estabelecimento de uma separaçãomarcadaentre o ‘nosso grupo’ e o ‘grupo do inimigo’. Enquanto o discurso do então presidente George W. Bush emprega tal contraste como uma forma de justificar seu empreendimento bélico – construindo o ‘inimigo’ como o oposto de tudo o que o ‘nosso’ grupo (no caso, os Estados Unidos) representa –, em *Grande Sertão: Veredas* e em *The devil to pay in the backlands*, os limites entre o ‘nós’ e o ‘eles’ são mais dinâmicos– assim como ocorre na análise de Singh (2004) mencionada na página anterior –, e as identidades dos grupos são construídasao longo da narrativa, à medida que os grupos se veemagredidos e se atribuem papéis de aliados e inimigos.

Tal alternância/dinamicidade nas identidades dos grupos pode ser observada comparando-se a evolução dos grupos nas narrativas: enquanto na primeira metade da narrativa de Riobaldo, a guerra narrada étravada pelo bando de Joca Ramiro (com a contribuição de Hermógenes e seus homens), contra Zé Bebelo e os soldados do governo, na segunda metade da narrativa, a guerra narrada étravada pelos remanescentes do bando de Joca Ramiro (inicialmente liderados por Zé Bebelo) contra Hermógenes e seus homens. A seguir, éapresentado um trecho de *Grande Sertão: Veredas* emblemático do fim da primeira metade da narrativa e que prenuncia os eventos da segunda metade –a fala de Só Candelário durante o julgamento de Zé Bebelo:

– “Crime?... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: jagunço com jagunço – aos peitos, papos. Isso é crime? Perdeu, rachou feito umbuzeiro que boi comeu por metade... Mas brigou valente, mereceu... Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra...”

– “Sempre eu cumprio a palavra dada!” – gritou de lá Zé Bebelo...Só Candelário olhou encarado para ele, rente repente, como se nos instantes antes não soubesse que ele estava ali a três passos. Só assim mesmo prosseguiu: Só Candelário:

– “... Pois, sendo assim, o que acho é que se deve de tornar a soltar este homem, com o compromisso de ir ajuntar outra vez seu pessoal dele e voltar aqui no Norte, para a guerra poder continuar mais, perfeita, diversificada...”

Ressaltados, os homens, ouvindo isso, rosaram de bem, cá e lá: coragem sempre agradava. Diadorim apertou meu braço, como sussurrou: – “Doideira, dele. Riobaldo, Só Candelário está doido varrido...” Aí podia ser. Mas eu tinha relanceado um afio de onde ódio que ele mirou no Hermógenes, enquanto falando; e entendi: Só Candelário não gostava do Hermógenes! Sendo que ele podia até nem saber disso, não ter noção firme de que não gostava; mas era a maior verdade. Sucinto, só por conta disso, eu apreciei demais aquele rompante.

No trecho, podem ser identificadas referências ao combate contra Zé Bebelo, sua derrota e prisão – quandoo personagem Só Candelário diz “Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto!” –, assim como a sua condenação ao exílio – nafala “[...] acho é que se deve de tornar a soltar este homem, com o compromisso de ir ajuntar outra vez seu pessoal dele e voltar aqui no Norte”. Também é possível identificar, na fala de Só Candelário, um princípio de desconfiança contra Hermógenes (então aliado, mas que constitui a força rival na metade final do texto) – quando o narrador observa “Mas eu tinha relanceado um afio de onde ódio que ele mirou no Hermógenes, enquanto falando; e entendi: Só Candelário não gostava do Hermógenes!”.

Retomando a discussão sobre os Participantes empregados na construção experiencial do inimigo, podem ser destacados, dentre os Participantes identificados nesta etapa da análise, aqueles que estão ligados a Processos Mentais: dentre os 45 Participantes analisados em português, sete estão ligados a Processos Mentais, ao passo que, dentre os 45 Participantes analisados em inglês, seis se encaixam nessa categoria.

Os dados sobre os Participantes ligados a Processos Mentais na análise aqui empreendida chamam a atenção pelo contraste com os dados de Butt, Lukin e Matthiessen (2004). Enquanto os autores destacam, na fala de Bush, que o inimigo se define por suas ações (Materiais) e não por outros dos Processos que realiza, os números resultantes da análise empreendida nesta tese parecem indicar outras possibilidades de construção – o que não se confirma completamente ao se olhar as linhas de concordância que geram tais números. A seguir, são apresentados exemplos de casos em que o Participante ‘inimigo’ está ligado a Processos Mentais:

Ex. 98. Assaz à retirada se estava rinchando, mas os inimigos não sabiam: carecia que eles pensassem que a gente ia dar um ataque final. Acharam?

Ex. 99. Meu querer não correspondia ali, por conta nenhuma. Eu nem conhecia aqueles inimigos, tinha raiva nenhuma deles

Ex. 100. [...]: a ofensa passada se perdoa; mas, como é que a gente pode remitir inimizade ou agravo que ainda é já por vir e nem se sabe? Isso eu pressentia.

Ex. 101. Although the signal to retreat was being given, the enemy did not know what it was: we needed to make them think we were about to launch a final attack.

Ex. 102. what he said. He ordered me to kill. My wish did not enter into the matter. I didn't even know the enemy, I felt no hatred for them. Zé Bebelo's men, recruited along the Jequitaiá, seeking only to earn a li

Ex. 103. now that we do have, where are they?" "Let's look." "As I have told you, I knew nothing of the enemy, nor he of me, yet we were headed for a meeting. I called a halt before we got to the bottom -- we

Comparando-se os resultados da análise dos Participantes (Tabela5 e Gráficos 5 e 6, respectivamente nas páginas 141, 142 e 143) e os exemplos Ex. 98 a Ex.103, nota-se que, embora os números resultantes da análise apontem para uma construção de aspectos cognitivos e/ou emocionais do inimigo, essas construções frequentemente são apresentadas mais próximas do polo negativo do **sistema de polaridade** (sistema que – segundo Matthiessen, 2004 – permite a construção de potenciais de significado que variam entre o ‘sim’ e o ‘não’ em uma língua). Em português cinco (dos sete) casos em que o inimigo é Participantes em Processos Mentais apresentam **polaridade negativa**, em inglês, quatro (dos seis) casos apresentam tal polaridade.

Devido à frequente polaridade negativa empregada nas Orações Mentais, pode-se apontar que – mais do que um Participante cujos aspectos cognitivo-emocionais são construídos – os pensamentos e sentimentos do inimigo se mostram uma fonte de incertezas, de forma que o inimigo pode ser visto como aquele sobre o qual não se sabe, que não é conhecido, não pode ser perdoado, etc. (como mostram os exemplos 98, 99, 101, 102 e 103, acima).

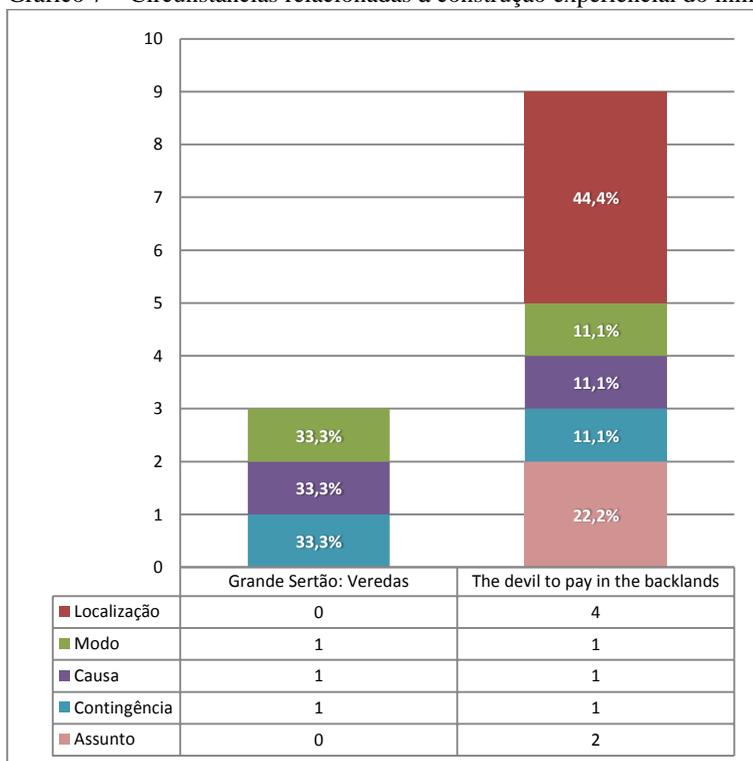
Por fim, ainda seguindo o método de pesquisa informado na seção 4.2.2, as Circunstâncias identificadas na construção experiencial do inimigo são classificadas. Os resultados são apresentados na Tabela6 (a seguir) e no Gráfico7 (na página 155) e comentados em seguida:

Circunstâncias	Subcategoria	<i>Grande Sertão: Veredas</i>		<i>The devil to pay in the backlands</i>	
Extensão	Extensão	0	0,0%	0	0,0%
Localização	Localização	0	0,0%	4	44,4%
Modo	Meio	0	0,0%	0	0,0%
	Qualidade	1	33,3%	1	11,1%
	Comparação	0	0,0%	0	0,0%
	Grau	0	0,0%	0	0,0%
Causa	Propósito	0	0,0%	0	0,0%
	Razão	1	33,3%	0	0,0%
	Benefício	0	0,0%	1	11,1%
Contingência	Condição	0	0,0%	1	11,1%
	Falta	1	33,3%	0	0,0%
	Concessão	0	0,0%	0	0,0%
Acompanhamen to	Comitativo	0	0,0%	0	0,0%
	Aditivo	0	0,0%	0	0,0%
Papel	Guisa	0	0,0%	0	0,0%
	Produto	0	0,0%	0	0,0%
Assunto	Assunto	0	0,0%	2	22,2%
Ângulo	Fonte	0	0,0%	0	0,0%
	Ponto de vista	0	0,0%	0	0,0%
	Total	3	100,0%	9	100,0%

Tabela 6 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do inimigo

A seguir, os mesmos dados apresentados na Tabela 6, acima, estão apresentados em formato gráfico (noGráfico7), com vistas a facilitar a compreensão das informações por meio de uma representação visual. Comentários sobre a tabela e o gráfico são apresentados na sequência:

Gráfico 7 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do inimigo



A Tabela6 (na página 154) e no Gráfico7 (acima) mostram os números relativos às Circunstâncias empregadas na construção experiencial do inimigo. Ao todo, são identificadas três Circunstâncias entre as linhas analisadas em português e nove entre as analisadas em inglês, sendo uma Circunstância de Modo, uma de Causa e uma de Contingência em português, contra quatro Circunstâncias de Localização, duas de Assunto, uma de Modo, uma de Causa e uma de Contingência em inglês.

Os números relativos às Circunstâncias podem ser considerados baixos quando se consideram seus valores proporcionais: em português, as três Circunstâncias identificadas representam 6,3% do total analisado (de 48 linhas); já em inglês, as nove identificadas representam 16,7% do total (de 54 linhas). Essas proporções, como anteriormente dito, reforçaram a ideia de que o inimigo pode ser visto como figura permanente na narrativa – considerando-se, para tanto, que seu papel circunstancial nas narrativas é menor e que, mais do que acrescentar significados aos Processos, esse inimigo realiza e é diretamente influenciado pelos Processos.

Embora o baixo número de casos dificulte a identificação de tendências linguísticas, é possível identificar, nos dados em inglês a recorrência do inimigo como uma Circunstância de Localização e como uma Circunstância de Assunto. A seguir, são apresentados exemplos desses casos:

Ex. 104. With whoops and yells, we took out after some of the enemy in the direction of the stream. Every palm tree was riddled.

Ex. 105. [...] all of a sudden, some of our men well to the left of us jumped out shouting, and rushed toward the enemy! There were two, three. "The devil!" growled Hermógenes, "They have gone loco, goddamit!"

Ex. 106. That was as it should be, for on the eve of battle you don't talk about the enemy. One said only: "He's not a lasso -- he's a hoop." And another: "He is crazy."

Nos dois primeiros casos (Ex. 104 e 105), são mostrados exemplos em que o inimigo faz parte de uma Circunstância de Localização. Nos dois exemplos, pode-se dizer que o inimigo constitui o elemento que orienta a movimentação empreendida pelo grupo do qual o narrador faz parte – em Ex. 104, nota-se o Participante 'we' partindo em direção ao inimigo ('after some of the enemy') e em Ex. 105, os homens que formam o grupo 'our men' se dirigem, afobadamente, em direção ao inimigo ('toward the enemy'). Já no Ex. 106, o inimigo constrói, como Circunstância (de Assunto), o assunto sobre o qual não se deve falar.

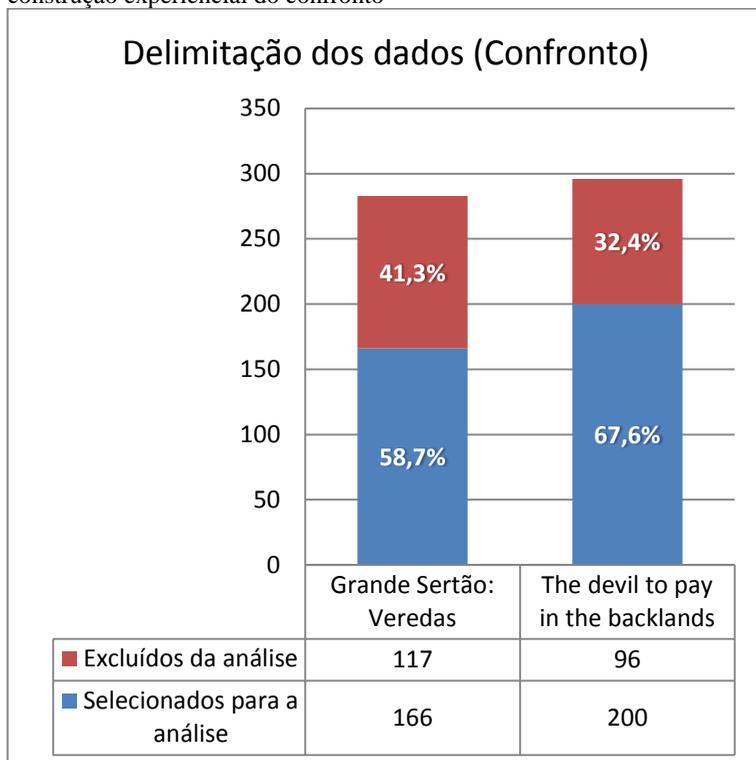
Dando seguimento à análise dos dados e discussão proposta nesta seção da tese, a subseção a seguir mostra os resultados da investigação sobre a construção experiencial do confronto no corpus de pesquisa.

4.3. A CONSTRUÇÃO EXPERIENCIAL DO CONFRONTO

Como apontado na seção 4.2.1, para analisar a construção experiencial da situação de confronto direto, levantam-se as linhas de concordância que têm, como nódulos, os vocábulos agrupados sob os lemas BATALH* ('Batalha', 'Batalhão', 'Batalhas'), BRIG* ('Briga', 'Brigando', 'Brigar', 'Brigaram', 'Brigas', 'Brigou', 'Briguel'), COMBAT* ('Combate', 'Combatemos', 'Combatendo', 'Combater', 'Combates', 'Combatia'), DUEL* ('Duelava', 'Duelo'), GUERR* ('Contra guerra', 'Guerra', 'Guerraria', 'Guerras', 'Guerreando', 'Guerreantes', 'Guerrear', 'Guerrearam', 'Guerreava', 'Guerreei', 'Guerreia', 'Guerreio', 'Guerreiramente', 'Guerreiro', 'Guerreiros', 'Mão-de-guerra') e BATT* ('Battalion', 'Battle', 'Battles', 'Battling'), CONFLICT* ('Conflict', 'Conflicting'), CONFRONT* ('Confront', 'Confronted'), DUEL* ('Duel'), FIGHT* ('Fight', 'Fighter', 'Fighters', 'Fighting', 'Fights', 'Fought') e WAR ('War', 'Warfare', 'Warring', 'Warrior', 'Warriors', 'Wars'). Essas linhas de concordância são analisadas, caso a caso, com vistas a selecionar, para análise, apenas as que se encaixam nos critérios pré-estabelecidos, segundo o desenho metodológico adotado (ver seções 4.2.2 e 4.2.3).

Inicialmente, utilizando-se os nódulos expostos no parágrafo anterior, são levantadas 283 linhas de concordância em português e 296 em inglês. Após o trabalho de delimitação, selecionam-se para análise 166 linhas em português e 200 em inglês (que equivalem, respectivamente, a 58,7% e 67,6% dos dados). Esses números estão representados no Gráfico 8, a seguir:

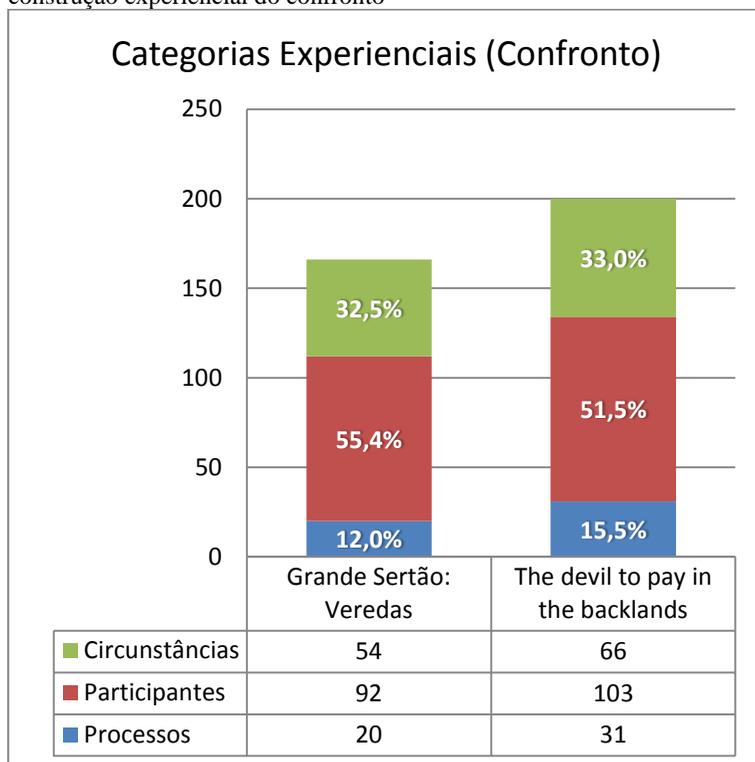
Gráfico 8 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial do confronto



Assim como dito no caso do Gráfico 4 (apresentado na página 139), as razões para a exclusão dessas linhas de concordância são baseadas nas decisões de pesquisa (apresentadas na seção 4.2.2) e os números totais do trabalho de exclusão estão apresentados na seção anterior (5.1). Os números parciais relativos ao conjunto de dados selecionado para analisar a construção experiencial da situação de confronto direto estão apresentados no Gráfico 8 (acima) para destacar tanto o elevado número de casos em termos absolutos (o maior dentre os âmbitos selecionados para investigação nesta pesquisa) quanto a proporção de linhas selecionadas para análise: mais de 55% dos dados – em ambas as línguas – atendem aos critérios pré-estabelecidos neste trabalho (um percentual considerável, embora inferior ao patamar de 70% selecionado para a análise da construção experiencial do inimigo – apresentado na seção 5.2).

Definida a seleção de dados a serem utilizados para investigar a construção experiencial da situação de confronto direto, classificam-se os nódulos segundo a categoria experiencial por eles realizada em suas linhas de concordância. O resultado dessa classificação está apresentado no Gráfico9, a seguir:

Gráfico 9 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial do confronto



Como mostra o Gráfico9, dos 166 casos analisados em português, em 92 (o equivalente a 55,4% do total analisado) a situação de confronto é construída experiencialmente por meio de Participantes, em 54 (32,5%), por meio de Processos e em 20 (12,0%), por meio de Circunstâncias. Já dos 200 casos em inglês, em 103 (51,5%) a situação de confronto é construída experiencialmente por meio de Participantes, em 66 (33,0%) por meio de Processos e em 31 (15,5%) por meio de Circunstâncias.

Os números indicam que (tanto em português quanto em inglês) o confronto direto é construído principalmente como Participante nas narrativas analisadas – o que implica a ideia desse confronto como figura perene na história, dotado, inclusive, da capacidade de realizar Processos (e/ou de tomar parte em diferentes Processos). Isso é reforçado pelo percentual de Circunstâncias – inferior ao de Participantes –, considerando-se que embora também esteja relacionado à construção de significados (de localização, causa, modo, etc.), esse confronto se caracteriza principalmente pela sua capacidade de realizar Processos e de ser diretamente afetado por eles.

Além disso, chama a atenção menor percentual de Processos dentre os dados: considerando-se que conflitos têm a propriedade intrínseca de serem solucionáveis (como aponta Wallensteen, 2012) e que investidas armadas contra um grupo rival tendem a ter objetivos (em geral a vitória sobre esse grupo), seria esperável que, enquanto aspecto da experiência humana, o confronto direto se mostrasse mais construído por Processos – considerando-se, para fazer tal afirmação que, em uma construção experiencial, Processos implicam a ideia de transitoriedade.

Classificados os Participantes empregados na construção experiencial do confronto direto, destacam-se, em ambos os textos, os resultados relativos aos percentuais de Atores e Metas e, na comparação entre os dados português e em inglês, os percentuais de Fenômenos e Portadores, Identificados, Identificadores. A Tabela 7 e os Gráficos 10 e 11 (apresentados na sequência) trazem os resultados da classificação de Participantes – sendo comentados em seguida:

	Participantes	<i>Grande Sertão: Veredas</i>		<i>The devil to pay in the backlands</i>	
de Processos Materiais	Ator	16	17,4%	23	22,3%
	Meta	16	17,4%	21	20,4%
	Escopo	0	0,0%	1	1,0%
	Recebedor	0	0,0%	0	0,0%
	Cliente	0	0,0%	0	0,0%
	Atributo de Processo Material	0	0,0%	0	0,0%
de Processos Mentais	Experienciador	2	2,2%	0	0,0%
	Fenômeno	15	16,3%	9	8,7%
de Processos	Portador	10	10,9%	22	21,4%

Relacionais	Atributo	2	2,2%	3	2,9%
	Identificado	9	9,8%	3	2,9%
	Identificador	10	10,9%	9	8,7%
de Processos Comportamen tais	Comportante	0	0,0%	0	0,0%
	Comportamento	7	7,6%	4	3,9%
de Processos Verbais	Dizente	0	0,0%	0	0,0%
	Receptor	0	0,0%	0	0,0%
	Verbiagem	3	3,3%	1	1,0%
	Alvo	0	0,0%	0	0,0%
de Processos Existenciais	Existente	2	2,2%	7	6,8%
	TOTAL	92	100,0%	103	100,0%

Tabela 7– Participantesna construção experiencial do inimigo

A seguir, os mesmos dados apresentados na Tabela acima estão apresentados em formato gráfico (nos Gráficos 10 e 11), com vistas a facilitar a compreensão das informações por meio de uma representação visual. Comentários sobre a tabela e os gráficos são apresentados na sequência:

Gráfico 10– Participantes na construção experiencial do confronto em *Grande Sertão: Veredas*

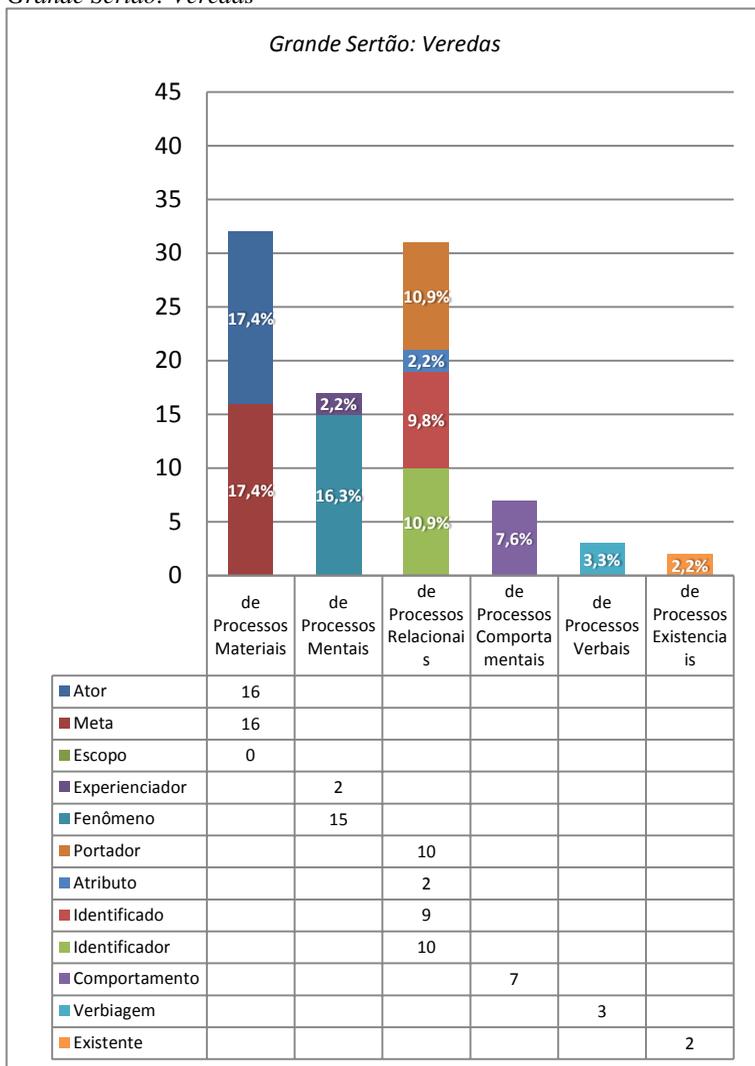


Gráfico 11– Participantes na construção experiencial do confronto em *The devil to pay in the backlands*

A Tabela 7 e dos Gráficos 10 e 11 (nas páginas 161 e 162) mostram os Participantes envolvidos na construção experiencial da situação de confronto direto. Ao todo, estão distribuídos na tabela e nos gráficos os dados referentes a 92 Participantes em português e 103 em inglês. Em português, os principais números são referentes à construção do confronto como Ator e Meta (ambos com 16 casos, o que corresponde a 17,4% do total) e Fenômeno (16,3% do total). Já em inglês os principais números estão ligados ao confronto como Ator (22,3% dos casos), Meta (20,4%) e Portador (21,4%).

O fato de os Participantes mais frequentes, tanto em português quanto em inglês, serem Atores e Metas –condiz com o tipo de fenômeno analisado (e sua característica de se desenrolar na natureza externa aos indivíduos). Analisando-se as Orações em que o confronto realiza a função de Ator, chamam a atenção os casos em que os Processos realizados indicam capacidade de se auto-começar, desenvolver e terminar, o que coloca os membros dos grupos litigantes em posição coadjuvante, ao passo que as guerras e conflitos passam a ter papel de destaque sobre seus próprios desenvolvimentos. Os exemplos a seguir ilustram essa observação (os Atores estão sublinhados nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 107. Deixei atrás, mas sobranceei, de talaia. Fazia bem duas horas que aquela batalha tinha principiado. Se estava no poder do meio-dia. De graça berra é o boi, tirante a vaca.

Ex. 108. Dentro daquele quarto, como que não entrava a guerra. Mas o pensar de Zé Bebelo ansiado eu sabia era coisa que estralejava, inventaste e forte.

Ex. 109. Ao menos Diadorim raiava, o todo alegre, às quase danças: Vencemos, Riobaldo! Acabou-se a guerra. A mais, Joca Ramiro apreciou bem que a gente tivesse pegado o homem vivo...

Ex. 110. They were to advance first -- as decoys -- and upset the enemy's calculations, when the fight started. We marked time with our breathing, during those waiting moments.

- Ex. 111. "Yeh! Ze Bebel? He's on the way, with a cloud of men." Leagues away, fighting was going on. Reports of it reached us. Then a large body of horsemen, rushing headlong, [...]
- Ex. 112. We fired one murderous volley after another. Then they started pulling back, and soon the fighting stopped altogether. A good thing, too, for it was time to eat.

Nos exemplos 107 a 112, podem ser vistos casos em que Atores, constituídos por nódulos como ‘aquela batalha’, ‘a guerra’, ‘the fight’ e ‘fighting’ (semanticamente ligados à construção da situação de confronto direto), realizam Processos que indicam o início, o desenvolvimento e a conclusão de situações de enfrentamento direto. Nas Orações apresentadas nos Ex. 107 e 110, por exemplo, os Participantes ‘aquela batalha’ e ‘the fight’ realizam, respectivamente, os Processos ‘tinha principiado’ e ‘started’; enquanto em Ex. 108 e 111, notam-se, respectivamente, os Participantes ‘a guerra’ e ‘fighting’ realizando os Processos ‘entrava’ e ‘was going on’; e em Ex. 109 e 112, os Participantes ‘a guerra’ e ‘The fighting’ realizam os Processos de conclusão dos confrontos ‘acabou-se’⁷⁵ e ‘stopped’. Nesses seis casos, os confrontos são construídos como entes que têm capacidade de se iniciar, de buscar a conquista de território, de ocorrer e, por fim, de se auto-concluírem – como se os entes humanos que compõem os grupos litigantes tivessem menos responsabilidade sobre o desenrolar dos confrontos do que as próprias batalhas que eles travam.

⁷⁵Entendendo a partícula ‘se’ utilizada em Ex. 109 como um pronome reflexivo, em que o Ator ‘a guerra’ atua sobre si mesmo ao realizar o Processo de se acabar.

Em português, são 12 os casos (o que equivale a 75,0% de um total de 16 linhas) em que o confronto, enquanto Ator, realiza Processos com características de autocontrole; ao passo que em inglês são 20 casos (86,9% de um total de 23 linhas) na mesma situação. Trata-se aqui de casos em que os confrontos realizam Processos como ‘tinha principiado’, ‘Acabou-se’, ‘descambava’, ‘entrava’, ‘findou’, ‘ia indo’, ‘relambeu’, ‘tinha se terminado’, ‘vieram’, ‘began’, ‘had broken out’, ‘would not come to an end’, ‘erupts’, ‘was going on’, ‘started’, ‘stopped altogether’, ‘came’, ‘continued’, etc. Ao construir os confrontos como Ator que realiza tais Processos, como já apontado, criam-se ambientes em que os confrontos se desenvolvem independentemente dos grupos humanos neles envolvidos – não restando aos entes humanos a opção de controlá-los ou decidir os rumos a serem tomados.

Não são agrupadas as sete Orações restantes (quarto em português e três em inglês) em que o confronto desempenha função de Ator por elas não apresentarem características comuns entre si que justifiquem a formulação de um agrupamento.

Embora a tendência geral verificada seja de o confronto ser construído como Ator com características de autocontrole, como mostrado acima, nota-se, em inglês, um número menor (sete casos em um total de 21) de casos em que esse confronto é realizado como Meta de um Processo Material, sendo controlado pela iniciativa de um Ator humano (ou de um grupo humano). Os exemplos a seguir representam esses casos (as Metas estão sublinhadas nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 113. It was thus we began our many hard marches and indecisive battles and sufferings, whose melancholy tale I have told you, if I am not mistaken, up to the point of Zé [...]

Ex. 114. So now we had to begin the war all over again. Men and weapons. We would use them to extract the sweetness of vengeance, as you [...]

Nos Ex. 113 e 114, são apresentados casos em que os Atores ‘we’ (em ambos os casos) realizam Processos que dão início às situações de confronto, indicadas pelas Metas ‘our many hard marches and indecisive battles and sufferings’ e ‘the war’, respectivamente. Embora tais casos sejam identificados entre os dados analisados, eles são inferiores numericamente e proporcionalmente aos casos em que os confrontos se iniciam por si próprios. Em português, não são identificados casos com as mesmas características.

Quando o confronto é construído como Meta em português, notam-se construções recorrentes desses confrontos como coisas (*things*, na terminologia em inglês) passíveis aquisição, recepção ou posse: são situações em que o confronto é algo a ser dado por um Ator a alguém, ou algo que pode ser tocado, lambido, feito, etc. A seguir, são apresentados exemplos que mostram essas situações (as Metas estão sublinhadas nos exemplos para facilitar a identificação):

Ex. 115. Não se instruiu que. Nem não houve aviso. Dei guerra. Como se quis: lei a lei, e fogo a fogo. Era na força da lua.

Ex. 116. Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar que o “Que-Diga” existe. Que é que diz o farfal das folhas?

Ex. 117. It was a great battle. There was no warning. I gave battle. As we had wanted it: law against law, fire against fire.

Os exemplos 115a117 mostram casos em que se atribui, ao confronto, a característica de algo passível de posse, aquisição ou recepção. Nos exemplos, notam-se construções em que o confronto é realizado como Meta de Processos relacionados aos verbos DAR (como ‘Dei guerra’ e ‘Estou dando batalha’) e TO GIVE (como ‘I gave battle’). Ao todo, identificam-se 10 casos (de um total de 16) em português e quatro casos (de um total de 21) em inglês que podem ser agrupados a partir dessa característica.

Ainda analisando os casos em que o confronto é Meta, em três (dos 16) casos em português e em seis (dos 21) casos em inglês, o confronto está ligado à ideia de algo que pode ser travado e perdido, como mostram os exemplos a seguir (em que estão sublinhadas as Metas):

- Ex. 118. “Lhe aviso: o senhor pode ser fuzilado, numa vez. Perdeu a guerra, está prisioneiro nosso...” – Joca Ramiro fraseou. – “Com efeito!
- Ex. 119. “... Amigo meu Medeiro Vaz, a outra ocasião, travou combates, no ContaBoi, daqui a duas léguas... Contra os de um Tolomeu Guilherme. Defunto amigo Medeiro Vaz,[...]
- Ex. 120. "My friend Medeiro Vaz once fought a battle at Conta-Boi, about two leagues from here. Against the forces of one Tolomeu Guilherme.
- Ex. 121. Our Chief, Medeiro Vaz, never lost a fight. Medeiro Vaz was a man of good judgment, who knew the ropes, who did not waste words.

Nos Ex. 118a121, são apresentados casos em que o confronto é construído como uma Meta dos Processos ‘perdeu’, ‘travou’, ‘fought’ e ‘lost’ – o que indica a ideia do confronto como algo que pode ser travado e perdido pelos indivíduos. Tendo-se em consideração que situações de confronto direto tendem a ser travadas, contra um grupo rival, com vistas a vitórias (e sob o risco de derrotas), pode-se considerar como baixo o percentual de casos em que o confronto é construído a partir da ideia de algo que pode ser travado e perdido pelos indivíduos.

As sete Orações restantes (quatro em português e três em inglês) em que o confronto desempenha função de Meta não são agrupadas, por não apresentarem características comuns entre si que justifiquem a formulação de outros agrupamentos.

Quando se analisam as construções do confronto como Fenômeno etomando como ponto de partida a observação de Matthiessen (2014, p.249) de que as Orações Mentais indicam aquilo que se "sente, pensa, quer ou percebe"⁷⁶, notam-se onze casos (seis em português e cinco em inglês) em que o confronto está ligado (como Fenômeno) a Processos Mentais de querer; nove casos (cinco em português e quatro em inglês) em que o confronto está ligado a Processos Mentais de pensar (saber); e quatro casos (todos em português), em que o confronto está ligado a Processos Mentais de sentir (gostar). Os exemplos a seguir ilustram essas situações:

- Ex. 122. E o que Diadorim me disse principiou deste jeito assim: que perguntou, esconso, se eu queria aquela guerra completamente.
- Ex. 123. At one stage, the shooting became hotter and was concentrated on a single target. They wanted a duel. The hours were endless. The sun was pouring down on the back of our necks.
- Ex. 124. E é homem danado, zuretado..."—"Está a favor da gente... E ele sabe guerrear..." E era. Repegava a chuva, trozante, mas mesmo assim o Quipes e Cavalcânti montaram e saíram [...]
- Ex. 125. [...], they would drop to the ground, crawling and making their way head first. Had they known how to fight from birth? I watched them only for a moment.
- Ex. 126. Só quando se jornadaia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte – o demo acha.

⁷⁶ "(...) feels, thinks, wants or perceives (...)"

Ex. 127. Mas, para mim, ele estava muito errado: pelos passos e movimentos, porque gostava prático da guerra, do que provava um muito forte prazer; e por isso não tinha boa razão para um resultado final.

Nos exemplos (Ex. 122 a Ex. 127), são apresentadas Orações em que o confronto está ligado (como Fenômeno) a Processos Mentais que implicam ideias de querer, pensar e sentir: enquanto nos exemplos 122 e 123, os Participantes Fenômenos ‘aquela guerra’ e ‘a duel’ indicam aquilo que os Participantes Experienciadores (respectivamente ‘eu’ e ‘they’) desejam/querem, nos exemplos 124 e 125 os Participantes ‘guerrear’ e ‘how to fight’ indicam aquilo que os Experienciadores ‘ele’ e ‘they’ sabem, no exemplo 126, o Participante ‘Guerra’ pode ser entendido como aquilo que diverte um Experienciador (que, pela estrutura da oração, provavelmente é ‘o demo’) e no exemplo 127 ‘da guerra’ indica aquilo de que o Participante ‘ele’ gosta. Embora sejam baixos todos os números relativos a Orações Mentais em que o confronto é Fenômeno, notam-se tendências em construí-lo como algo desejado pelos Participantes Experienciadores (11 casos ao todo, como dito anteriormente) e como uma habilidade que se sabe/domina (nove casos, ao todo).

Quando se observam os números relativos aos Processos Relacionais realizados por nódulos que constroem a ideia de confronto, uma primeira leitura pode apontar para movimentos de constante definição desse confronto: são 19 casos em português em que o confronto desempenha função de Participante em Orações Relacionais no modo identificativo (sendo nove como Identificado e 10 como Identificador) e 12 casos em inglês (três em que o confronto é Identificado e nove em que é Identificador). Ao se analisar esses casos (no nível da oração), no entanto, notam-se estabelecimentos de relações que não apontam para definições precisas sobre o que constitui esse confronto apresentado nas narrativas. Trata-se de Orações como: ‘É guerra!’, ‘Toda guerra é essa’, ‘All war is like that’, ‘War is here!’, etc. Empreendendo-se análises acima do nível da oração, no entanto, notam-se que tais relações tendem a constituir projeções de falas e pensamentos, como mostram os exemplos a seguir (em que são sublinhadas as Orações projetantes):

- Ex. 128. Outra sação, outros tempos. Eu ia para sofrer, sem saber. E, veja, se vinha, eu comande:É guerra, mudar guerra, até quando onça e couro...É guerra!...
- Ex. 129. Eles sabem, Riobaldo. Toda guerra é essa...Diadorim me respondeu. E eu estava sabendo que eu já dizer aquilo era traição. Era?
- Ex. 130. "They know that, Riobaldo. All war is like that," Diadorim answered. And I knew that just saying what I had was a betrayal of Zé Bebelo [...]
- Ex. 131. I was heading for suffering, without knowing it. See for yourself. "War is here!" I proclaimed, "War is here! We will fight tooth and claw!" They all approved and start

Dos 31 casos de Orações Relacionais no modo identificativo, 14 (sendo 11 em português e três em inglês) podem ser vistas como projeções de falas e pensamentos. A proposta da análise aqui empreendida, no entanto, é insuficiente para analisar tais casos com mais propriedade – vale a indicação, no entanto, de que seria interessante que outra proposta de pesquisa se concentrasse na investigação de como se dão as de falas e pensamentos apresentadas no corpus e de quais significados essas projeções constroem.

Dos 17 casos restantes de Orações Relacionais, sete (dois casos em português e cinco em inglês) se referem a definições sobre os guerreiros (e seus papéis nas narrativas); seis (três em português e três em inglês) são definições sobre o que constitui a guerra/confronto. A seguir, são apresentados exemplos dos agrupamentos feitos Orações Relacionais:

- Ex. 132. [...] a gente sabia dos que queriam qualquer reles suficiente consolo. E eram brabos sarados guerreiros, que nunca noutro ar. Coisas. Canta que cantavam, de dia, nenhum sabia pé-de-verso direito, ou não
- Ex. 133. I did, bringing with me war and destruction, at the head of my men, my own war. I am a full fledged fighter and I wanted to measure arms with other valiant men.

Ex. 134. [...], então a gente se reunia em bando grande, depois tornava a em grupozinhos se apartar. A guerra era a igual. E ali dava de se sentir o faltoso e o imperfeito, como no mais acontece, [...]

Ex. 135. [...]we would first gather into a large band, and then break up into small groups and scatter. The war was the same, but there we felt to a greater degree the lacks and the imperfections which occur [...]

Nos exemplos 132 e 133, podem ser vistas duas definições sobre guerreiros: no primeiro exemplo, é estabelecida a relação de um ‘eles’ elíptico como ‘brabos sarados guerreiros’ e no segundo, a relação de um ‘I’ explícito como ‘a full fledged fighter’. Já nos exemplos 134 e 135, são apresentadas duas definições de em que consiste a guerra: em ambos os casos, apontando a guerra como sendo ‘igual’. Embora haja a possibilidade de entender essa definição de ‘a guerra ser igual’ como uma comparação estabelecida com o movimento apresentado na oração anterior (que se direciona do maior para o específico), os dados podem ser lidos de, pelo menos, duas formas:

- a) como um indicativo de uma falta de clareza sobre em que consiste a guerra do que tal comparação (nos outros casos, tanto em português quanto em inglês, são estabelecidas relações entre o Participante ‘a guerra’ e sua característica de ser uma mesmice e com o momento em que a guerra se desenrola ser o ‘agora’), ou;

- b) como uma definição ‘eufemística’ da guerra – entendendo eufemismo não apenas como uma figura de linguagem que diz respeito ao uso de termos que visam suavizar uma expressão, mas como o uso de “palavras vagas como meio de fazer algo parecer mais positivo do que poderia parecer de outra forma”⁷⁷, segundo a definição de Jones e Peccei (2004, p.48), reiterada por Simpson e Mayr (2010, p.45) –, que pode ser entendida como uma tentativa de transformar o confronto direto como uma experiência menos bruta para as partes envolvidas.

Os quatro casos restantes (três casos em português e um em inglês) não são agrupados, por não apresentarem características comuns entre si que justifiquem a formulação de outro agrupamento.

Os dados referentes à construção do conflito como Participante parecem apontar para uma falta de controle e clareza do narrador sobre o confronto: embora em alguns momentos esse narrador chegue a construir o confronto como um bem tangível, ele, em geral, coloca o confronto como um ente capaz de se iniciar, desenvolver e concluir com certa independência dos humanos nele envolvidos, sem conseguir apresentar definições (ou estabelecer relações) mais precisas sobre o processo de confronto.

Por fim, ainda seguindo o método de pesquisa (informado na seção 4.2.2), são classificadas as Circunstâncias identificadas na construção experiencial da situação de confronto. Os resultados estão apresentados na Tabela 8 (a seguir) e no Gráfico 12 (na página 175) e comentados em seguida:

Circunstâncias	Subcategoria	<i>Grande Sertão: Veredas</i>		<i>The devil to pay in the backlands</i>	
Extensão	Extensão	0	0,0%	1	1,5%
Localização	Localização	26	48,1%	33	50,0%
Modo	Meio	0	0,0%	0	0,0%
	Qualidade	12	22,2%	15	22,7%
	Comparação	0	0,0%	0	0,0%
	Grau	0	0,0%	0	0,0%

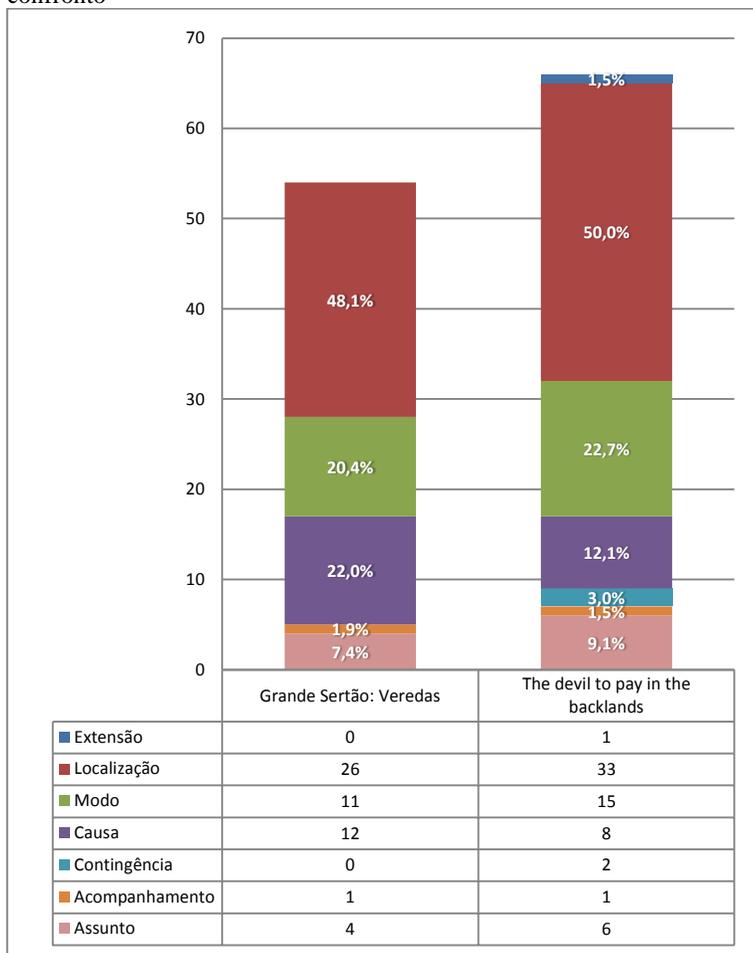
⁷⁷“vague words as a means of making something seem more positive than it might otherwise appear”.

Causa	Propósito	10	18,5%	7	10,6%
	Razão	1	1,9%	1	1,5%
	Benefício	0	0,0%	0	0,0%
Contingência	Condição	0	0,0%	0	0,0%
	Falta	0	0,0%	1	1,5%
	Concessão	0	0,0%	1	1,5%
Acompanhamento	Comitativo	1	1,9%	1	1,5%
	Aditivo	0	0,0%	0	0,0%
Papel	Guisa	0	0,0%	0	0,0%
	Produto	0	0,0%	0	0,0%
Assunto	Assunto	4	7,4%	6	9,1%
Ângulo	Fonte	0	0,0%	0	0,0%
	Ponto de vista	0	0,0%	0	0,0%
	TOTAL	54	100,0%	66	100,0%

Tabela 8 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do confronto

A seguir, os mesmos dados apresentados na Tabela acima estão apresentados em formato gráfico (noGráfico12), com vistas a facilitar a compreensão das informações por meio de uma representação visual. Comentários sobre a tabela e os gráficos são apresentados na sequência:

Gráfico 12 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial do confronto



A Tabela 8 (na página 174) e do Gráfico 12 (acima) mostram os tipos de Circunstância que o confronto direto representa nas narrativas. Ao todo, identificam-se 54 Circunstâncias em português e 66 em inglês. Dentre esse total, pode-se dizer que as quatro principais (quando o confronto é construído como Circunstância) são as de: Localização, Modo, Causa e Assunto. A seguir, são apresentados exemplos desses casos:

- Ex. 136. Num ponto me agradei: então, em guerra, quase não se morre? E, mesmo, nas más horas é que vem bom consolo: [...]
- Ex. 137. 'Nhô Ricardão opened fire, at Ribeirão do Veado. Titão Passos got thirty or more of them, in a hot fight at the spur of the sierra."The Bebelos had scattered, half-crazy, in the face of hard facts and [...]
- Ex. 138. Quadrante o que havia, me esconjuro. Parecia que a gente ia ter de passar o resto da vida guerreando com os praças? Mas nosso constar era outro, com sangue de urgência – aquela luta de morte contra [...]
- Ex. 139. It suits you, Professor, to be mounted so handsomely. It will be good to see you looking smart, fighting the good fight, when the time comes!
- Ex. 140. É o que acho, por mim é o que declaro com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: [...]
- Ex. 141. I left him more or less as a fugitive. I left him because I wanted to, and I came here to fight, under famous chieftains, you yourselves.
- Ex. 142. [...], somentemente, espaço disso me alegrava, eu não havia de querer conversar reportório de tiros e combates, eu queria calado a conseqüência dele. Ao modo que eu nem conhecia bem o estorvo que eu sentia.
- Ex. 143. "I want to write up my exploits in the newspapers, with pictures. I'll tell about our battles, the fame that is our due." "Not mine, no, sir," I said.

Os exemplos 136 a 143 apresentam os principais tipos de Circunstância construídas pelas situações de confronto direto. Nos exemplos 136 e 137, podem ser vistos dois exemplos de Circunstância de Localização: no primeiro caso, ‘em guerra’ indica onde (em que lugar espaço-temporal) se desenrola o Processo de ‘quase não se morre’, assim como no segundo caso, ‘in a hot fight’ indica o local onde o Participante ‘Titão Passos’ realiza o Processo de ‘got thirty or more of them’. Nos exemplos 138 e 139, são apresentados casos em que o confronto (por meio dos grupos ‘guerreando’ e ‘fighting the good fight’) implica Circunstâncias de Modo (indicando, respectivamente, a forma como o Participante ‘a gente’ realiza o Processo de ter que passar o resto da vida e de que forma seria bom ver o Participante ‘you’). Nos exemplos 140 e 141, ‘guerrear’ e ‘to fight’ constroem, como Circunstâncias, o propósito para o qual os Participantes (‘ele’ elíptico e ‘I’ explícito) vieram (ele veio com o objetivo/propósito de guerrear e eu vim com objetivo/propósito de ‘to fight’). Por último, nos exemplos 142 e 143, ‘reportório de tiros e combates’ e ‘our battles’ indicam os assuntos sobre os quais os Participantes (‘eu’ e ‘I’) conversam e contam.

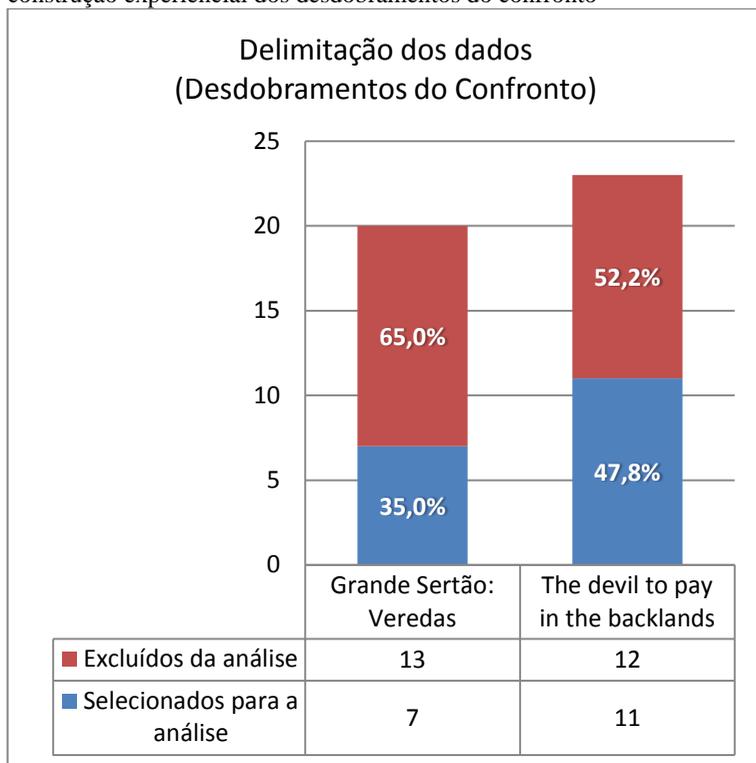
Verifica-se assim que os confrontos acompanham – enquanto circunstâncias – os Processos, acrescentando-lhes informações sobre diferentes espectros da realidade, indicando desde as localizações espaço-temporais dos Processos, a forma como esses Processos são realizados, os propósitos que justificam as realizações desses Processos e os assuntos sobre os quais se fala quando os Processos Verbais são realizados.

A subseção a seguir dá continuidade à análise dos dados e discussão, a partir dos resultados da investigação sobre a construção experiencial dos desdobramentos do confronto (mais precisamente sobre as derrotas e vitórias decorrentes dos confrontos) no corpus de pesquisa.

4.4. A CONSTRUÇÃO EXPERIENCIAL DOS DESDOBRAMENTOS DO CONFRONTO

Como apontado na seção 4.2.1, para analisar a construção experiencial dos desdobramentos do confronto, selecionam-se os vocábulos agrupados sob os lemas DERROT* ('Derrota', 'Derrotadas', 'Derrotado'), VITORI* ('Vitória', 'Vitórias'), DEFEAT* ('Defeat', 'Defeated', 'Defeats'), VICTOR* ('Victories', 'Victorious', 'Victory'). Como dito nas seções anteriores, as linhas de concordância que têm esses nódulos são levantadas com o software *AntConc 3.2.4w*, analisadas com vistas a selecionar as que se encaixam na pesquisa aqui proposta e classificadas segundo as categorias experienciais realizadas por esses desdobramentos do confronto. Inicialmente, são apresentados,

Gráfico 13 – Proporção de dados selecionados e excluídos da análise da construção experiencial dos desdobramentos do confronto

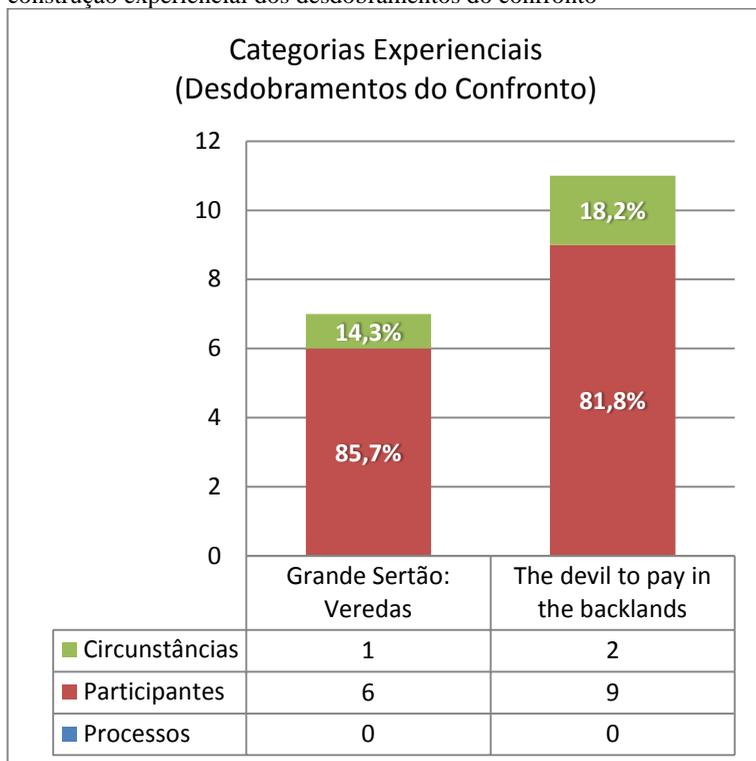


Assim como nos casos do Gráficos 3 e 8 (apresentados, respectivamente, nas páginas 138 e 158), as razões para a exclusão dessas linhas de concordância são baseadas nas decisões de pesquisa (apresentadas na seção 4.2.2) e os números totais do trabalho de exclusão estão apresentados na seção anterior (5.1). Os números parciais relativos ao conjunto de dados selecionado para analisar a construção experiencial dos desdobramentos do confronto estão apresentados no Gráfico 13 (acima) para apontar o baixo número absoluto de casos: são levantadas, para a investigação da construção experiencial dos desdobramentos do confronto 43 linhas de concordância (20 em português e 23 em inglês) – um total bastante inferior às 137 linhas referentes à construção experiencial do inimigo e às 579 referentes à construção experiencial do confronto. Esses números podem ser vistos como um indício de que as vitórias e derrotas têm menos importância (para a narrativa) do que o confronto em si.

Além do baixo número absoluto de casos, dessas 43 linhas levantadas, é destacável (no Gráfico 13) que a proporção de dados que se encaixa nos parâmetros da análise aqui proposta também se mostra menor do que nos demais três eixos selecionados para a investigação do conflito armado entre grupos litigantes: nas duas línguas, menos de 50% dos dados levantados para se investigar a construção experiencial dos desdobramentos do confronto se encaixam nos parâmetros pré-estabelecidos para esta investigação.

Após levantar os dados e delimitar apenas aqueles que interessam para esta pesquisa, classificam-se os 18 dados selecionados para análise da construção experiencial dos desdobramentos do confronto (sete em português e 11 em inglês) segundo as categorias experienciais por eles realizadas. O resultado desse processo está apresentado no Gráfico a seguir:

Gráfico 14 – Distribuição das categorias experienciais pelas quais se dá a construção experiencial dos desdobramentos do confronto



O Gráfico 14 (acima) mostra a distribuição dos sete dados em português e dos 11 em inglês selecionados para análise da construção experiencial dos desdobramentos do confronto. Em 85,7% dos casos em português e em 81,8% dos casos em inglês, os desdobramentos do confronto são construídos experiencialmente por meio de Participantes e no restante dos casos (14,3% em português e 18,2% em inglês) os desdobramentos do confronto são construídos por meio de Circunstâncias. Nenhum dos dados investigados nesta etapa é classificado sob a categoria de Processo.

Embora a classificação segundo as categorias experienciais indique a predominância de Participantes (mais de 80% dos casos em ambas as línguas), com poucas Circunstâncias (menos de 19% dos casos em ambas as línguas) e nenhum Processo, o baixo número absoluto de casos não favorece o estabelecimento de maiores conjecturas a respeito das características de transitoriedade *versus* permanência dos desdobramentos do confronto no corpus da pesquisa.

Dentre os 15 Participantes identificados, destacam-se aqueles que realizam funções em Orações Mentais e de Processo Relacional, como mostram os Gráficos 15 e 16, a seguir:

Gráfico 15– Participantes na construção experiencial das resoluções/desdobramentos do confronto em *Grande Sertão: Veredas*

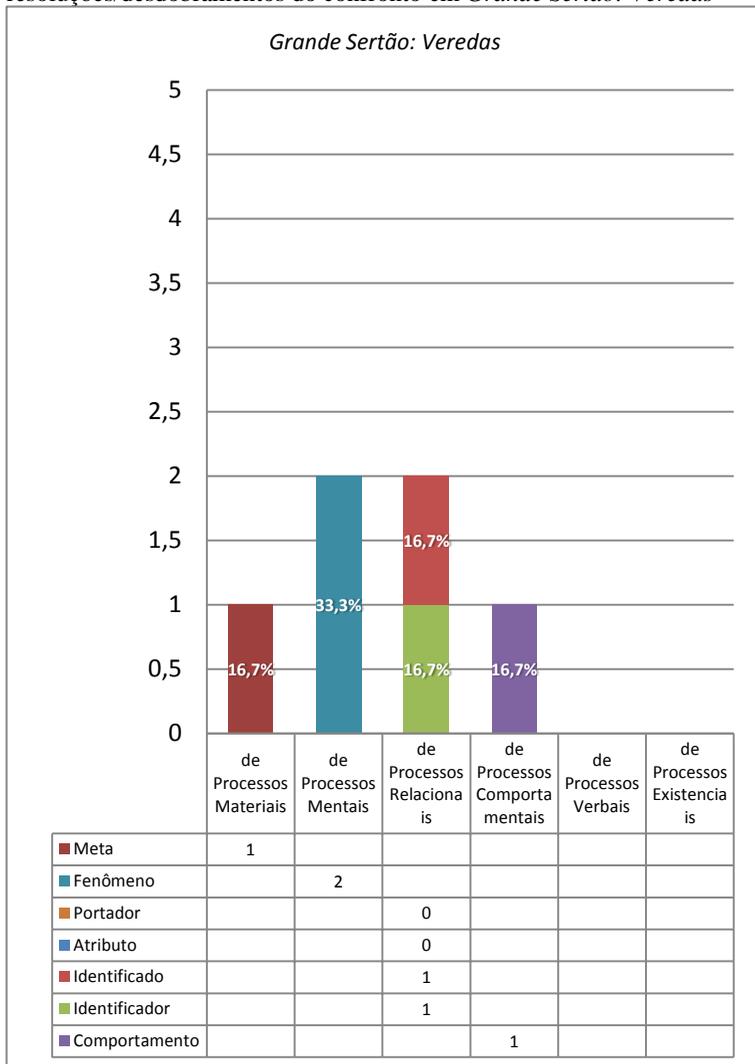
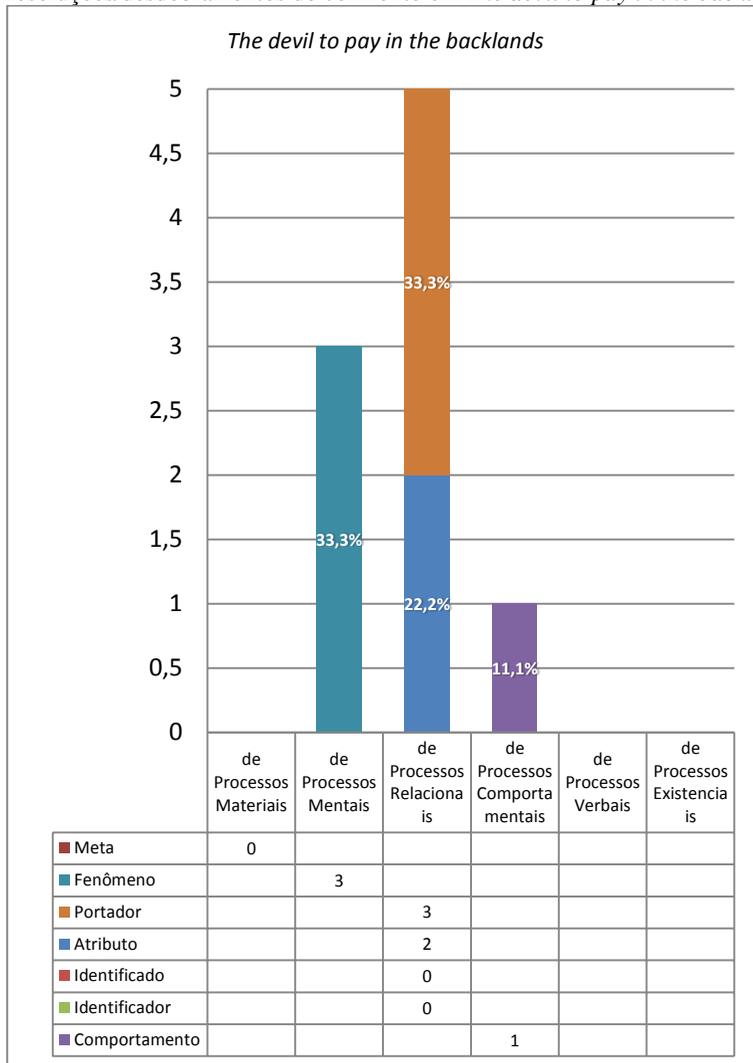


Gráfico 16– Participantes na construção experiencial das resoluções/desdobramentos do confronto em *The devil to pay in the backlands*



Nos Gráficos 15 e 16, é possível ver que, enquanto Participantes, os desdobramentos do confronto realizam, principalmente Processos Relacionais e Mentais. Analisando-se as Orações Relacionais, nota-se, em inglês uma tendência em construir esses desdobramentos por meio de relações atributivas (são três os casos em que os desdobramentos são Portadores e dois os casos em que são Atributos). Já em português não se nota a mesma tendência (havendo apenas dois casos de Orações Relacionais: uma em que o Participante pode ser classificado como Identificado e uma como Identificador. O exemplo a seguir traz um caso em que a vitória, enquanto desdobramento dos confrontos, é construída como Participante em um Processo Relacional de uma oração não reversível (e portanto atributiva):

Ex. 144. Everyone showered
 compliments and words of praise on me
 because my victory had been won hand-to-
 hand. If it had been by shooting, they
 would not have admired me as much[...]

No exemplo (Ex. 144) é apresentado um caso em que o Processo ('had been won') pode ser classificado como Relacional Atributivo. Tal classificação leva em consideração que o Processo estabelece relação de posse. No caso, a oração implica a ideia da vitória ('my victory') como algo cuja posse se dá após a realização do Processo ('had been won') e que pode ser classificada como Atributo (pelo fato de a oração na voz passiva, poder ser entendida como equivalente, na voz ativa à 'I had won the victory').

Enquanto Participante em Orações Mentais, os desdobramentos são marcados por uma construção negativa de sentimentos em relação às vitórias conquistadas. Os exemplos a seguir ilustram esse caso:

Ex. 145. E aceitei nossa vitória!” Seja ou
 não se aquele negócio entendessem, os
 companheiros aprovavam. Até Diadorim.

Ex. 146. Inda que avante, Zé Bebelo
 mesmo devia de estar curtindo más e
 piores: fio que ele amargava a vitória que
 tinha inventado. Noção dos inimigos
 nossos, que, seja lá por onde, puxavam
 posse de sua munição[...]

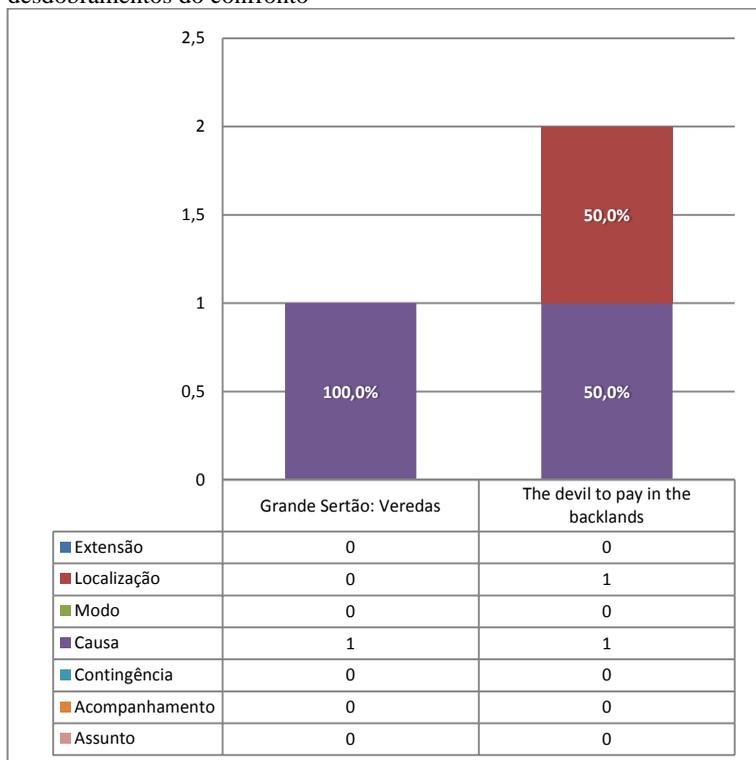
Ex. 147. What I did was to set things up for our next move. And I accepted our victory!" Whether or not they understood what he was talking about, they gave their approval.

Nos exemplos (145, 146 e 147) podem-se notar as vitórias, enquanto desdobramentos dos confrontos, construídas como Participantes em Processos Mentais. Nos exemplos, pode-se ver sentimentos relativos a esses eventos, no entanto, não têm características claramente positivas (não resultando em comemorações), e sim apontam para as vitórias como passíveis de aceitação e capazes de causar amargor em seus Experienciadores.

Quando se leva em consideração que vitórias tendem a ser o resultado esperado pelos grupos humanos que se encontram em situações de confronto direto, a atribuição de sentimentos não necessariamente positivos à vitória, pode abrir espaço para se questionar se as vitórias são realmente o objetivo final buscado pelos grupos litigantes no corpus. Os baixos números relativos aos desdobramentos enquanto Participantes em Orações, no entanto, não permitem o estabelecimento de maiores conjecturas sobre os casos.

Por fim, as Circunstâncias empregadas na construção experiencial dos desdobramentos do confronto são classificadas e os dados estão representados graficamente a seguir:

Gráfico 17 – Circunstâncias relacionadas à construção experiencial dos desdobramentos do confronto



Mais uma vez, são baixos números relativos às Circunstâncias empregadas na construção experiencial dos desdobramentos do confronto: apenas três casos são identificados (um em português e dois em inglês). Em português, a Circunstância identificada constrói a ideia de Causa do Processo realizado na oração, ao passo que em inglês uma das Circunstâncias constrói a ideia de Localização e a outra, de Causa. Todos os três casos estão apresentados a seguir:

Ex. 148. Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: [...]

Ex. 149. I saw him take a last look at Diadorim. Sô Candelário shouted: "Hail to Jesus, in routs and victories!" And in an uproar, they set spurs to their horses and dashed away, [...]

Ex. 150. And my godfather described with great pleasure other things which had been freely told him: the combats of the Joca-Ramiro, the skirmishes, the stratagems used to insure victory, a whole bag of stories of every kind of trick and cunning.

Nos exemplos (148, 149 e 150), acima, estão apresentados os casos em que os desdobramentos do confronto acrescentam elementos circunstanciais para os Processos (respectivamente ‘se escabreia’, ‘Hail’ e ‘[that are] used’). No primeiro caso (exemplo 148), a Circunstância ‘com perda nem derrota’ indica a razão que pode levar o Participante (no caso, ‘um jagunço’) a realizar o Processo de se escabrear. No segundo caso (exemplo 149), a Circunstância ‘in routs and victories’ indica a localização temporal em que o Processo de louvamento (‘hail’) é realizado. Por fim, o terceiro caso (exemplo 150), a Circunstância ‘to insure victory’ indica qual o propósito de se usar estratégias – esse terceiro caso, no entanto, é mais problemático que os dois outros, uma vez que o ‘used’ na oração pode ser entendido como um elemento não-finito (o que justificaria a exclusão da linha da análise – no entanto, por serem identificados apenas três casos de Circunstâncias entre os dados levantados, a linha foi mantida).

Por fim, a seção a seguir apresenta considerações que podem ser tecidas a partir da análise dos dados e das principais discussões feitas nesta tese, retomando pontos relevantes e possibilidades de futuras pesquisas e desenvolvimentos que podem ser empreendidos a partir deste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se propôs a analisar a construção linguística de conflitos armados a partir do corpus paralelo, formado pelos textos ficcionais *Grande Sertão: Veredas* e *The Devil to Pay in the Backlands*. O arcabouço teórico desta tese foi constituído por estudos localizados na interface entre a Linguística Sistêmico-Funcional, a Linguística de Corpus e os Estudos da Tradução, além de trabalhos que discutem conceitos e noções de conflito. O desenho metodológico adotado nesta tese foi trabalhado a partir da proposta de Pagano e Figueredo (2011) para investigação de âmbitos da experiência humana e o levantamento de dados utilizou procedimentos utilizados no contexto da Linguística de Corpus.

A investigação foi conduzida a partir de um total de 221 linhas de concordância em português e 265 linhas de concordância em inglês (já apresentando aqui os números relativos aos dados efetivamente selecionados para análise, segundo as decisões de pesquisa descritas na seção 4.2.2) e os dados foram divididos em três eixos – a saber: a) a construção experiencial do inimigo; b) a construção experiencial da situação de confronto direto; e c) a construção experiencial dos desdobramentos dos confrontos –, para facilitar a identificação de padrões linguísticos.

Para guiar o trabalho, buscaram-se respostas para as seguintes perguntas de pesquisa – relacionadas às estruturas oracionais e Categorias Experienciais empregadas nas construções do conflito armado, à relação ‘transitoriedade’ versus ‘permanência’ do conflito e ao perfil experiencial/ideacional do conflito:

- Como o conflito armado é realizado experiencialmente (em termos das funções Participante, Processo, ou Circunstância) no corpus desta pesquisa?
- O que a configuração experiencial do conflito diz sobre a construção da relação ‘transitoriedade’ (representada pelos Processos) versus ‘permanência’ (representada pelos Participantes) dessa experiência?
- Que perfil experiencial emerge da análise do conflito no corpus (quando se analisa o sistema de transitividade)?
- Que padrões linguísticos emergem da análise das instâncias investigadas?

Em relação às duas primeiras perguntas – que tratam sobre o perfil experiencial e a relação transitoriedade versus permanência –, as análises aqui empreendidas apontam que a construção experiencial do inimigo ocorre principalmente por meio de Participantes (tanto em português quanto em inglês, a proporção de Participantes identificados na construção experiencial do inimigo supera o patamar de 80%) – o que confere, à figura do inimigo, aspectos de permanência na linguagem empregada nos textos. A análise da situação de confronto direto mostra esse âmbito da experiência humana sendo construído, também nas duas narrativas, principalmente por meio de Participantes – o que implica a ideia do confronto como figura perene, dotado da capacidade de realizar Processos (e/ou de tomar parte em diferentes Processos). Já no que diz respeito à construção experiencial dos desdobramentos do confronto, chamam a atenção os baixos números absolutos de casos levantados nesse eixo de investigação tanto em português quanto em inglês – o que permite a leitura de que as vitórias e derrotas (enquanto desdobramentos de confrontos) têm menos importância para a narrativa do que o confronto em si. Embora nesse eixo da análise também se identifique uma predominância de Participantes, o baixo número absoluto de casos não favorece o estabelecimento de maiores conjecturas a respeito das características de transitoriedade versus permanência dos desdobramentos do confronto no corpus da pesquisa.

Em relação à terceira pergunta – que diz respeito aos perfis ideacionais dos eixos investigados –, a análise mostra que, dentre os Participantes envolvidos na construção do inimigo, predominam os ligados a Processos Materiais, em especial os que podem ser classificados como Atores (tanto em português quanto em inglês, quase 30% dos Participantes ligados à construção do inimigo são classificados como Atores). Tal predominância implica a ideia do ‘inimigo’ como um ente definido por meio de suas ações e não de seus atributos, pensamentos, ou palavras.

Dentre os Participantes envolvidos na construção experiencial do confronto predominam os ligados a Processos Materiais: em português, os principais números são referentes à construção do confronto como Ator e Meta (ambos com 16 casos, o que corresponde a 17,4% do total), mas também se destaca a proporção de Fenômenos (16,3% do total). Já em inglês os principais números estão ligados ao confronto como Ator (22,3% dos casos) e como Meta (20,4%), mas também se destaca a proporção de Portadores (21,4%). Essa predominância de Participantes ligados a Processos Materiais condiz com a natureza do fenômeno analisado – considerando-se que confrontos armados tendem a se desenvolverem na natureza externa aos indivíduos. Já quando a construção do confronto direto ocorre por meio de Circunstâncias, identifica-se o confronto permeando diferentes espectros da realidade, indicando localizações espaço-temporais, formas como Processos são realizados, propósitos que justificam as realizações de Processos e assuntos sobre os quais os Dizentes de Processos Verbais falam.

Quanto aos Participantes envolvidos na construção das vitórias e derrotas (considerados como desdobramentos do confronto), os dados apontam que esses desdobramentos realizam, principalmente Processos Relacionais e Mentais, havendo, em inglês, uma tendência em construir vitórias e derrotas por meio de relações atributivas não se notando tendência similar em português (com apenas dois casos de Orações Relacionais em português).

Por fim, em relação à última pergunta de pesquisa – que diz respeito a padrões linguísticos identificados nas Orações analisadas –, destacam-se na construção linguística do inimigo as comparações com análises de Butt, Lukin e Matthiessen (2004). Nesse eixo da investigação, foram possíveis estabelecimentos de diálogos no que diz respeito a construções do inimigo, passando questões ligadas a prosódia semântica quanto à construção de uma característica mais ameaçadora no corpus investigado pelos três autores, o que parece, dentro da análise por eles proposta, atender a um expediente conhecido como *in-group/out-group hypothesis*, segundo o qual, a coesão interna de uma sociedade aumenta quando ela se vê confrontada com uma ameaça externa.

Dentre os padrões linguísticos relacionados à construção linguística das situações de confronto direto, chamam a atenção, em português, os casos em que os confrontos são Atores que realizam Processos que indicam uma capacidade de se auto-começar, desenvolver e terminar, o que abre espaço para se dizer que, nas narrativas, os membros dos grupos litigantes são colocados em posição coadjuvante no desenvolvimento dos eventos de confronto, ao passo que as guerras e conflitos passam a ter papel de destaque sobre si próprios. Quando construído como Meta, destaca-se o confronto sendo apresentado como algo passível de posse, aquisição ou recepção, mais do que algo que pode ser travado, vencido e perdido pelos indivíduos.

Por fim, dentre os padrões identificados relativos à construção dos desdobramentos dos confrontos, chama a atenção a atribuição de sentimentos não necessariamente positivos às vitórias obtidas pelos grupos. Levando em consideração que vitórias tendem a ser o resultado esperado pelos grupos humanos que se encontram em situações de confronto direto, a recorrência de reações negativas a esses eventos abre espaço para questionar se as vitórias são realmente o objetivo final buscado pelos grupos litigantes no corpus – infelizmente, no entanto, os baixos números relativos aos desdobramentos dos confrontos não permitem o estabelecimento de maiores conjecturas sobre os casos.

A seção a seguir conclui esta tese, apresentando indicações de desenvolvimentos e futuras pesquisas.

5.1. INDICAÇÕES DE PESQUISAS FUTURAS

Esta subseção apresenta sugestões e indicações de futuras pesquisas. Aglutinam-se aqui questões que surgem ao longo da elaboração desta tese, mas que não são desenvolvidas por ultrapassarem o escopo da pesquisa.

O primeiro ponto a ser retomado está apontado na seção 2.4. Diz respeito à discussão realizada por Lickel (2012) em torno dos mecanismos de vingança e retribuição observáveis em ambientes de conflito. Acredita-se aqui que a discussão de Lickel (2012) pode contribuir para uma análise psicossociológica do personagem de Diadorim e sua empreitada de vingança contra o personagem de Hermógenes pelo assassinato de Joca Ramiro. Na narrativa, são identificáveis os processos discutidos por Lickel (2012) – como os de raiva, ruminação, desenvolvimento de percepções, etc. – e é possível conjugar os textos para se trabalhar questões de circularidade e retroalimentação de conflitos, retribuição de agressões iniciais e percepções sobre culpas e noções de justiça.

O segundo e o terceiro pontos a serem retomados estão apontados na seção 4.1. O segundo ponto diz respeito a um possível projeto de descrição e mapeamento linguístico do conflito em diferentes registros e gêneros textuais. Embora a pesquisa aqui apresentada tenha tentado se manter restrita à análise de instâncias de conflito no corpus, o desenho metodológico proposto por Pagano e Figueredo (2011) favorece uma ampliação do escopo da pesquisa e pode levar a discussões sobre os recursos linguísticos empregados para construir e justificar conflitos, bem como sobre as motivações para o uso de cada um desses recursos e eventuais variações em diferentes gêneros textuais. O terceiro ponto diz respeito a possibilidades de análise dos casos excluídos da investigação aqui empreendida (devido aos critérios expostos no método de pesquisa). Para Assis (da Universidade Federal da Paraíba), embora não se encaixem na proposta deste trabalho, esses casos excluídos têm potencial para revelar padrões linguísticos e outras informações sobre construções do conflito. Embora totalmente cabível, a sugestão do professor não é aqui acompanhada devido à limitação temporal a que este trabalho está submetido.

O quartoponto a ser retomado está apontado na seção 4.2.2 e está relacionado à possibilidade de investigação também levantada por Assis (da Universidade Federal da Paraíba) a respeito de um possível um processo de metaforização do conflito na linguagem empregada no corpus aqui analisado. A questão levantada pelo professor, não é aqui desenvolvida devido ao baixo número de casos levantados dentro do escopo desta pesquisa (seis casos, apresentados na nota de rodapé⁶⁹, na página 125), mas seria interessante que outras propostas de pesquisa se dedicassem ao questionamento, buscando mais casos (que não estejam no escopo da investigação aqui feita) e analisando o que isso pode representar para a construção da narrativa – um referencial interessante nesse caso seria o trabalho de Hooten (2002) e as observações de Singh (2004), que estudam a metaforização de formas de conflito e o uso de terminologias bélicas em língua inglesa como formas de dessensibilização do público ante os horrores causados por processos de confronto.

O quarto ponto, embora não tenha sido explicitamente apresentados nesta tese pode ser vislumbrado a partir de desenvolvimento de pesquisas linguísticas a partir do referencial teórico acerca de Transformação de Conflitos – como Avruch (2012), Tropp (2012) e Wallensteen (2012) e outros. Em seus trabalhos, os autores lidam com diferentes âmbitos de conflitos (ou decorrentes de conflitos) e abrem espaço para ampliar os temas de investigações linguísticas sobre conflito, como:

- o conflito e a construção de identidades de grupos litigantes;
- análises sobre teoria e prática em Transformação de Conflitos;
- negociação de interesses;
- reconstrução de identidades pós-experiências traumáticas;
- a influência de ideologias e choques ideológicos na construção de conflitos.

O quinto ponto, também não apresentado explicitamente ao longo desta tese, pode ser um desdobramento da análise dos dados referentes ao conflito armado (levantados a partir do corpus desta tese). Uma sugestão dada pela professora doutora Elaine E. Baldissera (da Hong Kong Polytechnic University) sobre a análise do dado conflito a partir de um ponto de vista da Metafunção Interpessoal. Embora não se encaixe na proposta desta pesquisa – de analisar os dados a partir da construção experiencial – a sugestão da professora mostra ter capacidade para revelar informações interessantes sobre as interações entre as partes litigantes e as avaliações que elas fazem (de si próprias e de seus rivais) em situações de conflito.

Por fim, assim como os trabalhos de Halliday (1998) e de Pagano e Figueredo (2011), esta tese estimula a investigação de outros âmbitos da experiência humana, com vistas a se promover uma gramática do cotidiano que aceita e celebra a indeterminação, a variação e a mudança por entender que tal gramática pode possibilitar a elaboração de uma 'teoria da experiência humana' que observe os recursos léxico-gramaticais utilizados e as formas pelas quais a experiência pode ser construída na língua.

Travessia.



REFERÊNCIAS

- ALVES, D. *Aspectos da representação do discurso em textos traduzidos: uma análise de verbos de elocução neutros*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- ALVES, D. ‘Correlações de forças e representatividade dos diferentes países em listas de melhores livros: uma análise polissistêmica das listas divulgadas pelos periódicos *Folha de São Paulo* (1999) e *The Guardian* (2002)’. In: *Dossiê In-Traduções*, v.5, p.122-142, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/C0tgw> - último acesso em 25/09/2012.
- ALVES, D. e MORINAKA, E. *Compilação de procedimentos metodológicos adotados por pesquisadores(as) em Estudos da Tradução e interfaces com as Linguísticas Sistêmico-Funcional e de Corpus*, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/q0Aac> - último acesso em 26/08/2009.
- ALVES, D. e VASCONCELLOS, M. L. B. ‘A Linguística de Corpus e os Estudos da Tradução: Uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010’. (no prelo)
- ANTHONY, L. *AntConc3.2.4w*. Tokyo, Japão: Waseda University, 2011 - disponível em: <http://goo.gl/3GVS> - último acesso em 04/01/2012.
- AVRUCH, K. *Context and Pretext in Conflict Resolution? Culture, identity, power and practice*. Boulder, London: Paradigm Publishers, 2012.
- ASSIS, R. *C.A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. 2004. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

- ASSIS, R. *CA representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O Coração das Trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- BAKER, M. 'Réexplorer la langue de la traduction: une approche par corpus'. In: *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 43, n° 4, 1998, p.480-485. Disponível em: <http://goo.gl/YLln1> - último acesso em 05/05/2011.
- BAKER, M. 'Narratives in and of Translation', *SKASE Journal of Translation and Interpretation*, v.1, n.1, p.4-13. 2005.
- BAKER, M. *Translation and conflict: a narrative account*. New York: Routledge, 2006.
- BAKER, M. 'Reframing Conflict in Translation', *Social Semiotics*, v.17, n.1, p.151-169, 2007.
- BAKER, M. 'Interpreters and Translators in the War Zone: Narrated and Narrators', In MOIRA, Inghilleri e HARDING, Sue-Ann (eds). *Translation and Violent Conflict, Special Issue of The Translator*, v.16, n.2, p.197-222, 2010.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BOLLE, W. 'Vozes da violência no sertão: leitura dramática de um episódio de *Grande Sertão: Veredas*'. In CHIAPPINI, Ligia e VEJMEKKA, Marcel (org.). *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009, p.263-274.
- BUTT, D.G., LUKIN. A., e MATTHIESSEN, C.M.I.M. 'Grammar – the first covert operation of war'. In: *Discourse & Society*.2004, vol. 15(2–3), pp.267-90.
- COHRS, J. C. 'Ideological bases of violent conflict'. In:TROPP, Linda (Ed.). *The Oxford Handbook of Intergroup Conflict*. New York, NY: Oxford University Press, 2012.

- CRUZ, O. M. S. S.; *Harry Potter and the Chamber of secrets e sua tradução para o português do Brasil uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- DURKHEIM, E. *Suicide: A Study in Sociology*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1968 (1ª Ed. 1952).
- *Enciclopédia Itaú Cultural da Literatura Brasileira*. Disponível em: <http://goo.gl/ADfPU> - último acesso em 25/04/2011.
- ‘Entrevista: por que é tão difícil traduzir um escritor brasileiro’. In: *Veja*. Disponível em: <http://goo.gl/rfnVG> - último acesso em 24/09/2012.
- ESPINDOLA, E. B. *Illuminated the Analysis of the Translation is: Systemic Functional Linguistics Strikes Yoda back*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- FEITOSA, M. P. *Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na lingüística sistêmico-funcional*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.
- FLEURI, L. J. *O perfil ideacional dos itens lexicais tradutor/tradutor em "Translator thought history"*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://goo.gl/ahtCQ> - último acesso em: 12/10/2011.
- GUIMARÃES ROSA, João. *The Devil to Pay in the Backlands*. Trad. James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Knopf, 1963.
- HALLIDAY, M.A.K. ‘On the grammar of pain’. In: WEBSTER, J. J. (Ed.). *The collected works of M.A.K. Halliday*. v. 7 (Studies in English Language). London: Continuum, 2005 (1ª Ed. 1998). p.306-336.

- HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Oxford University Press, 2004.
- HOLMES, J. 'Name and Nature of Translation Studies'. In: VENUTTI, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000.
- HOOTEN, J. 'Fighting Words: The War Over Language'. In: *PopPolitics*: 1-7. Disponível em: <http://goo.gl/fZ89Vk> - último acesso em: 17/06/2014
- *Index Translationum*. Disponível em: <http://goo.gl/4HD6J> - último acesso em 23/04/2012.
- JESUS, Silvana Maria de. *Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- JONES, J. e PECCEI, J.S. 'Language and politics'. In: THOMAS, L. et al. *Language, Society and Power: An Introduction*. London: Routledge, 2004 (1ª Ed. 1999).
- LACERDA, P., ARAÚJO, C. *Compilação de exemplos de tipos de processo de acordo com GSF*. Trabalho final do Projeto PAD – Corpora, cognição e discurso, FALE/UFMG, 2004.
- LARSON, J. 'Seasons of love'. IN: LARSON, Jonathan. *Rent*. Intérpretes: Rosario Dawson, Taye Diggs, Idina Menzel, Jesse L. Martin, Adam Pascal, Tracie Thoms, Wilson Jermaine Heredia, e Anthony Rapp. Warners, 2005. 1 CD. Faixa 1.
- LICKEL, B. 'Retribution and revenge'. In: TROPP, Linda (Ed.). *The Oxford Handbook of Intergroup Conflict*. New York, NY: Oxford University Press, 2012.
- MALMKJAER, K. *Linguistics and the language of translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

- MARQUEZINI, F. B. C. 'O buriti e a rosa: aspectos da linguagem em Grande sertão: veredas'. In: *O eixo e a roda*. v. 12, 2006. Disponível em: <http://goo.gl/yC1M3> - Último acesso em: 07/12/2012.
- MATTHIESSEN, C.M.I.M. 'Ideas and New Directions'. In: HALLIDAY, M.A.K. e WEBSTER, J.J. *Continuum Companion to Systemic-Functional Linguistics*. London/New York: Continuum, 2009.
- MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. London and New York: Routledge, 2014.
- MAURI, C. *Um estudo da tradução italiana de Laços de família, de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- MAYR, A. (ed.). *Language and Power: An Introduction to Institutional Discourse*. Continuum: London, 2008.
- PAGANO, A.S. e FIGUEREDO, G.P. 'Gramaticalização da dor em português e espanhol: uma abordagem comparada com subsídios da linguística de corpus e da linguística sistêmico-funcional'. In: VIANA, Vandes & TAGNIN, Stella E.O, *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo, HUB Editorial, 2011.
- PAGANO, A. S. & VASCONCELLOS, M. L. B. 'Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990'. In: *D.E.L.T.A.*, 19:especial, 2003. Disponível em: <http://goo.gl/Vu6EM> - último acesso em 07 de novembro de 2011.
- PINHO, A. "'Divina Comédia" lidera em site literário'. In: *Folha.com*. Disponível em: <http://goo.gl/slQ3J> - Último acesso em: 17/05/2012.

- PIRES, T. B. *The construal of bishop's ideational profile in flores raras e banalíssimas and rare and commonplace flowers: a corpus based translation study*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- REYERO, I., SANTANCHÈ, C. e CECCHETTI, E. 'Sorôco, entre exclusão e inclusão'. In CHIAPPINI, Ligia e VEJMEJKA, Marcel (org.). *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009, p.340-8.
- ROSENFELD, K. H. 'Lenda, Conto, Poema?'. In: *Nonada*. 2007, vol.10, n.10, p.11-24. Disponível em <http://goo.gl/5GQEc2> - Último acesso em 10/05/2014.
- SANTOS, M. F. D. H. *A função do verbo ser no discurso: uma visão sistêmico-funcional*. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.
- SIMPSON, Paul; MAYR, Andrea. *Language and Power: a resource book for students*. New York: Routledge, 2010.
- SINGH, I. 'Language, thought and representation'. In: THOMAS, L. et al. *Language, Society and Power: An Introduction*. London: Routledge, 2004 (1ª Ed. 1999).
- SILVA, F., VASCONCELLOS, M. L. B., FERNANDES, L. P. Semantic prosody and collocational profile in "The black cat" and "O gato preto". In: *X Encontro Nacional de Tradutores / IV Encontro Internacional de Tradutores*, 2009, Ouro Preto. Anais do X Encontro Nacional de Tradutores & IV Encontro Internacional de Tradutores da ABRAPT. 2009. p.974 – 992.
- STEIN, A.A. 'Conflict and Cohesion: a review of the literature'. In: *Journal of conflict resolution*, vol. 20 nº1, 1976. Disponível em: <http://goo.gl/RykbFH> - último acesso em 24 de junho de 2014.

- *Termos de Gramática Sistêmico-Funcional em português, aprovados para utilização pelos participantes na lista de discussão gsfempportugues@egroups.com.* Disponível em: <http://goo.gl/qGRDN> - último acesso em 22/04/2013.
- *The Free Dictionary.* Disponível em <http://goo.gl/S5W1DD> - último acesso em 14/01/2014.
- ‘The top 100 books of all time’. In: *The Guardian*. United Kingdom, 8 de maio de 2002. Disponível em: <http://goo.gl/N92Y> - Último acesso em 14/09/2011.
- TORO, C.G. ‘Translation Studies: An Overview’. In: *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 20, 2007. Disponível em <http://goo.gl/7qJlq> - último acesso em 02/01/2013.
- TRESIDDER, J., *The Complete Dictionary of Symbols in Myth Art and Literature*. London: Duncan Baird, 2004
- VASCONCELOS, S.G.T. ‘João & Harriet (Notas sobre um diálogo intercultural)’. In CHIAPPINI, Ligia e VEJMEKKA, Marcel (org.). *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009, p.73-81.
- VASCONCELLOS, M. L. B. ‘The Fuzzy Place of Linguistics in Translation Studies’. IN: DINIZ e VILELA (Eds.) *Itinerários - Homenagem a Solange Ribeiro de Oliveira*. Belo Horizonte, MG. 2009. p.353-374.
- VASCONCELLOS, M. L. B., MARTINS, R. e FERNANDES, L. ‘Perspectives and Reflections in Clauses and Texts in Translation / Perspectivas e reflexões sobre Orações e textos em tradução’. In: *Scientia Traductionis*. 2014, vol. 15.
- VASCONCELLOS, M.L.B. e PAGANO, A. S.; Explorando Interfaces: Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus. In: *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

- WALLENSTEEN, P. *Understanding Conflict Resolution: War, Peace and the Global System*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE, 2012 (1ª Ed. 2002).
- WEGNER, R. 'Sertões desvendados'. In: *Dados* [online]. 2000, vol.43, n.3, pp.601-626. Disponível em <http://goo.gl/XGR53Q> - Último acesso em 09/05/2014.

A 1. ANEXOS

Como apontado na nota de rodapé 67 (pg. 120), os dados na íntegra não estão disponibilizados neste espaço por se estenderem por 235 páginas. A seguir, são apresentadas capturas de tela da planilha eletrônica em que os dados foram organizados e classificados – a título de ilustração do funcionamento da pesquisa.

A	B	C	D	E	F	G	H	I
Período (Nóduo)	Interpretação do nóduo	Seleção para análise	la Classificação	Transitividade	Classificação do nóduo	Classificação da Circunstância	Subcategoria	Justificativa
1 omizada estatura, foi ver a gente vindo e abriu seus bons braços. Ele estava com próprios trezentos guerreiros . E sempre outros chegavam. Meu irmão Titão Passos... Meu irmão Titão Passos... ele falou, cre	ele estava com guerreiros	Sim	Circunstância	-	-	Acompanhamento	Comitativo	com quem (companhia com quem ele estava)
2 de fato só em coisa à-toa se converou, trivial a respeito de munição e meus armamentos, e avio de guerra . Véspera. As horas é que formam o longe. Mas, agora, ali, em ocasiões de morte, eu respiciei, e, mesm	converou a respeito de avio de guerra	Sim	Circunstância	-	-	Assunto	assunto	sobre o que (assunto da conversa)
3 is a voz: Só quero pergunta: se ele convém em nós dois resolvermos isto à facil? Pergunto para briga de duelo... É o que acho! Carece mais de discussão não... Zé Bebelo e eu nós dois, na	pergunta a respeito de briga de duelo	Sim	Circunstância	-	-	Assunto	assunto	sobre o que (assunto da pergunta)
4 faca!...	pergunta a respeito briga de duelo	Sim	Circunstância	-	-	Assunto	assunto	sobre o que (assunto da pergunta)
5 Só quero pergunta: se ele convém em nós dois resolvermos isto à facil? Pergunto para briga de duelo ... É o que acho! Carece mais de discussão não... Zé Bebelo e eu nós dois, na faca!... Só Cande	pergunta a respeito briga de duelo	Sim	Circunstância	-	-	Assunto	assunto	sobre o que (assunto da pergunta)
6 ali, somentemente, espaço disso me alegrava, eu não havia de querer conversar reportório de tiros e combates , eu queria calado a consequência dele. Ao modo que eu nem conhecia bem o estorvo que eu sentia. Pen	eu não queria conversar de tiros e combates	Sim	Circunstância	-	-	Assunto	assunto	sobre o que (assunto sobre o qual eu não queria conversar)
7 orgulho. Pessoa muito leal e briosa. Ele me disse: Agora, da gente não sei o que vai ser... Para guerra grande, eu acho que só Joca Ramiro é que era capaz... Ah, mas Jolo Goanhá também tinha	só joca era capaz para guerra grande	Sim	Circunstância	-	-	Causa	Propósito	para que (de que joca era capaz)
8 suas cartas ejo. É o que acho, por mim é o que declaro com a opinião dos outros não me assopiro. Que crime? Veio guerrear , como nós também. Perdeu, preteito! A gente não é jaguço? A pois: jaguço com jaguço aos peitos,	veio guerrear	Sim	Circunstância	-	-	Causa	Propósito	para que (para que ele veio)
9 nhamiliar, mesmo, solertes, como se por soldados reconhecidos. Seriam eles assim bons no ruim, para guerra serviam, para meter em fomatuar! Tanto todo o mundo achava graça, meus jaguços queriam pagode. Ah	serviam para guerra	Sim	Circunstância	-	-	Causa	Propósito	para que (para que eles serviam)
10 dele, nunca menti que não estive, todos aqui sabem. Sai de lá, meio fugido. Sai, porque quis, e vim guerrear aqui, com as ordens destes famosos chefes, vós... Da banda de cá, foi que	vim guerrear	Sim	Circunstância	-	-	Causa	Propósito	para que (para que eu vim)
11 briguet, e dei mão leal, a que fez um gesto bonito. Assaz, ai, se espiritou. Ao que, de vez, foi grandeido: ... Ué, vim guerrear , de peito aberto, com estredros. Não vim scolar de difarces, com escondidos e logro.	vim guerrear	Sim	Circunstância	-	-	Causa	Propósito	para que (para que eu vim)

Figura 3 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Circunstâncias entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do confronto em Português).

Microsoft Excel - Consolidação e resumo (com gráficos - dados organizados).xlsx									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	Período (Nóculo)	Interpretação do nóculo	Seleção para análise	1a Classificação	Transitividade	Classificação do nóculo	Classificação da Circunstância	Subcategoria	Justificativa
71	<p>ll I tell you more? I did my share of shooting. Then I took a breathing spell. Have you ever seen a battle? Without thinking, you stop and wait, you wait for their answer. You want a lot of answers, for you</p>	Have you ever seen a battle?	Sim	Participante	Comportamental	Comportamento	-	-	participante (battle) constrói o escopo (como comportamento) do processo comportamental (have seen)
72	<p>action. The plains of Tamanduaí-dão ... write about it. On the plains of Tamanduaí-dão. It was a great battle. There was no warning. I gave battle. As we had wanted it: law against law, fire against fire. Ta</p>	It was a great battle.	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (was) – ref. (to be) lista de processos GSF – participante (battle) existente
73	<p>ng their weapons, ran their fingers over them, caressing them. I talked with everyone. Here was the war -- the war they had wanted. And those backlanders of mine: their faces were becoming like those of</p>	here was the war	sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (here was) – ref. lista de processos GSF – participante (war) existente
74	<p>you saw was a table, a stout table of an aromatic red wood. I didn't understand. In that room, the war seemed shut out, but Zé Bebelo's thinking process -- as I well knew -- was something that crackled</p>	the war seemed shut out	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (seemed) – ref. lista de processos GSF – participante (war) existente
75	<p>Passos, my brother Titão Passos," he said, coming close, "and all of you, brave ones. Now the big fight will take place!" He said that in three days we would set out under arms. João Goanhá was a man of</p>	the big fight will take place	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (take place) – participante (fight) existente - ref. (take place) lista de processos GSF
76	<p>and for disorder. These here are my armies!" It was a pleasure to hear these words. If there was fighting ahead, that man's leadership alone would add strength to our arms. It was Marcelino Pampa's turn</p>	there was fighting ahead	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (there was) – ref. lista de processos GSF – participante (fighting) existente
77	<p>, Luis Pujéu, Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocência, some fifteen altogether. There was a terrible gun battle, but Hermógenes and Ricardo had too many men. As many of the decent ones as could, ran away. Silvi</p>	there was a gun battle	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (there was) – ref. lista de processos GSF – participante (gun battle) existente
78	<p>eration. "Better this way; if not, they'll get hold of it themselves, and then there'll be abuses, fights," he explained. Moreover, there was everything else there, in abundance. Plenty of food, first-rat</p>	there will be fights	Sim	Participante	Existencial	Existente	-	-	processo existencial (there will be) – ref. lista de processos GSF – participante (fights) existente
	<p>ack, but continued observing them without letting myself be seen. It was a good two hours since the battle had started. And it was</p>	the battle had started.	Sim	Participante	Material	Ator	-	-	Participante (battle) realiza o processo material (had started) - ref. lista de processos GSF

Figura 4 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Participantes entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do confronto em Inglês).

Microsoft Excel - Consolidação e resumo (com gráficos - dados organizados).xlsx									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
44	mens rosaram. E foi esse Raaga-em-Baixo, o principal deles, esse, pelo que era, pelo visto, oculto inimigo meu que bullis em suas armas... Saíam aos crespos, luziu face, no a-golpe... Mea revólver falou, b	esse era meu inimigo oculto	sim	participante	relacional	identificador	-	-	processo relacional (era) – oração reversível (identificativo) – participante (inimigo) identificado
45	mo de sua cabeça, ele antes tudo trapeva e guerrevia. Seja por um exemplo: havia uma cava grande, o inimiga estava emboscado dos dois lados, nos socavões, nas paredes. Como era que Zé Bebelo já sabia? Orça	o inimigo está emboscado	sim	participante	relacional	portador	-	-	processo relacional (está) – oração não reversível (atributiva) – participante (inimigo) portador
46	te ia, num vôo de buracos, da banda das senzalas. Assim Zé Bebelo instruiu, e se virou para mim. Inimigo que faz igual numeração, ou menor do que a nossa. Por via disso é que não tomam coragem de dar as	o inimigo está em número igual ou inferior ao nosso	sim	participante	relacional	portador	-	-	processo relacional (está) – oração não reversível (atributiva) – participante (inimigo) portador
47	o Hermógenes? A uivos, atrás dum, rompemos em linha na vereda. Todo butiti levou bala. A mais, o inimigo não tinha o recurso de se apostar por tanto que perdiam os cavalos. Advindo	o inimigo não tinha recurso	sim	participante	relacional	portador	-	-	processo relacional (inha) – oração não reversível (atributiva) – participante (inimigo) portador
48	que o bandedo dali n tanto, que se faz, verte perigo. Pássaro pousoado em moita, que se assuata forte a vôo, dá aviso ao inimigo . Pior são os que têm ninho feito, às vezes esvoaçam aos gritos, no mesmo lugar dão muito aviso. A	pássaro dá aviso ao inimigo	sim	participante	verbal	receptor	-	-	processo verbal (dá aviso) – participante (inimigo) indica a quem a fala é dirigida
49	to, para não assuatar os pássaros que comem sementes no capim, porque o revêo deles havia de dar ao inimigo alto aviso no ar. Solve isto, eu tirei um pé do estribo e ajoelhei no coxim da sela. Porque era a	o revêo dos pássaros havia de dar aviso ao inimigo	sim	participante	verbal	receptor	-	-	processo verbal (havia de dar aviso) – participante (inimigo) indica a quem a fala é dirigida
50	s, deu foi em por água-abaixo, porque os bebelos tinham botado espiação, ou tomado o faro. Assim, o inimigo contornando, em vez de vir simples: e tochando resposta antes de pergunta, fogo	o inimigo contornando em vez de vir	não	-	-	-	-	-	absoluto
51	fino dois mortos, nunca tinha chegado pessoal tão valente feito nós, com tantas capacidades. E queria, logo, logo, o inimigo vindo. Todas as horas tocadas, e de noite com um olho só se ia dormir, que das armas não se larga	o inimigo vindo	não	-	-	-	-	-	absoluto
52	tá é matando!... Assim era, real, verdadeiramente de repente, caído como chuva: o raço de guerra, inimigos terríveis investindo. São eles, Rôbaldo, os Hermógenes! Doadorim aparecido ali, em minha fre	inimigos terríveis investindo	não	-	-	-	-	-	absoluto
53	vez estava ensinando a um Etelviinho, a troco de quarenta mil-réis, como é que se faz a arte de um inimigo ter de errar o tiro que é destinado na gente. Do que deu o preceito: ... Só o sangue-fino de fe	a arte de fazer um inimigo ter de errar	não	-	-	-	-	-	absoluto

Figura 5 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistos exemplos de classificação de Participantes entre os dados selecionados para analisar a construção experiencial do inimigo em Português).

Microsoft Excel - Consolidação e resumo (com gráficos - dados organizados).xlsx							
	A	B	C	D	E	F	G
1	Confrontos						
2							
3	Delimitação dos dados	Grande Sertão: Verdades			The devil to pay in the backlands		
4	Excluídos da análise		117	41,3%	96	32,4%	
5	Selecionados para análise		166	58,7%	200	67,6%	
6	Total		283	100,0%	296	100,0%	
7	Não classificados / Vazios		0	-	0	-	
8	Inconsistências numéricas		0	-	0	-	
9							
10	Categorias Experienciais	Grande Sertão: Verdades			The devil to pay in the backlands		
11	Processo		20	12,0%	31	15,5%	
12	Participante		92	53,4%	103	51,9%	
13	Circunstância		54	32,5%	66	33,0%	
14	Total		166	100,0%	200	100,0%	
15	Não classificados / Vazios		0	-	0	-	
16	Inconsistências numéricas		0	-	0	-	
17							
18	Transitividade	Grande Sertão: Verdades			The devil to pay in the backlands		
19	Materal		52	46,4%	76	56,7%	
20	Mental		17	15,2%	9	6,7%	
21	Relacional		31	27,7%	37	27,6%	
22	Comportamental		7	6,3%	4	3,0%	
23	Verbal		3	2,7%	1	0,7%	
24	Existencial		2	1,8%	7	5,2%	
25	Total		112	100,0%	134	100,0%	
26	Não classificados / Vazios		0	-	0	-	
27	Inconsistências numéricas		0	-	0	-	
28							
29	Classificação dos Participantes	Grande Sertão: Verdades			The devil to pay in the backlands		
30	Aitor		16	17,4%	23	22,3%	de Processos Materiais
31	Meta		16	17,4%	21	20,4%	
32	Escopo		0	0,0%	1	1,0%	
33	Recebedor		0	0,0%	0	0,0%	
34	Cliente		0	0,0%	0	0,0%	
35	Atributo de Processo Material		0	0,0%	0	0,0%	
36	-						
37	Experienciador		2	2,2%	0	0,0%	de Processos Mentais
38	Fenômeno		15	16,3%	9	8,7%	
39	-						
40	Portador		10	10,9%	22	21,4%	de Processos Relacionais
41	Atributo		2	2,2%	3	2,9%	
42	-		0	0,0%	3	2,9%	

Figura 6 – Captura de tela da planilha em que estão organizados os dados (na figura, podem ser vistas as sistematizações de resultados da classificação referente à construção experiencial do Confronto).